

PRAZER! REICH!

Fabício Inácio de Oliveira

PRAZER! REICH!
A base de uma educação livre

Uberlândia

2008

Fabício Inácio de Oliveira
2008

PRAZER! REICH!

Fabício Inácio de Oliveira

PRAZER! REICH!
A base de uma educação livre

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora Dr^a Maria Veranilda Soares Mota
Área de concentração: Práticas e Saberes Pedagógicos

Uberlândia

2008

Fabício Inácio de Oliveira
2008

PRAZER! REICH!

Fabício Inácio de Oliveira

Prazer! Reich! - A base de uma educação livre

Uberlândia, agosto de 2008

Banca examinadora

Dr^a Maria Veranilda Soares Mota, Universidade Federal de Uberlândia.

Prof^a. Dr^a. Lúcia Helena Pena Pereira - UFSJ Universidade Federal de São João Del Rey.

Dr^a Mara Rúbia Alves Marques, Universidade Federal de Uberlândia.

PRAZER! REICH!

DEDICATÓRIA

Aos super-humanos extraordinários que lutam pelo bem, possível mesmo que utópico.

Aos amores idealizados.

PRAZER! REICH!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pelo incentivo durante 24 meses e à professora M. Veranilda pela parceria.

PRAZER! REICH!

EPÍGRAFE

A fim de aprender a finalidade e o sentido da vida, é preciso amar a vida por ela mesma, inteiramente; mergulhar, por assim dizer, no redemoinho da vida, somente então apreender-se-á o sentido da vida, compreender-se-á para que se vive. A vida é algo que, ao contrário de tudo criado pelo homem, não necessita de teoria, quem apreende a prática da vida também assimila sua teoria.

Wilhelm Reich em 'A Revolução Sexual'

RESUMO

Uma pesquisa embasada na obra de Reich e sua ligação com a educação. Foi intenção trilhar o caminho teórico pela obra autoral de Reich para que as evidências na relação educacional fossem alcançadas de maneira primária, ou, ao menos, com menos filtros interpretativos possíveis. O entendimento do cenário político e filosófico da Europa no recorte cronológico de 1920 a 1951, principalmente no que se refere à constituição e influência do pensamento freudiano, foi muito importante para responder à pergunta motivadora da pesquisa: é possível pensar a obra de Reich como base epistemológica para uma 'outra' educação?

OLIVEIRA, Fabrício Inácio de. Prazer! Reich! - A base de uma educação livre. 2008. 118 f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

Palavras-chaves: 1. Reich. 2. Educação. 3. História.

PRAZER! REICH!

ABSTRACT

A search based on the work of Reich and its connection with education. It was intended along the theoretical way by work of Reich to the evidence in relation with education were reached on a primary manner or, at least, with fewer interpretative filters. The understanding of the philosophical and political time of Europe in 1920 - 1951, mainly regarding the establishment and influence of Freudian thought, was very important to answer the question motivating the search: you may think the work of Reich as a basis epistemological to "another" education?

OLIVEIRA, Fabrício Inácio de. *Pleasure! Reich! -- The basis of a free education*. 2008. 118f, Dissertation the Masters. Postgraduate Program in Education, Federal University of Uberlandia, Uberlândia, 2008.

Keywords: 1. Reich. 2. Education. 3. History.

SUMÁRIO

Introdução: Uma pesquisa em minha vida.

- E algumas considerações técnicas e metodológicas

Capítulo 1: A educação nas principais obras de W. Reich

- Publicações de Reich – Vestígios de uma outra educação

Capítulo 2: Reich, a Psicanálise e uma maneira de educar

- Reich versus Freud: guardiões da natureza humana

Conclusão

INTRODUÇÃO

“O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil”.

Como cheguei aqui? Não é precisamente um questionamento de cunho filosófico, nem existencial, é mais a tentativa de produzir os significados de minha própria trajetória. Foi a pergunta que fiz quando me percebi escrevendo sobre a história e a educação do século XX e apontando discussões sobre um médico austríaco que viveu na Europa e no norte da América, mas nem ao menos perto chegou do Brasil. Pareceu necessário me explicar procurando me entender.

Nasci em 1978, em Uberlândia, cidade mineira situada na planície central do Brasil. O regime político do país estava numa transição “lenta, gradual e segura¹” de uma ditadura militar para uma abertura democrática. Meu pai foi trabalhar no norte do estado de Goiás, Araguaína (hoje Tocantins), e eu fui junto, minha mamãe e duas irmãs. Lá eu freqüentei uma creche na qual brincava muito.

Sobre a minha educação eu me lembro do primeiro dia na escola alfabetizadora, já de volta a Uberlândia, assim: a minha mãe e eu na entrada da escola, ela forçando um sorriso e dizendo que eu ia gostar, mas o corpo dela dizia que não queria me deixar ir. Fiquei confuso e nervoso por muitos meses, batia em muitos meninos por vários motivos, sentia muita saudade do meu pai que ficou afastado de mim já que havia se descasado com minha mãe e não participou de minha vida escolar. Eu, do meio jeito infantil, tentava

¹ Está expressão é atribuída ao presidente General Ernesto Geisel (1974-1978), que iniciou o movimento de redemocratização do país, visto que, uma grave crise econômica estava se formando, devido, segundo os historiadores e economistas, principalmente ao aumento da dívida externa e da inflação nos anos em que o Brasil foi administrado pelos militares.

‘resolver’ ou ao menos demonstrar os meus conflitos internos com agressividade, até que me puniram de diversas formas, isolando-me, humilhando-me, até me deixando sem assistir o teatro de bonecos que era a grande atração. Eu não pude mais resistir, fui educado e não bati mais. Continuei confuso.

Durante todos os meus anos escolares eu tive a sensação de que se fosse diferente seria melhor, talvez porque desejasse mais liberdade ou menos autoritarismo. Fiz a pré-alfabetização num colégio católico conservador, o Tereza Valse, os próximos nove anos em boas escolas públicas estaduais (Enéas de Oliveira Guimarães e o Estadual de Uberlândia, o ‘Museu’). Ainda presenciei os últimos anos das disciplinas OSPB (Organização Social e política do Brasil), EMC (Educação Moral e Cívica) e até Ensino Religioso, resquícios dos tempos da ditadura. Cotidianamente, eu ia às aulas, estudava, mal conseguia esperar o momento do recreio ou da aula de educação física, já que nesse tempo podia mexer o corpo e viver quase sem ninguém me impondo um comportamento, assistia mais aulas, estudava, fazia provas e tirava boas notas. Um tédio. Provei que ‘aprendi’ muitas coisas das quais não me lembro quase nada e nunca entendi pra que me serviriam depois. Fiz amizade com os “maus elementos” e matei muitas e muitas aulas com alguns deles. Estudava em casa para as avaliações e, de novo, tirava boas notas. Já havia aprendido a não perder nesse jogo.

No início do Segundo Grau (ensino médio, hoje) ainda no Museu, conheci a disciplina Filosofia e algo foi acionado nos meus desejos, percebi que o meu vazio introspectivo poderia ser expresso, que eu poderia questionar a escola, a autoridade e o autoritarismo pela filosofia. O professor fazia aulas em círculos e em grupos com tamanha responsabilidade e interesse por todos que eu me recordo agora ter antes ocorrido apenas aos meus cinco anos, lá em Goiás, quando a escola era “só pra brincar”. Ele era apaixonado no que fazia, muito racional e nos instigava à paixão e à reflexão, eu entendi que somente dessa maneira ele podia ensinar filosofia àqueles que apenas repetiam equações mentais. Muitos odiavam a sua aula e pediam atividades

mais 'produtivas'. Mas, eu estava muito feliz porque o poder estava novamente comigo, dessa vez eu não batia em ninguém, apenas questionava.

Decidi mudar para um colégio particular devido à perseguição de um professor de matemática que não gostou dos meus questionamentos sobre o alto nível de dificuldade de uma avaliação bimestral na qual apenas uma pessoa (seu protegido) surpreendeu-se com uma nota azul. O desenvolvimento dessa história é patológico, o professor aplicou uma nova prova ainda mais difícil e os que se manifestaram, se manifestaram contra mim. Queriam que eu aceitasse a expiação de forma bem comportada, quase religiosa. Desta vez eu não fui 'educado'. Decepcionado com o abuso de autoridade, a postura da turma e com a pouca abertura para o diálogo resolvi a situação para todos deixando a escola.

Continuei com o interesse pela Filosofia, estendendo-se o interesse para a História e a Psicologia. Estudei muitas madrugadas os livros de História, um pouco de Filosofia e muito pouco de Psicologia, porque não tinha material de fácil acesso à minha disposição. Resolvi prestar vestibular pra Psicologia, já que das três disciplinas prediletas era a que tinha mais status, no entanto, contrariando a moda eu não quis estudar mecanicamente como é necessário e por cinco vezes faltaram-me pontos para a aprovação, mas continuava estudando o que gostava e me sentia satisfeito com isso. Durante este período eu fiz curso preparatório e conheci um pouco como era a faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Fiquei decepcionado com um enfoque prioritariamente conservador. Então, mudei a alternativa. Prestei vestibular pra História e passei.

No período de 1998 a 2004, me graduei em História, bacharelado e licenciatura plena. Desde o primeiro ano do curso, participei de muitos eventos científicos, e de várias designações do estado para o cargo de professor em escolas públicas, nas quais como não possuía currículo em horas/aulas, não consegui nada. Fiz um pequeno curso vivencial de Somaterapia em Salvador, durante a Bienal de Cultura da UNE (União Nacional dos Estudantes). E esse

foi o primeiro contato mais próximo das idéias de Reich. De volta à Uberlândia, na faculdade de História procurei professores que pesquisassem o assunto, mas não encontrei nenhum. Em 2002, assisti a uma conferência do Dr. Dimas Calegari, um médico reichiano, e o meu interesse ressurgiu. Mas, como desde 2001 eu havia me tornado pesquisador incentivado de um projeto que pesquisava a institucionalização da loucura em Uberlândia até 1970, através da imprensa e de documentos de registro de um sanatório espírita da época, não encontrei brechas na pesquisa para os estudos reichianos. Li dois livros de Reich, *A Psicologia de Massas do Fascismo* e *Escuta, Zé Ninguém*, e sob a licença do professor da disciplina História Contemporânea 3, apresentei um trabalho sobre o primeiro. Por falta de condições favoráveis interrompi naquele momento o estudo. Na monografia de final de curso trabalhei a loucura na literatura, no conto de Machado de Assis, *O alienista*.

O final da minha graduação me trouxe sentimentos contraditórios, já que estava muito satisfeito com o resultado da monografia e a recepção que teve, mas descontente com a instituição. Decidi procurar um novo caminho que encontrei na Educação e na formação reichiana da professora doutora Maria Veranilda Soares Mota, retomei a proposta de pesquisar Wilhelm Reich, agora num projeto de mestrado.

No ano de 2006, cursei seis meses de uma pós-graduação em terapia neo-reichiana que preferi não continuar, por tantos motivos. Incomodava-me a identificação e a atitude Neo, como uma licença poética para não ser. E, lembrando a filosofia clássica de Parmênides e Platão, “não-ser” é exatamente ser outra coisa, e para isso é preciso ser algo. A história da vida pessoal e profissional desse pesquisador (Reich) foi marcada por uma heterogeneidade, que não me parece exprimível ou agenciável em uma palavra, muito menos em duas cuja primeira seja ‘neo’. Decidi compreender primeiro quem foi Reich e o que fez, para, quem sabe, desvendar o que significa reichiano ou neo-reichiano.

Percebi nos últimos anos da faculdade e no mestrado que as esferas institucionais, em geral, são por si mesmas limitantes e herméticas, e que dificilmente permitem que os seus agentes aceitem ou produzam novas idéias com matrizes não incorporadas. Felizmente, há um constante movimento e mesmo que com passos ínfimos a qualidade da produção acadêmica caminha. No âmbito acadêmico, se tornou para mim evidente um preconceito contra o estudo de W. Reich, uma negação ao diálogo. Há a eleição pré-determinada de uma abordagem oficial e menos arriscada, já estabelecida e por isso, segura e conservadora, uma análise determinista e rígida, a ratificação da intransigência.

Hoje em dia, início do século XXI, percebo algumas lacunas na História tal como a contribuição de Reich à educação e aos padrões educacionais, e mesmo que uma revolução tecnológica da automação, da comunicação e da informática dê a alguns a sensação temporal de anos luz de distância das inquietações do século XX, isto é uma ilusão. Os desafios da transição do iluminismo para a contemporaneidade, ou se preferir da modernidade para a pós-modernidade, ainda estão presentes, ainda que redesenhados. E por isso mesmo, a reavaliação daquele momento histórico é fundamental para agirmos e percebermos o contexto atual. O estudo da obra de Reich ainda pode nos indicar caminhos.

A relação da vida e obra deste homem de espírito inquieto, as suas idéias sistêmicas de saúde corporal e educacional, e além, os seus constrangedores intrometimentos na biologia, química e física prenunciaram o ambiente global do século XXI e são pra mim a verdadeira lição de vida e serve para a sobrevivência e retomada de algo rebelde e criativo em mim.

Esta é uma pesquisa historiográfica e cultural que guarda simpatia pela análise debruçada essencialmente sobre a bibliografia produzida, de apropriação e re-interpretação de compreensões e sensibilidades, representação dos desejos e procedimentos, tendo como fontes primárias os principais escritos de W. Reich, contextualizando-as com obras sobre o autor e

sobre a educação de seu tempo, interconectando fatos históricos já trabalhados por historiadores e outros pesquisadores.

No primeiro capítulo, *'A educação nas principais obras de W. Reich'*, analisei 26 textos publicados entre 1920 e 1951, em busca de vestígios que pudessem me apresentar relações entre a obra e a educação, em sentido lato, e quem sabe confirmar a contribuição do autor para edificar uma episteme alternativa numa outra educação.

Os conflitos epistemológicos que trazem ainda questões a cerca do monopólio das matrizes positivistas na produção das mentalidades estão desgastados e soam repetitivos como as badaladas de um sino no alto de uma torre eclesial. O Positivismo está morto, mas não sepultado, tal como disse Nietzsche a respeito do Deus católico. Talvez seja uma marca dessa nossa época, a convivência com a coexistência de defuntos.

O desenvolvimento das novas ciências naturais, incluindo aí a Psicanálise de Sigmund Freud, o evolucionismo darwiniano e social, a física quântica, os fatos políticos, sociais e econômicos que permitiram e excitaram o surgimento de diferentes sistemas autoritários de governo (ultra-nacionalistas, liberais e socialistas) e de duas grandes guerras disputando interesses mundiais, todas essas reorganizações estruturais características da época e as aproximações possíveis com a cena educacional, são conteúdos que ajudam a tentar contornar e substanciar esta dissertação de mestrado, para enfim representar algo acessível.

Não foi desde o início dessa pesquisa que percebi como a vertente reichiana se colocava tanto a disposição prática da cura como possibilitava uma educação instigante. Somente a partir de iniciar o estudo das obras de Freud e perceber a sua importância é que pude, em contraposição, descer uma rotunda ao fundo e perceber em primeiro plano a cena reichiana surgir e localizar-se na história das mentalidades e representações.

Por isso, o segundo capítulo, '*Reich, a Psicanálise e uma maneira de educar*', traz interpretações de vários textos de Freud e Reich, traçando um diálogo a respeito das técnicas e conceitos psicanalíticos revestidos de interesses sobre a natureza humana, e como esta concepção filosófica (a princípio) de homem pode indicar a construção de uma cultura educacional.

Fundamentalmente não busquei fundamentos² que aprofundassem e/ou limitassem os significados dos documentos, e mesmo que uma análise semiótica tenha surgido buscando o significado das coisas, aconteceu por necessidade da cognoscibilidade pretendida ou por hábito. Prioritariamente, a abordagem discursiva e suas representações foram, em maior grau, acessadas, por afinidade a uma livre concepção epistemológica. Em verdade, múltiplas referências coexistem na montagem desse trabalho.

A noção de cultura pelo viés interpretativo nos dá maior legitimidade e mobilidade para dialogarmos com os conceitos de professor crítico-reflexivo³ e saberes docentes⁴; no entanto, nesse instante é necessário somente salientar que independente da preferência de 'culturas', todas elas são e produzem algo como:

um registro de múltiplas entradas que proporciona aos indivíduos e às coletividades códigos de leitura e de compreensão (língua, conhecimento, experiências vividas etc.) daquilo que eles são em sua interação com os outros, daquilo que o Outro é, se é semelhante ou diferente do Nós, de seu meio natural (mundo), social, cultural, histórico.

² "E considero que as novas tecnologias de comunicação são democráticas, permitem a *não passividade* do usuário, a criação coletiva e, por isso, podem vitalizar a *comunicação do sujeito*. (...) Apostar nestes fundamentos numa época em que, pelo menos para (Edgar) Morin a ausência de fundamentos é fundamental, não significa rebuscar mais uma ideologia de libertação, de emancipação humana. Não se trata de depositar cegas esperanças em promessas de uma comunicação libertária profetizada. Trata-se basicamente de sintonia com a ocasião em que *a base da economia se desloca da indústria para o conhecimento*" SILVA, Marco. **Educar em nosso tempo**. In: _____. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2001. p. 167-168.

³ Como sugestão para esse entendimento: PIMENTA, Selma Garrido e GHEDIN, Evandro (Orgs) **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

⁴ Maurice Tardif apresenta muito bem esse conceito em toda a sua produção bibliográfica. Cf. TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. In: **Revista Brasileira de Educação**. nº 13, jan-abril, 2000, p. 5-24.

A cultura fornece não só o material, os utensílios⁵ (conhecimentos, sistemas de símbolos, de gestos e de signos, entre os quais a linguagem) e as finalidades, mas por vezes também os modelos (o que é um bom cidadão, um cientista, um médico, um professor, um homem, uma mulher, um pai ou uma mãe etc.) ou os esquemas de construção da relação.⁶

Enfim, se a cultura é relacional no indivíduo consigo próprio, com o Outro e mesmo com todo o Mundo, é dialógica e histórica. Aqui também está o professor como indivíduo que é mediador, intérprete e parte da cultura, num processo que é fundamentado em uma transmissão crítica do fazer pedagógico e do fazer-se professor.

A concepção material e simbólica de cultura como uma estrutura social e pública de significados, a necessidade de desconfiar dos discursos⁷ preestabelecidos com a alteridade cabível, e construir uma narrativa sincera e rica em acessos, numa compreensão fácil e enriquecida na restituição de experiências e identidades⁸.

Na tentativa de abarcar ou esboçar a complexidade desse objeto de estudo, os poderes⁹ que lhes legitimam e de trazer como ferramentas investigativas um olhar heterogêneo e intersubjetivo numa relação de

⁵ Sobre o termo 'utensílios' utilizado pelos autores, nos remetemos aos estudos medievais do historiador Jacques Le Goff, um dos fundadores dessa perspectiva a partir da década de 60 do século passado, chamada de Nova História. Mais atual e tão interessante quanto é o trabalho de Carlo Ginsburg e sua Micro-história.

⁶ MELLOUKI, M'Hammed e GAUTHIER, Clermont. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. In: **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 25, nº 87, maio/ago. 2004. p. 537-571, p.540

⁷ Fonte do prazer e do medo, essa substância impessoal é um recurso poderoso para a existência humana, mas significa também um dos seus primeiros limites. As potencialidades do homem só fluem sobre a realidade através das fissuras abertas pelas palavras. Falar, nomear, conhecer, transmitir, esse conjunto de atos se formaliza e se reproduz incessantemente por meio da fixação de uma regularidade subjacente a toda ordem social: o discurso. SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.19.

⁸ Cf.. **A interpretação das culturas e O saber local**, de Clifford Geertz; **Os pais da etnografia**, em **Aprender antropologia**; **Os argonautas do Pacífico Ocidental**, de Malinowski que inclusive foi amigo e inspirador de Reich.

⁹ 'Poderes' traduzidos pelos conhecimentos que o formam, por isso entendidos pelo prisma foucaultiano. Para maior aprofundamento recomendo FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999. e **Microfísica do poder**. 4ª ed, Rio de Janeiro: Graal, 1984.

interlocução cultural entre cotidiano, práticas e saberes, eu fiz uso da perspectiva multirreferencial.

A perspectiva multirreferencial, à medida que postula que o conhecimento sobre os fenômenos educativos – considerando a complexidade destes últimos – deve ser construído através da conjugação e de aproximações de diversas disciplinas, inscreve-se num universo dialético e dialetizante, no qual o pensamento e o conseqüente conhecimento são concebidos em contínuo movimento, num constante ir e vir, o que possibilitará a criação e, com ela, a própria construção do conhecimento.¹⁰

Na medida em que pensarmos sobre a trajetória de Reich e o contexto no qual frutificou algumas formulações para a educação, traremos algumas questões que podem além de tornar mais complexa a história, torná-la mais rica em diversidade, pois prefiro mais eleger um mosaico de representações a alguns galhos de saberes segregados. As representações culturais e as práticas sociais são o meio e o fim de uma interpretação dos poderes e saberes numa sociedade, cujas realidades são sobrepostas mesmo que contraditórias ou completamente diferentes. Então, como podemos perceber as representações e as compreender nas práticas, em nossas análises.

Afinal, o que entendemos por Representação? Na tentativa de superar limites historiográficos, o historiador Roger Chartier cunhou o termo com forma peculiar revestida de interesses metodológicos de análise. Primeiramente, entendamos que a representação não é o real mas, uma espécie de dimensão paralela do real criada à sua imagem e semelhança tendo, por sua vez, suas próprias formas contraditórias de organização. Configura-se um conjunto de significados que se enunciam nos discursos, nos comportamentos, nos sistemas de concepções herdadas, nas práticas culturais vivenciadas no cotidiano e dadas a ler. Apresentar de novo; estar no lugar de; relação de ausência e presença... representações são criadas num campo de luta pelo poder, como tudo que emana de um poder que é simbólico, por isso não são, de maneira alguma, neutras e imparciais. As Representações são nascentes de um rio mental, todavia deságuam em mares chamados de discursos, documentos oficiais, vestígios, práticas culturais, tradições e literatura, entre outros sinais quaisquer que

¹⁰ MARTINS, João Batista. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para compreensão dos fenômenos educacionais. In: **Revista Brasileira de Educação**. Campinas:Autores Associados. Maio-Ago, nº26, p.90. A estrutura do esboço desse conceito encontra-se nos trabalhos de Jacques Ardoino.

propiciem pensar e interpretar as ações sociais. Entendamos, a Representação não é una, ao contrário ela é múltipla e diversificada em todos aspectos. Ela não é o real, porque “o” real não existe, são tudo interpretações, ficções. Ela não é pura, pois sua essência é constituída por contradições pautadas por interesses. Ela não é límpida, se faz entender por linguagem cifrada que não respeita uma sistematização. O historiador tem a função de realizar uma autópsia do acontecido, procurar por fissuras nos discursos e interpretá-las, os pormenores negligenciados devem ser percebidos. A proposta renovada é que se oblitere a percepção factual unilateral da história em prol de uma história onicultural motivada por desejos, emoções e sensibilidades. Afinal, o que mais nos motiva além do universo cultural que nos circunda?¹¹

Como já deixei transparecer, pretendo como método de pesquisa, plagiando a expressão de Edwiges Zaccur, construir um texto ‘aberto a iterâncias, interações e errâncias cotidianas’, entendendo também o cotidiano de uma forma peculiar, sistêmica e auto-alimentadora.

Vale dizer que metodologias do cotidiano nos envolvem com nosso próprio objeto de estudo e que o conhecimento por nós recriado *revela, em parte, quem somos*, o que introduzimos no cotidiano por termos aprendido dele e com ele. Sendo subjetivas e sempre parciais, *nossas verdades se objetivam* se e quando acolhidas e legitimadas pelo que Foucault chama *sociedade do discurso*. Sendo criadas e reinventadas a partir do que inesperadamente se apresenta, como antecipar passo a passo os procedimentos metodológicos?¹²

Gostaria de ter chegado ao ponto de dizer que este trabalho é também uma tentativa de extrapolar e reinventar as amarras agenciadoras de significados e razões, uma busca de construir um texto rizomático (como defendido por Gilles Deleuze e Félix Guattari em ‘Mil platôs’), menos linear

¹¹ OLIVEIRA, Fabrício Inácio de. **A ficção-científica em O alienista: Machado de Assis, Literatura e Loucura**, 2004, 85f, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de História, Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Disponível para pesquisa no CDHis-UFU (Centro de Documentação em História), 2004. Sobre apropriação e representação em Roger Chartier: **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990 e _____. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados 11**, 1991.

¹² ZACCUR, Edwiges. Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas. In: GARCIA, Regina Leite (Org). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 188. Sobre a neologismo ‘iterância’ a autora esclarece: “Pouco se tem discutido “iterações” (aqui nomeadas como “iterâncias” para evitar confusão com “interações”). Trata-se de um processo realimentador a partir do que se repete e que, na repetição, produz uma diferença, por mínima que seja.” Idem, ibidem, p.180.

possível que possibilite a ‘desterritorialização’ para a ‘reterritorializar’ das múltiplas histórias de des-construção e produção em micro-políticas¹³, contudo não estive pronto para tanto durante o meu processo de pesquisa e por isso não poderei dizê-lo. Numa segunda intenção, somando ao primeiro desafio, faria desta referência uma base teórica sólida para servir-me a criticar os pensamentos ocidentais, modernos e psicanalíticos. Nesta suponho aproximar-me melhor pelo próprio conteúdo de meu objeto; Reich participou tanto de seu tempo como também iniciou rupturas severas nos paradigmas estabelecidos, principalmente no que se referiu à Psicanálise. Para tanto, esclareço e limito-me no que me é possível, na citação abaixo.

(...) não somente em sua teoria, mas em sua prática de cálculo e de tratamento, ela (a psicanálise) submete o inconsciente a estruturas arborescentes, a grafismos hierárquicos, a memórias recapituladoras, órgãos centrais, falo, árvore-falo. A Psicanálise não pode mudar de método a este respeito: sobre uma concepção ditatorial do inconsciente ela funda seu próprio poder ditatorial. A margem de manobra da Psicanálise é, por isto, muito limitada. Há sempre um general, um chefe, na Psicanálise como em seu objeto (general Freud). Ao contrário, tratando o inconsciente como um sistema acentrado, quer dizer, como uma rede máquina de autômatos finitos (rizoma), a esquizoanálise atinge um estado inteiramente diferente do inconsciente. As mesmas observações valem em Lingüística; Rosenstiehl e Petitot consideram com razão a possibilidade de uma “organização acentrada de uma sociedade de palavras”. Para os enunciados como para os desejos, a questão não é nunca reduzir o inconsciente, interpretá-lo ou fazê-lo significar segundo uma árvore. A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo.¹⁴

¹³ E trazendo a noção de ‘paradigma indiciário’ de Carlos Ginzburg como suporte de perceber micro-histórias, acredito enriquecer a abordagem que pretendo oferecer. Cito as obras: GINZBURG, Carlo. A história e a micro-história: entrevista com Carlo Ginzburg. In: **LPH/Revista de História de Ouro Preto**. vol. 1, nº1, 1990 e _____. **Mito, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹⁴ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: _____. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 01, São Paulo:34, 1995, p.28. Outra fonte que me interessa muito é o artigo CÂMARA, Marcus Vinicius. ‘A propósito da (des)construção de alguns conceitos na teoria de Wilhelm Reich - a perspectiva deleuzeana’ In: **O saber em movimento - Tecendo a rede das psicoterapias corporais**. São Paulo. CD-ROM, 2006. Disponível em: <http://www.orgonizando.psc.br/sm.htm> Acesso em: 12/08/08.

Entendendo por processual o devir humano, pretendo que essa História contada seja, portanto, exposta numa lógica plural, sincronizada no espaço e aberta ao tempo. Esse será o início da conversa, que se permitindo o ir-e-vir cronológico sem angústias anacrônicas, prossegue linear mesmo até o fim.

Tendo como certo que a instrução de uma sociedade está imbricada no conjunto de acontecimentos e idéias pertencentes mais apropriadamente à tal época (tempo) e contexto (espaço e forma) e que minhas construções mentais não poderiam deixar de assim caminhar, é que esta exposição registra notoriedade aos diversos contornos intersubjetivos e culturais, por isso menos recortes rígidos.

Busquei livrar-me de quaisquer epistemes e metodologias receitas ou/e evitar conceitos unilaterais pormenorizados naquilo mesmo que consiste numa intervenção multireferencial, uma pesquisa dissertativa de mestrado sobre o testemunho vivencial e profissional de Wilhelm Reich (1897/1957), através de sua obra, sobre os fatos históricos evidentes, as teorias e práticas coniventes e conviventes com a educação no século XX.

Capítulo 1

A EDUCAÇÃO NAS PRINCIPAIS OBRAS DE W. REICH

O homem Reich e a idéia complexa de sua teoria reichiana continuam a desenvolver-se e ainda se confundem mesmo 50 anos depois de sua morte. W. Reich ainda é assunto incontornável quando se pretende falar sobre as soluções que o século XX apresentou, por exemplo, à história das idéias e cultura, às filosofias cartesiana, hobbesiana e hegeliana, à ciência newtoniana e empírica, ao sistema político e econômico e aos padrões oficiais de saúde e educação; certamente um enredo que não se desvencilha de seus personagens.

No trabalho de investigação sobre Reich, comprovei a dificuldade de estabelecer limites entre a história de sua vida e a sua trajetória científica que mesmo referendada por suas inúmeras publicações em livros, revistas, artigos avulsos e panfletos, não tem até hoje noção de conjunto. Este é, sem dúvida alguma, um dos principais problemas enfrentados, não somente por mim, quanto por tantos outros que se arriscam no universo reichiano (incluindo também os seus comentadores, discípulos e reformuladores) ou em pesquisas que dialoguem com sua teoria: há ausência de um entendimento contextualizado sobre o todo de sua obra que, por consequência, abre brechas para especulações ingênuas e sem crédito histórico. Em formatos confusos e até opostos, a fama desse homem vaga aleatoriamente entre clínicas terapêuticas, consultórios diversos, laboratórios, centro de formação 'especializada', escolas e *ad infinitum*, sem que ao menos tenha sido lhe oferecido uma análise justa, tendo o seu tempo e as questões que lhe eram diretas como filtro de interpretação. Ao contrário disso, vêem-se idéias conceituais discutidas e trabalhadas por pensadores europeus e norte-americanos nas décadas de 20, 30, 40 e 50 serem transplantadas e usadas como signos coringas para falsos entendimentos de nosso tempo, ou

banalizadas em análises e divulgações rasteiras que envergonham a lucidez daqueles mais atentos que viveram ou estudaram o período. Esse anacronismo e outros problemas envoltos na fama de Reich, impulsionados pelo 50º aniversário de morte em 2007, estão sendo retomados por alguns pesquisadores(as) e vem encontrando evidências e conteúdo para algumas respostas e, naturalmente, evidenciando a imensa dimensão que uma pesquisa assim pode indicar, percorrendo o cânone da época, as representações culturais, as versões possíveis de alcançar status de verdade histórica, os fatos e transformações sociais, tudo sobreposto no recente século passado.

Nos dias atuais, apresenta-se as melhores condições para os estudos reichianos. O afastamento temporal do imediatismo das causas e desdobramentos das duas grandes guerras, o fim da bipolaridade capital/social, os movimentos anarquista e fascista, e a fantástica evolução das ciências e tecnologias, atribuem natural alteridade na prática da análise sobre aquele tempo. Ao mesmo tempo, evidente, limita-nos a todos a acesso direto e instantâneo aos vestígios históricos, esfumaçados pela névoa da memória humana.

Esta dissertação que se lê, parte da necessidade de entendimento da obra de Wilhelm Reich no tempo de Wilhelm Reich, no recorte cronológico em que ele a produziu e publicou suas teorias e idéias, e a partir disso tem o interesse específico de esquadrihar a mesma obra reichiana no intuito de responder uma pergunta de hoje: **É possível pensar a obra de Reich como base epistemológica para a educação?** Não é objetivo da mesma alcançar paralelos teóricos ou inferir influências determinantes ou transpô-las, grosseiramente, para o tempo atual tal como um amuleto mágico perdido no tempo e espaço, apenas apresentar ao público uma apreensão interpretativa do conjunto da obra que serve aos propósitos do pesquisador que lhe escreve e quem sabe a mais alguém. Estou ciente que assim estou me sujeitando às prováveis críticas das quais não pretendo me desviar: a conexão com o presente é fundamental...as questões de hoje devem ser respondidas no hoje e não no passado... e coisas do tipo. Concordo. Contudo, no caso do tema em

questão, W. Reich, é imprescindível dar o passo seguro de contornar o homem e a obra em seu tempo antes de incorrer suposições, inferências ou até mesmo afirmações sem o crédito de uma análise histórica. Trabalhos futuros talvez caminhem para uma mediação mais segura e aprofundada entre as formulações de Reich e a educação atual e futura.

Neste capítulo pretendi perpassar algumas das obras que analisaram a vida e a obra deste homem tentando fugir da tentação de entrar em jogos filosóficos ou ideológicos, de conflitos de idéias que não me são interessante no momento e responder se é possível entender a obra reichiana como uma base epistemológica para uma nova pedagogia ou se o que o nos sobra é uma história pessoal fantástica ou ainda outra coisa.

Parte do que se escreveu sobre Reich e a teoria reichiana é de qualidade questionável; muitos, que talvez estimulados pela maneira muito solta e simples que o próprio autor escrevia e os conteúdos revestidos de paixão discursiva e ênfases aparentemente pedantes, sentiram-se à vontade para produzir sobre ou reproduzir os temas abordados sem nenhum critério de investigação crítica. E a própria produção bibliográfica de Reich, em vários países do mundo, ainda é um mistério devido ao grande volume de publicações sem compilação em livro, algumas foram escritas e assinadas por pseudônimos, outras reescritas e modificadas estruturalmente (dificultando ou impossibilitando a análise processual de seu pensamento), algumas outras ainda destruídas ou perdidas para sempre por motivos diferentes. Além disso, as edições em língua portuguesa no Brasil, vêm recebendo somente agora um trato mais cauteloso e merecido por parte das editoras, com revisões e melhorias, e aqui ainda temos problemas referentes às traduções: a maioria em segunda mão, vindas de traduções do alemão para o inglês e/ou realizadas por pessoas pouco conhecedoras dos pensamentos reichianos; em verdade, temos uma idéia vaga sobre a totalidade da obra de Reich no Brasil e no mundo. O acesso ao conjunto da obra é tão complexo que confunde quem quer que pretenda buscá-la, impossibilitando termos com clareza os contornos de um único adjetivo que possa determinar o que seria 'reichiano'. Esta carência foi,

em parte, atendida com a publicação recente do livro *‘Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich’*, da pesquisadora Sara Quenzer Mathiesen, uma referência sobre os estudos reichianos e uma exceção em meio à leviandade que a pesquisa acadêmica é tratada no Brasil.

Além da triagem em busca de materiais que dessem o mínimo de inteligibilidade e crédito à pesquisa, o não domínio e acesso ao vasto material produzido, originalmente, nas línguas alemã e inglesa, constituiu um agravo ao processo de pesquisa, sendo que para alguns com os quais conversei, teríamos aí um impeditivo concreto para o trabalho. Contudo, qualquer situação em qualquer tempo e espaço, por mais complexa que possa ser, é tangível à reflexão. Então, optei (mesmo que sem ter outra opção) a continuar a pesquisa com os limites dados. Assim, é certo que: ficaram várias referências importantes fora da análise, que se trata de um difícil recorte cronológico e geográfico distante de nós brasileiros, que as fontes documentais passaram por vários filtros de interpretação, e que, posso ter caminhado, inclusive, em direção diametralmente oposta àquilo que outras inquietações acadêmicas sobre o tema podem mais tarde chegar a afirmar, no entanto, dentro da múltipla realidade, trata-se de uma simples apreensão geral e inicial para que possamos juntos, autor/texto e leitor, perceber eventuais características uniformes e/ou plurais, atentando-se para as repetições, para as lógicas e evidências (ou a falta delas) usadas para justificar posições e fatos nessas representações e interpretações que tem sido o material acessível nos últimos anos àqueles que ao acaso ou por interesse direto, buscaram conhecer quem foi W. Reich e o que ele fez durante a sua trajetória de vida. Então, por favor, atente-se e perceba que a conduta e o conteúdo destas fontes que serão a seguir analisadas, obtiveram uma espécie de autorização tácita durante os anos que se passou para influenciar diretamente cada um de nós e desenhar no imaginário social o homem, louco, são; o cientista, coerente, incauto; o vitalista médico-psiquiatra e terapeuta: Wilhelm Reich.

Conflitos da libido e formações delirantes em 'Peer Gynt' de Ibsen¹⁵

Com esse texto, Reich apresentou-se oficialmente à Sociedade Psicanalítica de Viena em 1920, sendo aceito como membro desta entidade a qual serviria por 14 anos. A influência direta do poema dramático de Henry Ibsen sobre W. Reich foi notável, pareceu-lhe ser um elo entre a arte poética e os fenômenos psicóticos, entre a psicanálise e a sua própria idéia de si mesmo.

Através da análise deste texto e das referências e explicações a cerca do drama de Peer Gynt (que depois foi adaptado para o teatro e encenado) que Reich faz também em outros textos posteriores, principalmente em '*A função do orgasmo*' de 1942, percebi um movimento duplo no autor. Vejamos, a seguir.

Em primeiro plano, no artigo em questão, está o palpável, a obra em si, o texto bem articulado e sensato, capaz de impressionar S. Freud e também outros médicos veteranos através de um profundo estudo psicanalítico, interpretando, apontando e costurando os conceitos freudianos no enredo criado por H. Ibsen. Ele o faz indicando, por exemplo, os conflitos de ego em sua formação na infância do personagem principal que durante toda a sua vida afastou-se da realidade comum, em delírios encadeados uns aos outros (abstrações possíveis na linguagem literária), fugindo à semelhança do pai e adorando a mãe e sendo por ela conduzido (mesmo quando ela já estava morta), classificando-o em psicótico paranóide e justificando seu diagnóstico. Durante as passagens, Reich questiona as definições de loucura e arte, o que separa a imaginação do delírio, a genialidade da psicose paranóide; neste conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade, resolução de certa maneira vivenciada por Peer Gynt e Reich durante toda a vida, tem na realização (ou satisfação real, para usar o termo psicanalítico) do imaginado que estará presente na obra de um criador (artista, poeta, inventor e outros) e não nos devaneios de um psicótico, a resposta teórica pretendida. "A

¹⁵ Conflitos da libido e formações delirantes em 'Peer Gynt' de Ibsen. In: REICH, W. **Primeiros escritos**. Trad. Ailton Bedani. s/d.

*satisfação real é impossível junto a um objeto irreal e fantasiado; a estase aumenta e, desde então, abre-se um caminho em direção a uma doença neurótica*¹⁶ Assim, o que é criado carrega consigo conflitos do próprio artista, aliviando pela passagem da subjetividade para a objetividade, já que os sonhos e as artes são processos similares de sublimação¹⁷.

O autor indica aproximações entre ‘Peer Gynt’ e o ‘Édipo Rei’, que como sabemos embasa a teoria sexual de Freud; já aqui podemos hoje anunciar que Reich, ainda de maneira tímida, não estava disposto a iniciar na psicanálise tendo tais teorias como inquestionáveis e acabadas. Na citação a seguir, a desconcertante questão e a firmeza de seus objetivos.

(...) na verdade, eis a questão: a descoberta destes complexos típicos conduz realmente o médico à compreensão, ou o paciente à recuperação? É preciso considerar que isto não é determinante, mas sim a quantidade, a distribuição de energia, e é apenas a partir deste ponto de vista que tornar-se-á possível a compreensão e a cura de uma estrutura neurótica (...)¹⁸

Mas, algo interessante para mim foi perceber que mesmo que Reich tenha afirmado no começo do artigo que o personagem Peer Gynt seria o objeto exclusivo de seu estudo e não o “personagem autor-oculto”, ele faz ao final uma análise da vida do autor, Ibsen. Este aparente deslize, que aponta o segundo plano do movimento do texto, não passa despercebido, e sobre a sua produção ela afirma que “nossa posição varia entre objetivo-crítico ou subjetivo-afetivo”, confirmando que a ele seu artigo não se limita apenas ao academicismo, mas contém entusiasmos pessoais pouco evidenciados. Dessa forma, o autor expressou sua opinião sobre a relação íntima entre o criador e a

¹⁶ Apud FREUD. S. Escritores criativos e devaneios (1908) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. IX. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. Título no original: Der dichter und das phantasieren

¹⁷ Sublimação, ou seja, transferir certa quantidade de energia libidinal para outros objetos e/ou ações.

¹⁸ REICH, W. Conflitos da libido e formações delirantes em ‘Peer Gynt’ de Ibsen. In: REICH, W. **Primeiros escritos**. Trad. Ailton Bedani. s/d. p.66

obra, assunto que poderia ser estendido com facilidade, e tendo isto em mente, quero apontar uma pista sobre a relação da auto-imagem de Reich e os delírios de Peer Gynt, trata-se de uma passagem da *“A Função do orgasmo”*, no capítulo II, intitulado ‘Peer Gynt’, publicada 22 anos mais tarde: *“(...) Escrevi uma peça curta, na qual pintei o desespero de um paciente mental, que incapaz de lutar contra as suas fortes tendências interiores, pede ajuda e tenta encontrar a luz (...)”*, assim, de acordo com a crença de Reich, como o personagem de H. Ibsen demonstra o caminho psicológico do autor, a citação acima que aparece meio solta no texto de origem pode muito bem também se referir ao seu autor. E, ainda na mesma página, dando maior ligação à idéia de que Reich respaldava as teorias freudianas sobre a insanidade com o seu próprio exemplo: *“(...) eram muito claras para mim as idéias de Freud, sobretudo a de que a loucura é realmente uma tentativa de reconstrução do ego perdido.”*¹⁹ Talvez fossem tão claras por ter para si a iminente loucura justificada pela construção defeituosa de seu ego, o que se pode entender melhor quando se lê as suas lembranças, em *‘Paixões da juventude’* de como seu pai, um homem calmo de trato sereno no cotidiano, por vezes punia ele e também os empregados, severamente, sendo este comportamento, segundo Reich, favorável à formação de um caráter impulsivo.

Em linhas gerais, este artigo mostrou-me um Reich preparado teoricamente dentro dos preceitos psicanalíticos; disciplinado e organizado na exposição das idéias, além de apontar o seu interesse pessoal para o cuidado acertado e sistematizado com aqueles que, assim como Peer Gynt, caminham por círculos excêntricos.

O caráter impulsivo – Um estudo psicanalítico sobre a patologia do ego²⁰

¹⁹ REICH, Wilhelm. A função do orgasmo. São Paulo, brasiliense, 1978. p.44

²⁰ REICH, W. O caráter impulsivo – Um estudo psicanalítico sobre a patologia do ego. Tradução não oficial. s/d.

Em 1925 e também direcionado ao público médico, este foi o primeiro livro de W. Reich a ser publicado. Ainda convicto que o sistema cognitivo da psicanálise era o caminho a ser percorrido e que se precisava avançar na sistematização de uma teoria do caráter, é que o diretor do Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena, Dr. Reich, enfatizou uma didática aberta que propusesse a “cura real” através da substituição da análise do sintoma pela análise do caráter.

Apesar de que este livro não trata, especificamente, de educação como instrução coletiva comum, pode-se notar com clareza a sensibilidade que o tema se faz presente durante a maior parte do texto. Quando por exemplo afirma que a análise dos sintomas (complexo) e das lembranças do paciente deve ser deixada em último plano já que a ação é mais importante para o comportamento do que as lembranças, percebo um pressuposto educacional evidente.

O que Reich apresenta não é de todo original já que o conceito de caráter já havia sido pensado pelo próprio S. Freud em sua publicação de 1908, ‘Caráter e erotismo anal’, e desenvolvido por outros como Ernst Jones. O ineditismo está em estudar o caráter através de inúmeros casos práticos presenciados e não apenas inferências teóricas, indicando assim críticas estruturas à técnica usual da psicanálise debruçada sobre a compreensão dos sintomas. Vale dizer que no texto citado de Freud, já é possível perceber a interpretação de um certo inatismo da neurose, as pulsões primárias gerando sintomas neuróticos. Esta compreensão do caráter humano de forma sintomática não agrada Reich, que mesmo ainda sendo um jovem psicanalista já demonstrava maturidade e experiência para formular críticas sensatas e propostas claras. Ele contesta o determinismo da técnica de análise dos sintomas e afirma que mesmo com intensa satisfação científica em compreender sintomas o médico não pode negar a importância da análise do

caráter. *“Há caracteres neuróticos sem sintomas neuróticos; há neuroses com sintomas sem que o caráter manifeste-se essencialmente como patológico”*²¹

Lembrando que o livro debruça-se sobre a formação do ego e como isso pode influir sobre a formação de um caráter específico, não seria possível fazê-lo a contento sem passar pelo famoso e incontornável texto de S. Freud, ‘O ego e o id’, 1923, onde pela primeira vez Freud formula o conceito de ‘superego’, o ideal do ego, fundamental para a análise que Reich pretendia fazer sobre o caráter impulsivo.

Assim como foi dito anteriormente na exposição sobre a epopéia de Peer Gynt, neste texto Reich continua demonstrando um interesse muito pessoal sobre casos de impulsividade, de pessoas que se entregam sem freios as suas pulsões em ações de compulsão repetitiva que contrariam a ‘ordem’ do mundo. Perpassa pela obra um tom natural no entendimento de Reich sobre a múltipla formação de personalidades, diferentes umas das outras e mesmo que caminhando pelas nomenclaturas tradicionais da psiquiatria (Liepmann, Kraepelin, Bleuler e Freud) e afirmando o ‘recalque orgânico’ que diz que *“tudo aquilo que chamamos cultura e civilização repousa em primeiro lugar numa regressão das pulsões e, em segundo lugar, numa sublimação destas pulsões”*²², ele vai construindo a sua interpretação epistemológica e conceitual que seja auto-reguladora e **a base de uma educação livre.**

Ao leitor menos familiarizado com o tema soa estranho toda essa dissertação sobre educação que trata da obra de W. Reich, não é incomum nem tão pouco improvável que assim seja para a maioria já que os estudos reichianos (suas teorias e idéias) nunca foram tomados, ou ao menos aceitos, de forma institucional e organizada. Dessa forma, quando penso na razão existente nas contribuições de Reich à educação formativa tenho por certo que muito ainda há de se esclarecer. Porém, tenho também a evidência que a importância do tema educacional mobilizou este homem desde os seus

²¹ Idem, Ibidem. p. 06

²² Ibidem. p.24

primeiros escritos até, passando por diferentes situações de intermediações teóricas, as suas últimas publicações. Espero que, ao final da leitura, tanto eu quanto você possamos ter percebido mais nitidamente em que grau Wilhelm Reich e a Educação podem, a partir de então, ser relacionados.

Pois, já no 'Caráter impulsivo', temos a primeira abordagem direta à educação, certamente ampliada pela lente da psicanálise, no entanto, demonstrando uma flexibilidade nova em relação ao trato educacional das crianças. O autor apresenta 04 (quatro) proporções da ambivalência 'satisfação pulsional ↔ frustração' com suas prováveis conseqüências sobre a formação da personalidade total (caráter). Por julgar pouco adequado, não irei pormenorizá-las, somente reproduzir a idéia apresentada que há uma grande responsabilidade atribuída àquele que educa e o comportamento por ele manifestado, sendo inclusive facilmente notada a presença de sua incompetência em indivíduos de caráter impulsivo. *"A inconstância daquele que "educa", reflete então nas atitudes inconstantes da criança para com o meio."*²³ O ideal seria satisfazer as pulsões e frustrá-las equilibradamente, pois tanto a ausência como a presença intensa de frustração cria um superego mal formado, o que gera grandes frustrações futuras ou apatia e falta de iniciativa com a própria vida. A importância destas equações frustração-satisfação vai sendo narrada em casos clínicos que o autor apresenta, pontuando e pensando procedimentos terapêuticos que possam esclarecê-las.

Na medida que o livro chega ao final, o teor educativo fica mais evidente. A relevância, por exemplo, de uma educação assertiva desde a infância que levará à formação do superego é confirmada através da teoria da identificação da criança com o educador, e a interdição que a primeira aceita por amor à pessoa amada, antes de ser organicamente incorporada no caráter. Reich propõe diretamente algo que pode ter sido bem ousado para os padrões vigentes da época, que se deve "educar o paciente, a fim de prepará-lo para a

²³

Ibidem. p.57.

análise” e cunha o termo “psicagogia”²⁴, vindo, evidentemente, da fusão das palavras psicanálise e pedagogia.

Socializando de certa maneira a responsabilidade terapêutica, o médico Reich apresenta a crença de que a educação é “a” solução, pois acredita no potencial das pessoas mas ainda não tem condições de apresentar a certeza dessa afirmativa. *“Nós mesmos aceitaríamos, de grado, apenas o método educativo, caso pudéssemos pelo menos ter certeza de que ele é capaz de ser bem sucedido ali onde a análise fracassa.”*²⁵ Se o autor ainda não apresenta como a educação triunfará, ao menos tem a certeza dos fracassos da análise tradicional e reitera: *“Persistimos na crença de que a intervenção educativa sempre se revela necessária principalmente para tornar possível uma análise ulterior.”*²⁶

E depois de tanto refletir, redefinir e propor modificações nas técnicas psicanalíticas, o autor faz um agrado à teoria da psicanálise (entendida por ele neste caso como conjunto conceitual e filosófico, excetuando os métodos e técnicas, já que só assim encontra-se sentido para as propostas diluídas no texto) atribuindo-lhe honra elucidativa.

A psicanálise demonstrou até onde o meio, a miséria maternal, a incompreensão, a brutalidade dos pais, uma infância carregada, mas também a predisposição, transformam as crianças em indivíduos dissociais, doentes e distorcidos.²⁷

A sensatez não percebida por Charles Rycroft expressada na crítica de que Reich tratou os problemas mentais como se fossem sempre uma questão

²⁴ A ‘psicagogia’, segundo o autor, é uma técnica de abordagem terapêutica que através de informações sobre a teoria psicanalítica busca contornar possíveis resistências do paciente. Ibidem. p.120 Algo que pode parecer instigante é que Reich atribui em ‘A análise do caráter’ a proposta desta técnica a Nunberg (precisamente na p.62 de ‘Análisis del Carácter’, Buenos Aires:Paidós, 1974.

²⁵ Ibidem. p.120

²⁶ Ibidem. p.121

²⁷ Ibidem. p.122

de estase da energia sexual²⁸, pode ser contestada com o trecho citado acima “mas também a predisposição”. De qualquer maneira, não pretendo me estender aqui.

Mas, se para Reich, a pedagogia está a serviço da psicanálise, a psicanálise seria capaz de também auxiliar a pedagogia. A próxima obra a ser estudada poderá trazer uma resposta.

Os pais como educadores: a compulsão de educar e suas causas²⁹

Aqui se percebe o primeiro texto produzido sobre uma preocupação explicitamente educacional, desde o título. A educação é o tema geral, os pais são eleitos os agentes desta educação e tem analisados alguns comportamentos compulsivos em suas condutas com os seus filhos.

Em 1924 a primogênita Eva havia nascido e Reich aproximou-se mais da educação e de buscar sintonia dela com a psicanálise, consonância que encontrou com psicanalistas russos. Assim, este texto/artigo que foi publicado em 1926 deve ter sido produzido, acredito eu, em intensa dinâmica de vida pessoal/profissional.

No texto é apontada a responsabilidade dos educadores (especificamente, os pais) sobre a educação das crianças e como mesmo nas melhores condições possíveis, sendo elas materiais e instrumentais, as atitudes inconscientes podem resultar em erros educativos graves e de difícil solução. Não se trata de entender as crianças como ‘tábulas rasas’ que uma vez escritas por seus educadores estão fechadas, mas de evidenciar a enorme

²⁸ “Uma das características do espírito utópico e da predileção por generalizações exageradas de Reich é ele referir-se à doença mental como se nunca tivesse ouvido falar de deficiência mental ou de doenças mentais orgânicas causadas por lesão cerebral, desordens metabólicas, senilidade, hereditariedade, etc.” Cf. RYCROFT, Charles. **As idéias de Reich**. São Paulo: Cultrix, Trad. Fernando de Castro Ferro, 1971. p. 46

²⁹ REICH, Wilhelm. Os pais como educadores: A compulsão a educar e suas causas. In: _____, **Conselho Central dos Jardins de Infância Socialistas de Berlim; Schmidt, V. Elementos para uma pedagogia anti-autoritária** (1926), Trad. J. C. Dias, A. Sousa, A. Ribeiro, & M. C. Torres. p. 53-68. Porto: Portugal: Escorpião, 1975.

importância da educação infantil dos primeiros anos de vida a fim de prevenir a formação de neuroses e precaver os adultos sobre mecanismos inconscientes presentes no cotidiano educacional.

Uma situação que foi levada, em consultório, à Reich, ilustra todo o conteúdo trabalhado no artigo, em breve síntese é a história de uma mãe que estava com sua filha no parque, quando a primeira chama a segunda para ir embora há um conflito de relação, a menina pede colo e não ganha, então não obedece a mãe e esperneia, ao final chegam em casa e o pai repreende a mãe na frente da filha. Como aparato dissertativo o caso é muito bem aproveitado durante todo o texto, em meio aos desafios de dialogar com a educação, o autor se afirma como um investigador dos “pressupostos psicológicos da educação” e da “análise das deficiências da mesma”. Reich toma a idéia do pedagogo S. Bernfeld da ‘educação do educador’ para dar legitimidade aos seus pensamentos, ainda que se reserve ao ofício médico, pois somente a formação e cura das neuroses é seu campo, a ordem social é de responsabilidade do pedagogo.

Por ser desnecessário ao meu objetivo e não por deixar de ser bastante interessante, não esmiuçarei a análise, bastando-me afirmar que na medida em que a mãe vai contando e recontando sua história, Reich vai apontando as evidências de sentimentos contraditórios e comportamentos equivocados entre os pais e os pais e a filha: amor e ódio, angústia, culpa e compulsão a educar.

En este pequeño ejemplo se ve claramente como puede originarse la compulsión a educar: una perturbación aguda de la relación mutua entre los padres da lugar a un momentáneo rechazo del marido y de “su” hijo; esta aversión lleva a su vez a infligir al niño una frustración innecesaria, que la conciencia racionaliza invocando una finalidad educativa; todo ello provoca en el niño una reacción de rebeldía. La analogía entre la “compulsión a educar” y los fenómenos patológicos de

compulsión se manifiesta asimismo en la circunstancia de que ambos obedecen a un impulso instintivo de odio reprimido.³⁰

O autor utiliza-se de duas perguntas pela mãe-paciente para continuar a análise: 1) o que se deve fazer quando reações exaltadas tais como a narrada por ela acontecem motivadas por frustrações necessárias (no exemplo, era noite e portanto era preciso ir embora do parque)? e 2) A reação da menina tinha sido, já, patológica?

Para começar a responder a primeira pergunta a referência de Freud em tratar o psiquismo infantil e de adultos é apresentada; com ela a noção de que a criança se percebe no mundo por um 'princípio de prazer' e não de 'realidade' como os adultos. Assim, uma criança busca a partir de seu nascimento prazer no meio em que vive e à educação cabe a intermediação entre a obtenção do prazer (satisfação) e a não obtenção do mesmo prazer (frustração). *"Ahora bien, la educación consiste ni más ni menos que en poner diques al deseo primitivo del niño, exclusivamente orientado a la obtención de placer, y en reemplazarlo hasta cierto punto por inhibiciones de los instintos."*³¹ Lembrando que as idéias de que somente o prazer tem valor neste período da vida e o desprazer é rechaçado, fez parte da teoria de formação de caráter, e a interação entre satisfação e frustração haviam sido desenvolvidas por Reich desde *'O caráter impulsivo'*, obra já apresentada acima.

Retomando, por mais uma vez, os pensamentos de Freud em *'O id e o ego'*, Reich demonstra o caminho do ego em busca de prazer livre (o eu-prazer), passando por inibições dos instintos primários que abrirão mais tarde espaço para a adaptação à moral, à civilização, à cultura.

³⁰ Idem. Ibidem. p.78 Minha tradução: "Neste pequeno exemplo é claramente encarado como podem ser originários compulsão para educar: uma grave perturbação da relação entre os pais leva a uma momentânea rejeição do marido e "seu" filho, e este, por sua vez, leva aversão a infligir a criança uma frustração desnecessária, que a consciência racionaliza invocando uma finalidade educativa; e tudo isso provoca na criança uma reação de rebeldia. A analogia entre a "compulsão para educar" e os fenômenos patológicos de compulsão se manifesta também no fato de que ambos são devidas a um impulso instintivo de ódio reprimido."

³¹ Ibidem. p.79 Minha tradução: "No entanto, a educação é nada mais nada menos que, colocar diques nos desejos primitivos da criança, estes que por sua vez destinam-se exclusivamente a obter prazer, e substituí-los em certa medida pela inibição dos instintos".

En un principio, esta adaptación responde exclusivamente a la obtención de placer, si bien en una forma moderada, más altruísta y con mayor contenido social. Se comprenderá así fácilmente que lo importante no es tanto arraigar en el niño las exigencias culturales como la manera de hacerlo; que las frustraciones sean tales que puedan concertar un compromiso viable con el afán de placer. De ahí se desprende que una educación sin amor nunca podrá conseguir otra cosa que una adaptación artificial, falsa, a la realidad. Las inhibiciones creadas exclusivamente a base de severidad producirán inevitablemente conflictos en la organización del *psiquismo* e impedirán una unificación de la personalidad, por cuanto siguen siempre siendo cuerpos extraños.³²

Condizente com as idéias trabalhadas anteriormente em seu primeiro livro, Reich reafirma, agora interligando a noção de compulsão ao processo educativo vivenciado pelos pais, os equívocos comumente cometidos na educação das crianças passando pela frustração e severidade intensa e o seu oposto, a falta de limites impostos e excessivo mimo; segundo ele, as frustrações introduzidas paulatinamente depois do fortalecimento e desenvolvimento dos instintos encontram, pelo menos em teoria, a solução ideal. Há interesse de esclarecer a distinção entre as frustrações necessárias e as que não são necessárias, sendo que os dois tipos estão em interação direta com a sociedade. Assim as 'necessárias' devem ser percebidas como aquelas que servem ao interesse social de adaptação e que por isso propiciará maior harmonia e autonomia da criança com o mundo no futuro, as que atendem interesses outros, seja da criança e do educador são desnecessárias. Essas definições passam por uma advertência: "*Mientras la educación se lleve a cabo*

³² Ibidem. p.80-1 Minha tradução: "Primeiramente, esta adaptação responde exclusivamente à obtenção de prazer, embora de uma forma moderada, mais altruísta e com maior conteúdo social. Assim, é fácil compreender que o importante é não tanto incorporar às crianças padrões culturais, mas a forma como fazê-lo; que as frustrações sejam de tal maneira que elas possam negociar um compromisso com o desejo de prazer. Daí, conclui-se que uma educação sem amor nunca poderá atingir qualquer coisa que não seja uma adaptação artificial, falsa, à realidade. As inibições criadas exclusivamente com base na severidade, inevitavelmente produzirão conflitos na organização do psiquismo e impedirão uma unificação da personalidade, esta continuará reconhecendo sempre corpos estranhos."

*en nombre de una moral esotérica, supuestamente objetiva, las frustraciones necesarias, aunque no sean brutales, resultarán ineficaces.*³³ E ainda em tom crítico emenda que por ser muito diferente a adaptação social proposta à uma pessoa pobre e à uma pessoa rica, a educação e seus fins variam conforme o seu lugar, época e classe social. Mesmo que seja instigante a problematização social, ela se torna mais profícua na obra do autor somente mais tarde com o seu maior envolvimento com o comunismo, até aqui não passa de um comentário de um parágrafo.

À mãe e aos leitores, na intenção de resumir-lhe o entendimento sobre as frustrações e o questionamento como deve ser, portanto, a educação, o autor escreve: *“En líneas generales puede decirse que la gravedad de una afección psíquica es directamente proporcional al número de frustraciones necesarias e innecesarias, y a la severidad con que fueron infligidas.”*³⁴

Quanto ao comportamento rebelde da criança ser ou não patológico, o autor afirma não ter resposta já que o comportamento de rebeldia pode ser natural, neurótico seria a intensidade com que ele aparece. No entanto, interpretando não a pergunta em si, mas o fato de ser feita pela mãe e entendendo que o fato ocorreu devido ao contato direto filha e mãe, salienta que os pais e educadores têm a característica de fazer juízo das crianças a partir de si mesmos e de seus desejos reprimidos. Como se os pais em contato com as manifestações instintivas das crianças e recordando de seus desejos infantis há muito reprimidos, fossem novamente advertidos do perigo³⁵. E tomados pelo temor e compulsão em educar, constituem a base da educação proibitiva.

³³ Ibidem. p.83 “Embora que a educação seja feita em nome de uma moralidade esotérica, supostamente objectiva, as frustrações necessárias, embora não sejam brutais, são ineficazes.” Tradução minha.

³⁴ Ibidem. p.84 “Em linhas gerais, podemos dizer que a gravidade de um transtorno mental é diretamente proporcional ao número de frustrações necessárias e desnecessárias, e a severidade com que foram infligidas” Tradução minha.

³⁵ Cf. também em REICH, W. **Crianças do futuro** – Sobre a prevenção da patologia sexual. Trad. Marisol P. Terlizzi. CIO – Centro de investigação orgonômica Wilhelm Reich, 1948.

Además, se considera como enfermizo, es decir, indebido, todo aquello que resulta desagradable o incómodo para el adulto. De este modo, los padres pretextan interés por el bien del niño cuando en realidad lo que pretenden en sus actos educativos es satisfacer sus propios afectos, sea cual fuere el origen de éstos. (...) La ambición insatisfecha de los padres constituye uno de los motivos esenciales de *la compulsión de educar*. (...) no es posible sustraerse a la impresión de que el educador se cree obligado a hacer algo, a educar, aunque no haya nada que educar, y que siente como una ofensa personal, como un mal testimonio de su arte educativo, cuando su víctima no se comporta de una manera “adulta”. “Siéntate derecho”, “no seas tan maleducado delante del doctor”, “estate quieto”, “mira al doctor”, “di buenos días”, “quítate de ahí”, “ven aquí”, “estírate el vestido”, “no te ensucies las manos”, y así sucesivamente, sin pausa ni respiro. Ningún adulto, sometido a semejante bombardeo educativo, sería capaz de afectar la estoica indiferencia que muestran muchos niños – ya neuróticos, por lo demás. No hay que asombrarse de que los niños sanos reaccionen violentamente ante este tipo de tratamiento.³⁶

Segundo o autor há duas motivações inconscientes (ou seja instintivas) que levam uma pessoa a tornar-se educadora e para cada uma delas surgem racionalizações e portanto motivações secundárias: o motivo de educar mais típico é corrigir a própria infância, que conta com a interpretação primitiva da mente de que para isso será necessário vingar-se de seus pais (educadores),

³⁶ Ibidem. p.86-8 “Além disso, é visto como insano, ou seja, indevido, tudo o que é desagradável ou incômodo para os adultos. Assim, os pais têm como pretexto o bem da criança, quando na realidade aquilo que pretendem em suas ações educativas é a satisfação de seus próprios afetos, seja qual for a sua origem. (...) A ambição insatisfeita dos pais é uma das principais razões para a compulsão para educar. (...) Não é possível escapar a impressão de que o educador se crê obrigado a fazer alguma coisa, para educar, mas não há nada que educar, e que se sente como um insulto pessoal, como um mal testemunho de sua arte educativa quando a sua vítima não se comporta de uma forma “adulta”. “Sente-se direito”, “não seja tão mal-educado na frente do médico”, “fique quieto”, “olhe para o médico”, “dê bom dia”, “saia daí”, “venha aqui”, “estica o seu vestido”, “não suje as suas mãos”, e assim por diante, sem pausa nem respiração. Nenhum adulto, sujeito a bombardeamentos educacionais semelhantes, seria capaz de demonstrar a estoica indiferença que demonstram as crianças - já neuróticos, com certeza. Não deveria surpreender-se que as crianças saudáveis reajam violentamente a este tipo de tratamento.” Tradução minha.

uma 'compulsão sádica' a educar; o outro elemento de compulsão vem do desejo frustrado em idade infantil de ter filhos, por isso as mulheres deste tipo são educadoras destacadas, no entanto, geralmente o desejo de educar desaparece quando finalmente tem-se seu próprio filho. Então, se o que aparece de consciente são racionalizações secundárias, cabe ao educador o único meio de convencer-se do verdadeiro significado de sua atuação: a psicanálise individual. Aqui é preciso que eu relembre a idéia primeira do texto, a 'educação de educadores', dessa maneira a psicanálise individual é indicada com uma finalidade educacional, para que tais educadores se restabeleçam psiquicamente ou ao menos compreendam os mecanismos inconscientes e possam usá-los para detectar erros e evitá-los. Sim evitá-los, pois, no final de seu texto W. Reich rende-se ao pessimismo e a dificuldade de aconselhar alguém como criar seus próprios filhos. A complexidade de educar está para ele intrinsecamente ligado às neuroses dos educadores e os problemas da ordem social; exemplificando, se uma escola é ótima nas questões educativas, evitando o desânimo, ela pode verdadeiramente modificar a situação? Não, não é suficiente se o adulto-educador é regido por neuroses e como a solução para este caso seria psicanálise em massa, torna-se inviável. Pessimista, porém lúcido da situação, Reich afirma que por hora o projeto de uma educação ampliada pela psicanálise é utopia.

Quando padres y educadores sepan por qué y para qué educan en realidad, cuando las autoridades competentes dejen de creer que su actuación se guía únicamente por el "bien de la Humanidad", cuando la masa comprenda que la relación entre niños y adultos representa la oposición entre mundos distintos, entonces – tal vez – existirá una posibilidad de pensar en medidas positivas de educación.³⁷

³⁷ Ibidem. p.93 "Quando os pais e educadores saber porquê e para que realmente educam, quando as autoridades competentes já não acreditam que seu desempenho é guiado apenas para o "bem da humanidade", quando a massa compreender que as relações entre crianças e adultos representam a oposição entre diferentes mundos e, em seguida, - talvez - haverá uma oportunidade para pensar em medidas positivas de educação" Tradução minha.

A perceptível sensação de naturalidade proposta na citação acima sublinha a proposta de Reich, uma intenção de educação que negue as frustrações desnecessárias e assuma a existência passageira de ódio em relações de amor, como por exemplo a de pais e filhos. Uma educação que se constrói, se regula na medida da necessidade é o *laissez-faire*³⁸ de Reich, livre e sem compulsão de educar.

Análise leiga³⁹

Pois bem, continuando o meu propósito de perpassar as publicações de Reich com especial atenção as marcas e evidências de suas preocupações educacionais, apresento o que foi uma breve comunicação para o Simpósio de Análise Leiga, ou seja, psicanálise feita por pessoas sem formação médica, feita em 1927. Mais uma vez a temática educacional aparece de maneira indireta na preocupação de que apenas aqueles que tenham tido formação prática e teórica sobre o orgânico desenvolvam o conhecimento prático do consultório.

Em poucas páginas, Reich ‘relembra’ Freud da raiz somática, endocrinológica da libido e de sua função biológica que a popularização da análise simplesmente obliteraria. Naturalmente, podemos perceber a divergência de interesses; enquanto Freud pretendia popularizar a psicanálise filosófica de auxiliar nos processos de pensamentos, Reich se preocupava estritamente com a ação médica.

Neste texto a importância que o autor dá a não fragmentação da abordagem terapêutica, indicando a unidade humana entre filosofia e somático, subjetivo e objetivo (ou mente e corpo, caso queira), e à preparação adequada

³⁸ Expressão que faz menção à ideologia libertária que permeava os ideais políticos e econômicos na França do século XVIII, na época da revolução burguesa. “Deixa estar, deixa fazer.”

³⁹ REICH, W. Análise leiga In: **Reich fala de Freud**. Lisboa: Moraes Editores, 1ª ed., 1979. p.220-223

do analista demonstra novamente o interesse direto na educação, neste caso mais direcionada ao profissional, que é um vestígio para esta pesquisa dissertativa.

Sobre a técnica de interpretação e análise das resistências e Sobre a técnica de análise do caráter

Publicados em 1927 e 1928, respectivamente, constituem mais tarde duas partes distintas do livro *Análise do Caráter*⁴⁰ (1933) que, ao meu ver, é evidência primeira da profunda preocupação educacional do autor, um subproduto teórico-prático de um médico que queria ensinar a curar, algo como um guia didático construído por técnicas surgidas a partir de experiências próprias ou de colegas. Tanto esses textos quanto o livro (que comentarei mais à frente) são de grande valor aos profissionais da área terapêutica, visto que o seu conteúdo é pedagógico e faz interessar não só pelo valor teórico como também operacional.

No primeiro texto, sobre as resistências, Reich tem a preocupação de ser muito claro com a importância da assertividade quanto à interpretação do caso desde o início e as resistências do paciente; erros graves no início podem ser comprometedores para todo o processo terapêutico, assim ele relata vários casos tratados por ele mesmo que sofreram com erros de transferências (paciente contagia emocionalmente o analista e em consequência a análise) e má conduta das resistências e, portanto, são experiências frustradas que servem apenas para fins pedagógicos. O texto reafirma o lugar de destaque das vivências na infância e o caminho terapêutico de revivê-las (*acting out*) plenamente com a memória e as emoções adequadas, e prossegue com definições técnicas de variações de resistências à análise, transferências e os principais erros na técnica de interpretação, tudo muito interessante mas, como eu já disse, é voltado para os profissionais da área.

⁴⁰ REICH, W. **Análisis del carácter**. Buenos Aires: Paidós, 4ª ed., Trad. Luis Fabricant, 1974.

No segundo texto, sobre a técnica de análise do caráter, tem-se um avanço teórico e técnico significativo para a psicanálise, em verdade, a desconfiança de Reich sobre a eficiência de cura numa análise de compreensão dos sintomas ou de esclarecimentos ao paciente, como apareceu no seu primeiro texto sobre o Peer Gynt transcrito em citação algumas páginas acima, abre a porta do rompimento deste homem com a própria psicanálise do inconsciente, a psicanálise de Freud.

Raras veces son nuestros pacientes accesibles de inmediato al análisis, capaces de seguir la regla fundamental y de abrirse realmente al analista. (...) Eliminar esta dificultad no sería tan arduo si ella no tuviese el apoyo del carácter del paciente, parte integral de su neurosis. (...) Existen, en principio, dos maneras de hacerle frente, en especial de hacer de hacer frente a la rebelión contra la regla fundamental.

Una, al parece usual, es una educación directa para el análisis mediante la información, la tranquilización, la admonición, la conversación, etc. (...) La experiencia demuestra, sin embargo, que este método pedagógico **(aquí o autor se refere especificamente às técnicas terapêuticas que sugerem uma instrução via médico-paciente)** es muy inseguro: carece de la base de la claridad analítica y se halla expuesto a las variaciones constantes de la situación transferencial.

La otra forma es más complicada y todavía no aplicable a todos los pacientes, pero mucho más segura. Consiste en *reemplazar las medidas pedagógicas por interpretaciones analíticas*. En lugar de inducir al paciente al análisis mediante el consejo, la admonición y las maniobras transferenciales, concentramos nuestra atención en su conducta real y en el significado de la misma: *por qué* duda, llega tarde, habla de manera altanera o confusa, comunica sólo uno de cada tres o cuatro pensamientos, por qué critica el análisis o produce

material excepcionalmente abundante, o bien material proveniente de profundidades excepcionales.⁴¹

Decidi fazer uso desta longa citação para explicitar, na trajetória profissional de Reich, a transição de um pensamento fortemente cognitivo e crente na ingênua imparcialidade racional para um pensamento comportamental e diretivo em uma análise intensamente ligada ao corpo e por isso mais rica de conteúdo. E registrar a sua preocupação quanto ao processo educativo registrado no corpo de cada paciente. Em meu ponto de vista, houve um discernimento no que seria mais sincero com o paciente: ao invés de esclarecimentos teóricos que muitas das vezes causam confusão mental, a sinceridade está em melhorar a vida do paciente atendendo ao objetivo de saúde. Lembrando que educar o paciente também foi uma proposta arriscada por Reich em '*O caráter impulsivo*' quando cunhou o termo '*psicagogia*'; interessante notar que este pensamento cujo terapeuta defendeu sofreu a sua inversão mais tarde quando na pesquisa de análise do caráter se tornou sua antítese, ou seja, foi eliminada a proposta de que seria necessário educar o paciente. O que pode parecer confuso é na verdade um grande salto qualitativo no pensamento de Reich, quando passa-se de uma metodologia educativa que educa e espera resultados com isso, para uma educação, digamos, inconsciente. Peço licença para fazer uma intromissão e citar uma frase de Paulo Freire da qual gosto muito e que me parece ser exemplar: "Ninguém

⁴¹ Ibidem. p.62 O grifo é meu. "São raras as vezes que os nossos pacientes são imediatamente acessíveis à análise, capazes de seguir a regra fundamental e abrir-se verdadeiramente para o analista. (...)Eliminar esta dificuldade não seria tão difícil se ela não tivesse o apoio do caráter do paciente, parte integrante de suas neuroses. (...)Há, em princípio, duas maneiras de lidar com ele, sobretudo para enfrentar a rebelião contra a regra fundamental. Um, que parece usual, é uma educação direta para a análise através da informação, a tranquilização, a advertência, a conversa, e assim por diante. (...)A experiência demonstra, contudo, que este método de ensino é muito inseguro: falta a clareza analítica e está exposta às constantes evoluções da situação transferencial. O outro caminho é mais complicado e ainda não aplicável a todos os pacientes, mas muito mais seguro. Trata-se de substituir as medidas educativas por interpretações analíticas. Em vez de induzir o paciente a uma análise pelo conselho, a advertência e manobras transferencial, centramos a nossa atenção sobre a sua conduta real e no significado da mesma: por que duvidar, chega tarde, fala de maneira exaltada ou confusa, comunica apenas um de cada três ou quatro pensamentos, razão pela qual critica a análise ou produz material excepcionalmente abundante, ou material de profundidades excepcionais." Tradução minha.

educa ninguém, mas ninguém se educa sozinho”, ou seja, não é necessário preocupar-se tanto com métodos quanto com a positividade nas relações humanas.

Essa maturidade na reformulação de suas idéias formatando verdadeiramente uma metodologia terapêutica, a análise do caráter, que atendesse o paciente sinceramente promovendo soluções diretas a partir das evidências orgânicas e comportamentais do caráter do paciente, e não esclarecimento teórico sobre os seus problemas, é de grande valor educativo para a, então, recém classe de profissionais terapeutas, pois substitui o foco das atenções para uma dinâmica positiva de saúde e fornece informações técnicas para o trabalho clínico.

A influência da moral sexual conservadora⁴²

Ou ‘O beco sem saída da educação sexual’⁴³ e na tradução literal, ‘Para onde conduz a educação nudista’, foi publicado em 1928, trazendo questões que estavam presentes na Europa pós-vitoriano, contrapontos de uma educação sexual rígida guiada por uma moral intensamente mística que foi predominante durante o período em que a rainha Vitória da Inglaterra indicava, de certa maneira, aos costumes um tom religioso e púdico (1837-1901). No texto, Reich denuncia a armadilha que os reformuladores de uma ética sexual oficial engendram contra a sexualidade natural. Considerando que *“toda ética sexual oficial é, porém, necessariamente sexual-negativa”*⁴⁴, uma reforma não traria mais que uma outra oficialidade para a sexualidade, obliterando-lhe novamente a naturalidade que lhe é ofício.

⁴² REICH. W. A influência da moral sexual conservadora. In: **A revolução sexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 72-103.

⁴³ Cf. MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich** – Bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento. São Paulo: Annblume; FAPESP, 2007. p. 61.

⁴⁴ REICH. W. Ibidem. p.73

“Se a mulher antes do casamento tem que se conservar virgem, por que não o homem?”, nesse questionamento, por exemplo, Reich provoca os alicerces morais e conservadores que pretendem assegurar à sociedade uma existência mais segura. Já que os homens não estavam sob os mais pesados ditames da moral sexual vigente de então e podiam ter ‘permissão’ para as relações sexuais fora do casamento, e tantas outras contradições citadas, tais como constatações “científicas” (aspas do autor) que afirmavam o benefício da abstinência sexual, que as mulheres somente se tornavam felizes no sexo quando ligadas na perspectiva de tornar-se mãe. Assim, é que o autor conclui que para a ordem social autoritária e oficial, o verdadeiro objetivo é a manutenção da estrutura da família, responsável direta pela perpetuação dos valores oficiais. O apego à instituição do casamento é o ‘beco sem saída’ de qualquer reforma na educação sexual, tendo suas facetas ideológica e econômica implementada, em vias de regra, pelas elites dominantes sobre a imensa massa de pobres.

Defende-se então o “casamento legalmente reconhecido” (reconhecido por quem?), mas “não se deixa de admitir” que o casamento vitalício monogâmico existiu e existe apenas como ideal atingível por poucos e que *de facto* a maior parte da vida sexual se desenrola extramatrimonialmente. As pessoas que defendem o princípio da instituição do casamento nem pensam em averiguar a sua história e função social. Podem declarar que é a melhor de todas as formas sexuais, e com o mesmo ardor afirmar exatamente o contrário. Dessa forma, é compreensível que se esgotem as intenções reformistas em frases generalizadas comuns e inócuas (...)⁴⁵

No texto em referência, ainda há um diálogo entusiasmado com as idéias do sexólogo socialista, Augusto Forel, narra a existência e dissolução da Liga Mundial da Reforma Sexual e por fim trata do assunto sobre a educação

⁴⁵ Idem. Ibidem. p.88

sexual e a conveniência ou não de acostumar as crianças à contemplação do corpo humano nu.

Para que a humanidade afaste-se da miséria sexual em que vive e tenha a sexualidade saudável, segundo este texto de Reich, é preciso dissolver o casamento enquanto estrutura sexual oficial e aceitar o corpo como parte desejável do processo da vida, tal tema é principal em seu próximo texto.

Sobre o onanismo na infância⁴⁶

Publicado em 1928 e depois em 1948 em '*Children of future*'. Ao invés da aceitação do corpo, o impulso natural nas crianças de exibição e observação, não excluindo as partes genitais do corpo humano, são repreendidas, o que desenvolve dois tipos de sentimentos, culpa, aquele de fazer algo que não se deve mesmo que naturalmente o faça; e o de lascívia, pelo caráter místico e proibido.

A experiência médica ensina que a repressão sexual resulta em doença, perversão ou lascívia. Tentemos formular as condições e conseqüências de uma educação sexual *afirmativa*. Quando uma pessoa não mostra diante da criança qualquer vergonha com relação às partes genitais, a criança não contrairá qualquer sentimento de timidez ou concupiscência; depois de ter a sua curiosidade satisfeita e portanto diminuída, ela também quererá satisfazer a sua ânsia de saber.⁴⁷

E assim, o autor pontua vários assuntos correlatos que suscitarão por sua vez novas demandas sociais caso optássemos por uma sexualidade afirmativa; uma opção possível e suas conseqüências que com certeza

⁴⁶ REICH, W. Sobre o onanismo na infância. In: **Crianças do futuro** – Sobre a prevenção da patologia sexual. Trad. Marisol P. Terlizzi. CIO – Centro de investigação orgonômica Wilhelm Reich.

⁴⁷ Idem. Ibidem. p.96

apontam para uma revolução sexual. Farei, novamente, uso das palavras do autor pois não vejo maneira mais adequada para ser honesto com as suas afirmações.

Uma visão das leis contra a imoralidade nos fará voltar ao terreno da realidade social. aí ainda muita coisa nos ocorrerá, como, por exemplo, que, com nossa aprovação da nudez, com nossa educação sexual – não sobre a fecundação das flores, mas dos *seres humanos!* – e mais outras coisas bonitas, estamos retirando uma pedra após outra do próprio edifício da moral conservadora; que o ideal da virgindade feminina até o casamento também perde a sua substância, bem como o da monogamia eterna, e com este o próprio ideal do casamento. Pois nenhum indivíduo sensato afirmará que as pessoas que tiveram uma educação séria, firme e cientificamente fundamentada, isto é, verdadeira, se sujeitará à compulsão dos costumes e da moral vigentes.⁴⁸

E um pouco mais adiante para concluir, indicando inclusive a necessidade de extrapolar os limites da educação nos espaços das escolas.

Os poucos pais que agirem e educarem os filhos de acordo com tais convicções desaparecerão completamente na grande massa, e principalmente não têm influência social. Mas também terão que pensar que exporão os filhos a conflitos graves com a ordem e moral social existentes, se bem que talvez assim sejam poupados conflitos neuróticos. mas quem, descontente com essa sociedade, acredita poder abalar o existente, talvez por ação em grande escala nas escolas, logo sentirá que lhe é negada a possibilidade de discutir conosco, ou por lhe retirarem os meios de subsistência ou por medidas ainda mais drásticas (instituição mental ou prisão), sobre se o seu método de transformar a sociedade é o mais adequado.⁴⁹

⁴⁸ Idem.Ibidem. p. 99

⁴⁹ Idem.Ibidem. p. 100

O caráter genital e o caráter neurótico⁵⁰ e Materialismo dialético e Psicanálise⁵¹

Chegado ao ano da quebra da bolsa de valores de Nova York, em 1929, que desencadeou uma enorme falência do sistema capitalista de livre concorrência e, conseqüentemente, fortaleceu teorias políticas como a anarquia, o fascismo e o comunismo. Neste agora, Reich escreve dois importantes textos em novas perspectivas psicanalíticas: '*O caráter genital e o caráter neurótico*', que contradiz a teoria cultural de Freud (na qual a neurose é inevitável na acomodação social de uma civilização) através de um deslocamento do eixo temático de confirmações e entendimentos sobre as doenças da libido para a natureza ativa e variável da construção do caráter de cada indivíduo; e o '*Materialismo dialético e Psicanálise*', que converge reflexões sobre as teorias: i - socialista de Karl Marx e Friederich Engels e ii - psicanalítica sexual de Freud e seus discípulos.

Reich, buscando definir a psicanálise em suas minúcias longe de um sistema filosófico, afirma que o caráter científico da mesma lhe é atributo desejável na própria dinâmica dialética do materialismo de Marx, e que pelo contrário do que alguns dizem a evolução científica é a base para transformar o estado burguês.

Marx e Engels sempre salientaram a idéia segundo a qual cada nova descoberta científica modificaria e faria progredir o materialismo dialético na sua representação do mundo. Quando, como tantas vezes acontece, marxistas limitados se opõem à assimilação de novas ciências, fazem-no certamente com a profunda convicção de "manter a pureza" do marxismo, mas cometem o grande erro de confundir a concepção do

⁵⁰ REICH, W. Carácter genital y carácter neurótico. In: _____. **Analisis del carácter**. Buenos Aires: Paidós, 4ª ed., Trad. Luis Fabricant, 1974. p.171-192

⁵¹ REICH, W. **Materialismo dialético e psicanálise**. Trad. Joaquim José Moura Ramos. Lisboa: Presença; Martins Fontes (Brasil), 3ª ed., 1977.

mundo e o método materialista-dialético com a teoria marxistas dos factos; aquela é muito mais lata, mais geral, mais constante do que esta que, como qualquer teoria dos factos, está sujeita a alteração.⁵²

Não se trata, evidentemente, de uma obra que discute a educação, no entanto apresenta concepções sobre tal assunto capazes de substanciar uma noção ampla e geral de como o mundo poderia naquele momento definir novos rumos através de uma nova educação, ligada ao socialismo e a psicanálise. Algumas idéias para evidenciar a dialética em que a educação se insere, segundo o autor, são encontradas em várias partes do livro: o poder da educação em modificar a sociedade e a necessidade do educador de educar-se⁵³; na sociedade burguesa a educação é instrumento de repressão, pois é através dela (a educação escolar e familiar) que se reprimem as pulsões instintivas que representam ameaça ao modo capitalista de produção e suas estruturas sociais tais como a família patriarcal⁵⁴ ; e, como a psicanálise serve de base psicológica da educação socialista devido ao conhecimento sobre o desenvolvimento mental da criança, deixando de ser apenas uma ciência auxiliar da pedagogia⁵⁵ . Esta obra está bem localizada entre a literatura produzida com objetivos de fazer confluir duas teorias , a psicanálise de Freud e o materialismo de K. Marx, já que toca em vários pontos importantes das mesmas buscando a superação dos limites impostos pelo maniqueísmo, objetividade e subjetividade, ciência e práxis. Conta-se, também, com críticas estruturais às teorias de Freud (principalmente ao complexo de Édipo e à pulsão de morte) e aos psicanalistas que se ‘esqueceram’ da base sexual formativa da psicanálise (C. G. Jung e E. Jones, por exemplo) em prol de um deleite teórico sobre as estruturas do inconsciente, limitado pelo

⁵² Ibidem. p.22-23

⁵³ Ibidem.p.31-32. Através de diálogo com Marx.

⁵⁴ Ibidem.p.54-56/110

⁵⁵ Ibidem. p.133

aprofundamento raso no desenvolvimento da discussão e pela pequena extensão física da obra.

Maturidade sexual, abstinência, moral conjugal: crítica da reforma sexual burguesa e A fobia infantil e a formação do caráter

No ano de 1930, Wilhelm Reich mudou-se para Berlim, capital da Alemanha, entendendo estar mais próximo do cenário onde a ação política comunista e antifascista lhe preenchia em conteúdo as formulações tanto teóricas quanto práticas na terapia psicanalítica, dessa forma, publicou nesse mesmo ano: 'Maturidade sexual, abstinência, moral conjugal: crítica da reforma sexual burguesa', versão depois ampliada e republicada em 1936 em *A revolução sexual*, e 'A fobia infantil e a formação do caráter', republicado na compilação que montou o livro *Análise do Caráter*, três anos depois. Sobre estes não há algo a acrescentar por hora.

A superação caracterológica do Complexo de Édipo e As doenças psíquicas como problema social

Em 1931, Reich reafirma com '*A superação caracterológica do Complexo de Édipo*' e '*As doenças psíquicas como problema social*' as divergências com o núcleo tradicional psicanalítico e o seu interesse em posicionar, de um lado, a psicanálise a serviço do movimento socialista⁵⁶ que tentava expandir-se para outros países fora da URSS, e por outro, redimensionar a visão geral e determinista da psicanálise passando do 'incontornável' recalque orgânico do Complexo de Édipo para uma percepção de caráter que suporte interações com o meio ambiente e seja capaz de se refazer, ou seja, eliminar as neuroses.

⁵⁶ Ou; o socialismo a serviço do movimento psicanalítico. Conforme discernimento apresentado pelo autor em 'Materialismo dialético e psicanálise'.

O combate sexual da juventude

Em 1932, surgem os textos '*O combate sexual da juventude*⁵⁷ e 'Irrupção da moral sexual repressiva', apimentando ainda mais a ação política direta de Reich e a linha de pensamento e pensadores que acreditavam na cooperação entre a psicanálise de Freud e o comunismo de Marx⁵⁸. Esta fusão, apelida por alguns teóricos de freudo-marxismo, não chegou a alcançar uma proposta unificada entre os seus defensores e encontrou muitas críticas em círculos intelectuais e práticos, sem contudo deixar de apresentar grandes contribuições para flexibilizar aquilo que lhe foi o 'ponto fraco', os limites entre o materialismo social e o idealismo de uma psique, as possíveis relações entre o objetivo e o subjetivo⁵⁹.

A obra '*O combate...*' é muita didática e direta, não se preocupando em fazer digressões elucidativas que um comportamento científico exigiria, pois foi constituída para servir de 'enciclopédia' ou 'guia' sexual para a juventude alemã, para que esta fosse capacitada na luta pela sobrevivência de sua saúde sexual e para a supressão do modelo sexual tradicional imposto pelas regras do capitalismo que por sua vez encontrava na formação familiar burguesa a sua forma de reprodução. Incorporando a bandeira da sexualidade desnuda dos preceitos burgueses junto ao materialismo-dialético, Reich contemplava os interesses do Partido Comunista Alemão, de milhares de pessoas e dezenas de organizações pró-saúde [pela legalização do aborto e assistência às mulheres (incluindo contracepção e planejamento familiar), pela descriminalização do homossexualismo e mais], que inclusive se reuniram e formaram a SEXPOL (Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária).

⁵⁷ REICH, W. **O combate sexual da juventude**. Trad. Jorge Silvano. Porto:Dina livros; Textos marginais, 1972.

⁵⁸ Erich Fromm e Otto Fénichel, por exemplo.

⁵⁹ Aos interessados vale a referência de busca: Escola de Frankfurt, Teoria Crítica, Adorno, Korkheimer, Fromm, Benjamin e outros.

Vista pelos olhos dos psicanalistas de Viena, a insanidade de Reich estava instalada quando da violação do caráter austero e individual da análise, talvez desde o início das formulações teóricas e técnicas de abordagem do caráter indo, agora, longe demais; mas se a loucura de um homem transforma-se em dom visionário quando suas idéias são compartilhadas por muitos outros, então, Reich era também na época um tipo de líder messiânico, genial, que percebia a oportunidade de uma revolução dentro da revolução, uma transformação única e necessária uma *“necessidade de politizar a questão sexual para sair do pântano do reformismo”*⁶⁰ e encontrar a definitiva profilaxia das neuroses de toda a humanidade: a substituição do sistema patriarcal repressor e da moral burguesa sexual pela liberdade natural da sexualidade e por uma gestão matriarcal no topo das relações sociais. Muito mais eloqüente ao defender as idéias sexuais revolucionárias, Reich tornou-se, também aos olhos dos militantes do Partido Comunista um indivíduo perigoso, pois era poderoso, persuasivo e imprevisível.

Ainda no Prefácio (*O combate...*) percebe-se quando Reich, em tom político e panfletário, indica o transtorno deformador e estéril que a educação moral pode ter causado em vários jovens, e a ação educativa que é pretendida no discurso: construtiva, interativa e autônoma.

Haverá muitos rapazes e raparigas entre aproximadamente 13 e 17 anos para quem as questões aqui tratadas parecerão sem dúvida ou parecerão evidentes sem grande dificuldade. Haverá muitos outros jovens da mesma idade que tomarão conhecimento do conteúdo deste livro com dificuldade. Haverá muitos outros, ainda da mesma idade, que estarão a tal ponto deformados pela moral e a educação, que intimidados ou indignados, rejeitarão este livro sem tardar. (...) E pedimos encarecidamente aos jovens para não serem leitores passivos, mas para adotarem, face a este escrito, uma atitude activa e crítica, e de fazerem conhecer ao editor, por escrito, a sua opinião sobre os defeitos deste livro e sobre os elementos

⁶⁰

Ibidem. p.12 Citando Idem. “A revolução sexual”.

indispensáveis ou as modificações a efectuar nele, preenchendo o questionário. A linha fundamental definitiva da política sexual da juventude deve ser elaborada colectivamente e isto pela própria juventude.⁶¹

Além de apresentar, durante todo o texto, os raciocínios lógicos que referendam a repressão sexual no sistema capitalista (datada na década de 1930) para manutenção da oferta de mão-de-obra em grande escala e manutenção da exploração dos proletários, e em contrapartida a necessidade da revolução social para a libertação dos jovens, o autor oferece informações detalhadas sobre os principais métodos contraceptivos. Sobre o onanismo e a homossexualidade, ele diz pertencerem a naturalidade humana e não há nada que os posso enquadrá-los como doentio ou fora do normal, tendo é claro as condições neuróticas que podem apresentar variações patológicas.

Mas, o que mais me é interessante: um capítulo que apresenta os conceitos econômicos, fisiológicos da sexualidade: tensão, satisfação→ auto-regulação. A partir, inicialmente, da noção de libido de Freud, a discussão que desdobra-se na teoria da função do orgasmo. Para Reich, a educação, a sexualidade e a saúde se interdependem, na crença de que há uma capacidade nata nos seres-humanos, biológica e psicológica ao mesmo tempo, para buscarem a satisfação, o prazer, e assim serem realmente felizes. As possíveis e principais críticas sobre o texto seriam sobre as utopias socialistas e a ingenuidade de qualquer texto panfletário não-científico, às quais não me deterei.

Irrupção da moral sexual repressiva⁶²

⁶¹ Ibidem. p.22/23.

⁶² REICH, W. **Irrupção da moral sexual repressiva**. Porto: Escorpião; Martins Fontes, Trad. Sílvia Montarroyos e J. Silva Dias, s/d.

Neste mesmo ano, Reich publicou um segundo livro muito diferente do anterior. Meticulosamente amarrado pelas teorias etnológicas, históricas, sociais e antropológicas de Lewis Morgan, Karl Marx, Friedrich Engels e Bronislaw Malinowski, o texto fragmenta a teoria sexual freudiana do Complexo de Édipo, torna-a inapta para o entendimento total da humanidade e propõe uma retomada da grande questão sexual psicanalítica, juntando os pedaços antes separados em um novo formato, ousado e minimamente assustador para os padrões reformadores e cautelosos:

A fórmula original de Freud : a neurose é produto de um recalçamento sexual que fracassa, sendo a condição prévia da sua cura, por isso, a anulação (*Aufhebung*) do recalçamento, trouxe como consequência a seguinte questão: e o que acontece aos instintos libertados? Na literatura psicanalítica, havia *grosso modo* duas respostas a essa questão:

1. os desejos sexuais, tendo-se tornado conscientes, deixam-se dominar ou são atingidos por um juízo condenatório.
2. a sublimação dos instintos é uma saída terapêutica importante.

Da necessidade da satisfação sexual direta não se tratou em parte alguma. (...) Portanto, só a satisfação genital é capaz (...) de anular a estase sexual e, desse modo, de privar os sintomas neuróticos da sua fonte de energia.⁶³

Além da certeza de tratar o assunto da saúde psicológica pelo viés da sexualidade com muita propriedade, o autor acrescenta valor às teorias socialistas com resultados observados por ele em pacientes. Mesmo com ganhos parciais muitos pacientes que se acreditava estarem curados não dispunham de condições materiais e culturais para sublimar e sozinho manterem-se longe de uma doença psíquica. A lógica é clara, mesmo que a terapia cure as pessoas, o ambiente social corrompido pela idéia de repressão necessária logo cuidará para que sintomas parecidos de confusão e

⁶³ Ibidem. Prefácio, p. x-xi.

atrofiamento da energia biológica se instaurem. O que o autor resolve com a proposta: se o recalçamento sexual provém da sociedade, mudemos a sociedade.

Neste livro uma rebeldia teórica se percebe; parece haver um tipo de acerto de contas pessoal e doméstico com a psicanálise, já que Reich demonstra pelas experiências e escritos do antropólogo Malinowski e das constatações do etnólogo Morgan que houve e há outras formas no mundo de interação social distinta daquela, européia vienense repressora e patriarcal, que inspirou o mestre Sigmund Freud a formular suas constatações sobre a origem da moral repressiva em cada ser humano.

Se para Freud, teoricamente, a criança passava por um jogo sexual interno e imaginário de matar o pai para ficar com a mãe (ou o contrário) o que gerava culpa e o nascimento da moral auto-repressora, capaz de permitir o surgimento de cultura em sociedade e portanto necessária para a existência humana. Em contraposição, para Marx as condições materiais determinavam permanentemente a mudança das concepções morais; Morgan afirmava a anterioridade de um comunismo primitivo matriarcal e, na prática e por observação direta dos habitantes das ilhas Trobriand, Malinowski narrava a existência de costumes morais e sexuais tão diferentes dos europeus que a teoria freudiana não teria nenhuma validade. Por exemplo, não há moral anti-sexual nem perversões, a sexualidade é incentivada e percebida naturalmente, sem pudores ou castigos e por isso não há também neurose, já que esta é consequência da estase energética causada pela repressão sexual.

Uma constatação de Reich: a repressão não é necessária; as neuroses não precisam ser instauradas para que a evolução da sociedade se dê por meios harmoniosos. Reich reapresentou o problema da repressão colocada por Freud e iluminou um caminho real de profilaxia das neuroses: o comunismo. Mesmo que possa não ser tão simplório assim, é o que encontramos na obra de Reich. Outra constatação: certamente, a derrota histórica dos projetos socialistas e a aparente unanimidade do capital sobre nossas vidas interferem

no discurso atual sobre aquele contexto de discussão apresentado por Reich, contudo a apresentação de um outro modo mais livre de viver leva o leitor a tirar bom proveito da beleza na exposição teórica do texto.

O caráter masoquista⁶⁴

Ainda em 1932 publica um texto sobre o tema do masoquismo, porém trazendo uma nova interpretação analítica, a do caráter. A principal contribuição deste artigo foi a retomada e crítica da discussão da origem do masoquismo, até então, somente havia sido colocada por Freud que primeiramente o teve como instinto secundário decorrente do sadismo infantil e depois entendido como um impulso primário que seria mais tarde a base para o conceito freudiano de instinto de morte. O que Reich faz é quebrar a antítese de Freud, Eros (prazer, vida) versus Thânatos (morte, desprazer), e entender o masoquismo como uma formação de caráter, (ou seja, uma personalidade que apresenta suas especificidades quanto às estases de energia vital no corpo que por sua vez causam neuroses e/ou impedem a liberação libidinal energética rumo ao prazer) e seu funcionamento dando-se como um caminho em busca do prazer (nunca em busca do desprazer, destruição ou dor), sem contudo alcançá-lo, causando ou podendo causar perversões graves na medida em que se repete e se intensifica. Para ele, o comportamento masoquista pode ser compreendido como um desvio pouco comum que algumas pessoas fazem para chegar à satisfação orgânica ainda que encontrando desprazer e o sofrimento pode ser contornado pelos masoquistas, pois não é deles objetivo primeiro.

No ano de 1933, dois livros foram lançados e assinaram o seu lugar no cânone científico. Ao 'Análise do caráter', não há muito a acrescentar, pois surgiu de uma compilação de alguns textos já citados, a não ser que em edições posteriores até 1949, outros textos ampliaram as edições, fato que

⁶⁴ Parte integrante de 'Análise do Caráter'.

naturalmente demonstra uma continuidade da pesquisas sobre as técnicas de análise do caráter em substituição aos padrões tradicionais da psicanálise. Aos adeptos atuais da técnica tradicional de análise psicanalítica que previa divã, paciente deitado, sem ver o interlocutor e usando a memória, enquanto o terapeuta de lado ou costas para o paciente usa a abstração lógica, priorizando o contato auditivo, todos os novos elementos que configuraram esta abordagem à personalidade através da observação da respiração, do movimento e expressão corpórea, desenvolvida por Reich, poderia parecer apenas uma deformação psicanalítica, sem grandes rupturas. No entanto, pelo viés pragmático a construção desta nova forma de entender a profilaxia e, em desdobramento desta, a própria doença psíquica, impõe uma nova realidade sobre o entendimento da medicina sobre o psiquismo, a saúde e a doença e, por que não dizer, da noção primária de 'ser' 'humano'.

Psicologia de massas do fascismo⁶⁵

Mas se, por um lado, esta obra é resultado de um processo e por isso não foi tão inusitado, pois seu conteúdo já vinha sendo exposto gradativamente, por outro, o lançamento de 'Psicologia de massas do fascismo', 1933, não poderia ter sido mais surpreendente. Depois de alguns anos de caos e incerteza econômica e política, a Alemanha havia eleito por voto livre, Adolf Hitler, pelo Partido Nacional-Socialista e o clima era de vingança pelas derrotas sofridas na Primeira Grande Guerra e auto-afirmação moral desta nação. Inaugurando uma 'Psicologia Social', Reich, ao seu estilo sóbrio e cruel e com um certo grau de historicidade, indicava na obra a falência da nação Alemã e a necessidade sentida pelas massas sexualmente doentes de uma autoridade que lhes furtasse o doloroso direito à liberdade, esta função assumida pela figura do Estado e seu representante. A presença de um 'Zé Ninguém'⁶⁶ na personalidade das massas, ratificou o movimento fascista e

⁶⁵ REICH, W. Psicologia de massa do fascismo. Porto: Publicações Escorpião, 1974.

⁶⁶ Usei esta expressão em referência ao texto/livro homônimo que será apresentado posteriormente. Resumidamente, pode ser entendido como o potencial de cada ser humano de

conferiu notoriedade ao sentimento de inferioridade moral dissimulada por um delírio de superioridade. Enfim, Reich assustou até mesmo aqueles que lhe eram próximos. Estas elaborações psicológicas foram tidas como afirmações tão apimentadas e polêmicas que configurou a obra como parte do cânone do século XX, marcante no pensamento contemporâneo, e que não se pode ignorá-lo.

Procurado na Alemanha pelo S. S. (exército alemão), Reich e a obra foram questionadas por vários motivos: pelo conteúdo agressivo e contestador; pela forma 'profana' que aproximou pesquisa histórica e uma desconhecida abordagem psico-social. E, além de que, questionar ou diminuir autor e a obra poderia ser um atestado público de distanciamento em relação ao homem que se tornou perigoso de tê-lo por perto. Lembrando que nos anos de publicação destas últimas duas obras, 1933 e 1934, W. Reich foi expulso do Partido Comunista e da Associação Psicanalítica Internacional.

A aplicação da psicanálise à pesquisa histórica

E em 1934, publicou um interessante texto, que mais tarde ampliou a obra *'Materialismo dialético e psicanálise'*, sobre *'A aplicação da psicanálise à pesquisa histórica'*, no qual indica a possível relação entre a subjetividade da psicanálise analítica e a objetividade do materialismo-dialético. Obviamente, dialogando consigo mesmo em *'Psicologia de massas...'*, demonstrou que os estudos sociais e psicológicos se complementam, rompendo a dicotomia imposta a essas áreas que, ensimesmadas fazem teorias para confirmar suas próprias pesquisas e vice-versa. Segundo o autor, o entendimento da história humana é tarefa do historiador e do sociólogo, porém a psicanálise pode auxiliar e somar neste processo.

optar por covardias, humilhações e sofrimentos, ou invés de colocar à disposição todo o seu próprio potencial.

Prefácio de 'Três ensaios da teoria da sexualidade' de Freud

Importante registrar que em 1934, Reich escreveu o prefácio da edição dinamarquesa do primeiro texto que leu de Freud, '*Três ensaios da teoria da sexualidade*', que lhe conferiu tamanha admiração a ponto de determinar a escolha da profissão médica. O aparecimento da publicação deste prefácio quase 15 anos após a primeira publicação sobre psicanálise, indica que Reich ainda acreditava nos princípios básicos da teoria da libido pelos quais iniciou sua carreira.

- . -

Pois bem, até aqui, foram apresentados as principais obras e textos publicados até 1934. buscando destacar os pontos de interferência com conceitos pedagógicos e educacionais. Nesta data, ele tinha 37 anos de idade e já construía sua base científica e filosófica, consolidada e representada nas publicações. Assim, dei-me por satisfeito com esta etapa da pesquisa, pois foi possível perceber a relevância que o tema educacional e a abordagem pedagógica tem no conjunto da obra deste período. A seguir, continuarei pausando, principalmente, nas obras que há evidências educacionais, no entanto, agora passo a dar saltos maiores entre elas.

Evidentemente, não compartilho da afirmação da qual alguns autores fazem valer, que os períodos posteriores da obra da vida de Reich não tem interesse para estudo; esta falácia é desprovida de conhecimento e imbuída de restrições pessoais. Contudo, mesmo que me fosse prazeroso expor também em detalhes toda a produção de Reich no período de 1935 a 1957, teria o trabalho de apresentar algumas obras que não são interessantes por hora, por isso, a partir deste ponto, tendo confirmado que o autor mesmo não sendo um teórico da educação, dialogou com a matéria bruta do humano que é também o conteúdo a ser trabalhado pela educação, apontarei apenas algumas obras que nitidamente têm interesse para esta pesquisa.

As massas e o estado e Contato psíquico e a corrente vegetativa

Assim, em 1935, dois textos. O *'As massas e o estado'*, incorporado ao *'Psicologia de massas do fascismo'* que já foi mencionado. O *'Contato psíquico e a corrente vegetativa'*, incorporado posteriormente ao *'Análise do caráter'*, tem o meu destaque em dois pontos: primeiro, a contribuição no entendimento que o intelecto não somente auxilia no pensar, mas também nos limita e protege daquilo que lhe assusta, uma concepção de inteligência que gera o emocional; e segundo, numa representação psíquica do organismo. O desenvolvimento do orgânico para o psíquico. Em resumo, há o vínculo natural entre o corpo e a mente, afirmação importante e que interessa muito em educação.

Conversa com uma mãe sensível

No ano de 1942, o texto *'Conversa com uma mãe sensível'* (ou *'Conversa com uma mãe sensata'*, dependendo da tradução) em forma de um diálogo de consulta médica, uma mãe e o doutor Reich conversam sobre o drama doméstico vivido. A filha que havia sido criada com todos os esclarecimentos sexuais e com total liberdade, tornara-se uma pessoa acanhada e repreendida quanto à própria sexualidade. O entendimento da situação por Reich demonstra um contorno 'mais humano' e espontâneo, dado por ele à educação e à vida de uma criança. Apontando uma crítica ao modelo progressista de educação pedagógica, à mãe ele diz:

Você caiu no mesmo erro que muitos pedagogos progressistas cometem, incluindo os da escola freudiana. Por um lado você aprova a educação sexual e não nega, ao menos teoricamente, a possibilidade de brincadeiras, isto é, no caso, uma vida sexual real. No entanto, você julga o resultado final não pela verdadeira vida da criança, que se desenvolve de acordo com as condições externas e internas e sim a partir do fato de que ela foi educada sexualmente.⁶⁷

⁶⁷ REICH, W. **Crianças do futuro** (...) p. 154.

A função do orgasmo

O determinismo que Reich critica faz contraluz ao método educativo psico-biológico por ele construído e esmiuçado em '*A função do orgasmo – Problemas econômico-sexuais da energia biológica*⁶⁸, 1942; livro com o mesmo nome de um outro seu publicado em 1937 que já frisava a sua crença vitalista e auto-reguladora da vida. O texto é, em parte, um retrospecto pessoal, rememorando seu caminho teórico, profissional e vivencial, dando créditos ao 'mestre' Freud pelo pioneirismo no trato honesto com as questões sexuais desprovidas de misticismos e, simultaneamente, criticando-o pelo abandono dos estudos libidinais em prol de divagações filosóficas, pessimistas e descrentes em relação à profilaxias, à condição e natureza humana. Este talvez seja o livro de maior interesse para esta pesquisa, já que mesmo não se dirigindo especificamente aos educadores ou falando diretamente sobre educação, tem-se contato com a história da formação de Reich, através de suas próprias explicações sobre como pensamentos e estudos tais como a psicanálise, o marxismo, a micro-física e a micro-biologia, poderiam justificar que a natureza humana busca somente o prazer e neste caminho é capaz de se auto-regular organicamente.

Os leitores que lerem na obra, o capítulo VIII, '*O reflexo do orgasmo e a técnica da vegetoterapia e análise do caráter*', por exemplo, terão a impressão de que de uma forma friamente científica, o autor está afirmando que o processo educacional somente pode acontecer se for imbuído de amor. As ciências racionais, sejam elas médicas ou pedagógicas, ganham com o trabalho de Reich uma importante flexibilidade emocional, algo tão simples que talvez se torne mais familiar se complexo. Numa explicação técnica: através da análise das resistências de um paciente (ou de aluno no processo de ensino-aprendizagem, por que não?), poderemos entender melhor como e porque (mesmo que o 'pôr que' não interesse tanto quanto interessava no divã de um

⁶⁸ REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

tempo atrás), criou-se essa couraça. Essa 'proteção biológica' também evita que sensações boas sejam sentidas, reprime a respiração que se faz curta e não bombeia bem todas partes do corpo. Já que a respiração tensa enrijece a musculatura do corpo, este corpo não consegue sentir prazer, pois não relaxa. E se acreditamos, com Reich, que todo processo positivo de aprendizagem passa necessariamente pelo afeto, já que o cognitivo não se desvencilha do emocional, temos que uma pessoa terá o melhor desempenho possível no ambiente no qual perceber segurança e liberdade para sentir.

A crítica de um discurso psicológico determinista, assentado sobre a certeza de desdobramentos mentais esclarecedores é o ponto de maior destaque no livro, pois muda-se o referencial do que vem a ser conhecimento. O corpo entra como um elemento a ser considerado em todos os níveis do humano, por mais estranho que pareça, principalmente no subjetivo.

Havia três anos que Reich fugira das perseguições fascistas e mudara-se da Europa para os Estados Unidos, respondendo a um convite para lecionar em uma universidade. Neste momento, o livro '*A função do orgasmo*' foi escrito. E ainda que seja uma marca constante nos escritos de Reich, o posicionamento político direto e ativo, a expressão de sua opinião sem rodeios ou fugas teórica, está sensivelmente mais apimentado e conclusivo, nesta obra.

O autor demonstra ter quisto escrever ali uma espécie de dossiê de sua vida/obra que servisse de documento histórico aos seus difamadores, cientistas rivais e perseguidores que, acreditava-se, tinham ficado na Europa e no passado. Percebe-se como o menino transformou-se no homem cientista e como se deu a sua formação educacional na vida e nas escolas, e que a noção biológica sobre o corpo e sobre o processo de desenvolvimento físico e psíquico passa, inexoravelmente, pela naturalidade da existência do poder que a vida tem de se retro-alimentar, se estabelecer, se regular.

Chegando ao ano de 1948, não me pareceu possível confirmar algumas críticas a respeito da personalidade em foco, como por exemplo, afirmações de que a sua obra é fragmentada e que desenvolveu teorias que não se verificaram com amostras plausíveis, como no caso dos estudos de partículas energéticas. Em verdade, mesmo com o tom jocoso, pedante e intencionalmente auto-promocional no discurso apresentado principalmente em tantos textos como é o exemplo do recém citado, '*A função do orgasmo*', não é possível deixar de perceber uma unidade coerente durante o desenvolvimento do seu pensamento. Obviamente, aceitando a dialética humana como natural ao processo de erudição e formação de pensamento.

O estudo empírico da obra demonstra que Reich foi ativo em suas publicações, alternando entre textos político-sexuais e de metodologia em abordagem terapêutica. Reich republicou vários textos seus nos Estados Unidos onde residiu a partir de 1939, preocupando-se em apresentar sua obra de forma coerente e revisada.

Escuta, Zé Ninguém

Em 1948 o texto mais passional de Reich foi publicado, '*Escuta, Zé Ninguém*'⁶⁹. Escrito dois anos antes da publicação, o texto é cheio de emoção e muitas das vezes extremamente pedante. O autor critica duramente as covardias e atrocidades causadas pelo 'Zé Ninguém' da humanidade, uma espécie de personalidade subjetiva que desenvolve-se nos indivíduos doentes, sofrendores de uma peste emocional que educa para o vício, a dependência, a banalidade, vulgaridade e a infelicidade. Um livro apaixonado, não científico, e apaixonante que merece ser, em parte, citado.

O grande homem é, pois, aquele que reconhece quando e em que é pequeno. O homem pequeno é aquele que não reconhece a sua pequenez e teme reconhecê-la; que procura

⁶⁹ REICH, W. **Escuta, Zé Ninguém**. Lisboa: Dom Quixote, Trad. Maria de Fátima Bivar, 1982.

mascarar a sua tacahez e estreiteza de vistas com ilusões de força e grandeza, força e grandeza alheias. Que se orgulha dos seus grandes generais mas não de si próprio. Que admira as idéias que não teve mas nunca as que teve. Que acredita mais arraigadamente nas coisas que menos entende, e que não acredita no que quer que lhe pareça fácil de assimilar.⁷⁰

Crianças do futuro

No ano 1950, publicou o *'Crianças do futuro'*, com vários textos inéditos e um republicado, de 1928. A movimentação de Reich em torno da educação evidencia-se novamente com este trabalho. Neste período, as relações com o educador e amigo Alexander S. Neill, o aperfeiçoamento das técnicas terapêuticas sobre a análise do caráter e o amadurecimento das pesquisas biofísicas sobre a energia vital humana denominada de 'orgone', deram um contorno muito profundo aos estudos humanos e a educação das crianças foi tomada por Reich como prioritária para uma vida humana saudável. A criação do Centro Orgonômico de Pesquisa sobre a Infância consolidou o interesse:

O destino da raça humana dependerá das estruturas de caráter da "Crianças do futuro". Em suas mãos e em seus corações repousarão as grandes decisões. Elas terão que colocar em ordem a confusão deste século XX. Isto concerne a nós, que vivemos hoje no meio desta grande confusão. (...) O que podemos fazer, no entanto, é dizer às nossas crianças exatamente onde e como falhamos. Podemos, além disso fazer tudo o que for possível para remover obstáculos em seu caminho na construção de um mundo novo e melhor para elas.⁷¹

A decisão de Reich em investir na educação e saúde das crianças é colocada como uma conclusão teórica e vivencial do próprio cientista, como uma grande descoberta feita depois de tantos anos de estudos. Uma conclusão de toda uma vida. Entre os requisitos básicos indicados para o âmbito do projeto *"Crianças do futuro"* está a prerrogativa de que antes de se tomar alguma decisão importante distinguir o

⁷⁰

Ibidem. p.23

⁷¹

REICH, W. **Crianças do futuro** (...) p. 08-09

que é favorável e o que é contrário ao princípio da vida e da auto-regulação natural. O primeiro deve ser encorajado; o segundo deve ser compreendido e, se possível, combatido.

Regras para seguir na pesquisa básica⁷²

Este é um pequenino texto, uma ou duas laudas, e foi publicado em 1951 no periódico *Orgone Energy Bulletin* produzido por Reich e seus auxiliares. Sem nenhuma intenção real de apresentar normas técnicas de pesquisa, diferentes do que o nome sugeri, o autor ironiza dialogando e revidando críticas sobre a sua prática em pesquisa.

Em 12 (doze) tópicos, as 'regras' são apresentadas como pequenas sátiras com sub-texto que se pode deduzir. Certamente, cansado de incessantes perseguições e difamações, o autor utilizando-se de uma ferramenta poderosa, mais uma vez, a ironia, destaca a importância da liberdade de expressão e pesquisa, indicando os erros que seus críticos cometem ao assumirem, segundo ele, normas e morais rígidas ao criticá-lo.

Aqui acaba a maratona de esquadrihar algumas das principais obras de Wilhelm Reich em busca de relações conceituais, metodológicas e epistemológicas com a educação. Não contemplei todas as obras, no entanto percorri todas aquelas que tive acesso, lembrando que este acesso nem sempre se fez com facilidade. Esta etapa da pesquisa é fundamental para construir com justeza e honestidade uma opinião científica, acadêmica, a respeito da importância que a obras estudadas têm para que nos dias atuais possamos compreender como e de que maneira foi pensada a educação em

⁷² REICH, W. Regras para seguir na pesquisa básica. Trad. Sara Quenzer Matthiesen, In: **Dossiê Wilhelm Reich**. Psicologia USP, 2003, 14(2), 13-16, São Paulo, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-656420030002&lng=pt&nrm=iso

parceria com a construção de um pensamento psicanalítico durante o século passado. Estabelecida de direito e de fato, através exclusivamente da análise das obras publicadas, o vínculo entre o pensamento reichiano e a educação, passaremos ao próximo capítulo que percorrerá as propostas de Freud e Reich num entendimento, ora similar, ora contrário, do que vem a ser as possibilidades humanas na construção de uma cultura, de uma educação.

PRAZER! REICH!

Capítulo 2

Reich, a Psicanálise e uma maneira de educar

Em que medida um homem pode criar o seu próprio destino e conduzir as idéias e ações para uma determinada representação de si mesmo e do mundo? Em que proporção a psicanálise e o doutor Reich influenciaram um ao outro? Quais ponderações são possíveis entre os êxitos e fracassos deste cientista? Seria mesmo Reich tão coerente e assertivo? E o mundo seria tão injusto e imbecil de sacrificar tão valioso cientista? Questões que me deixaram intrigado. Afinal, quão original foi o seu trabalho ou, simplesmente, tem razão Charles Rycroft⁷³ em afirmar que a teoria de Reich é uma cópia deformada da teoria de Freud? Com essas inquietudes transitando dentro de mim, fui buscando vestígios que pudessem iluminar um pouco essa enevoada história de Wilhelm Reich e, simultaneamente, tentando me limpar de epistemologias racionais prontas para construir uma outra que desse sustentabilidade a uma possível construção teórica plausível, para historicizar uma outra verdade educacional.

O desenvolvimento pessoal e profissional de Reich e contexto político e social da Europa e EUA durante o não tão distante século XX, foram cooperativos na realização de uma complexa história, cheia de lacunas desprezíveis e às vezes intencionais; rica de paixões, modismos teóricos, ideologias, perseguições políticas e uma efervescente ciência. E nisto, não pretendi em nenhum momento abarcar a totalidade dos elementos que constituem esta história, visto que são infinitas as combinações válidas. O que fiz foi apresentar um mosaico de peças que é mais uma imagem das visões e ações de W. Reich sobre o mundo e a vida e pensar como isto tudo foi ou

⁷³ RYCROFT, Charles. **As idéias de Reich**. São Paulo: Cultrix, Trad. Fernando de Castro Ferro, 1971.

ainda poderá ser interpretado para somar à construção de uma outra educação possível. E nisto confesso a minha parcialidade durante a pesquisa.

Na literatura psicanalítica comentada pouco encontrei de Reich, isto talvez por ter se erguido um forçoso isolamento em relação à sua história e produção em consequência da ausência das organizações que até 1934 lhe legitimaram e lhe deram destaque (Reich foi expulso do Partido Comunista e da Associação Psicanalítica Internacional, em 1933 e 1934, respectivamente), mas certamente não houve esquecimento completo. A maioria das informações que temos hoje de Reich, sendo inclusive as mais ricas em detalhes, foi trazida por ele mesmo, através de suas obras sempre imbricadas com as particularidades de sua vida, principalmente as de conteúdo notadamente biográfico e pessoal como a *'Paixão de Juventude 1897-1922'*; a principal fonte histórica sobre os 25 primeiros anos de sua vida pessoal, parte do livro *'A função do orgasmo'* (versão de 1942), o *'Escuta Zé Ninguém'* de 1948 e a entrevista/livro *'Reich fala de Freud'*, concedida em 1952; além de cartas e manuscritos pessoais. E, indiretamente, contamos também com registros de seus colaboradores, discípulos, discípulos de discípulos, alunos e colegas: Myron Sharaf, Ola Raknes, Luigi De Marchi, David Boadella, e também de sua esposa (a terceira, precisamente) Ilse Ollendorff que escreveu *'Wilhelm Reich – Uma biografia pessoal'*. Como principal contraponto crítico ao pensamento de Reich tem-se Charles Rycroft que escreveu o *'As idéias de Reich'*, livro este que tenho em referência para algumas críticas em diversos momentos desta dissertação.

Em um histórico de vida, sabemos que ele (Reich) nasceu em 1897, em Dobrzynica, na Áustria. Seus pais eram judeus, mas a sua língua materna e educação foram alemãs. Com seu irmão três anos mais jovem, sua mãe, e seu pai, Reich cresceu em uma fazenda em Jujinetz, de propriedade do próprio pai, aonde, realizou seus estudos com o auxílio de um tutor particular indo à cidade realizar os exames necessários para oficialização do ensino em uma escola

pública austro-germânica. De 1907 a 1915, Reich estudou em uma escola alemã e formou-se com excelentes notas, tendo as ciências naturais como uma das suas matérias preferidas.⁷⁴

O meu interesse pela biologia e pela ciência natural originou-se dos primeiríssimos tempos de vida que passei na fazenda, em contato com a agricultura, com os animais, com a criação etc., atividades das quais participei na prática cada verão, durante a colheita. Dos oito aos doze anos colecionava e criava borboletas, insetos de vários gêneros, plantas etc., sob a orientação de um professor particular. A função natural da vida, incluindo a sexual, me foi familiar desde quando tenho memória. Pode ser que isso tenha determinado mais tarde a minha forte inclinação, como psiquiatra, pelo fundamento biológico da vida emocional, e também as minhas descobertas biofísicas nos campos da medicina e da biologia, bem como no da educação.⁷⁵

Se na educação formal Reich foi bem, na educação familiar há indícios de sofrimentos traumáticos. De acordo com ele próprio, a sua infância foi de relação íntima com a natureza animal e silvestre, mas por convicção moral, principalmente de seu pai, também de isolamento e proibição de relacionar-se com os colonos da fazenda que eram judeus vulgares e não praticavam a cultura alemã. Nessa distinção determinista entre povos superiores e inferiores muito presente, principalmente, na Europa antes das duas grandes guerras mundiais, é que o menino e o adolescente Wilhelm viveu. A Áustria, à frente do império militar austro-húngaro, vivia o declínio de uma metrópole imperial representada outrora pelo prestígio da família Habsburgo⁷⁶.

Em 1918, depois de viver a experiência de se tornar órfão de mãe e pai, num contexto trágico, e presenciar a invasão militar de sua propriedade rural, o

⁷⁴ RAKNES, Ola. **Wilhelm Reich e a orgonomia**. São Paulo: Summus, Trad. Antonio Negrini, 1988. p.14)

⁷⁵ Ibidem. p.14

⁷⁶ HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. Arquivo PDF. Disponível em: <http://livrosparatodos.net/livros-downloads/minha-luta-mein-kampf.html> Acesso em: 11/08/08.

adolescente de 17 anos, sem posses e sem dinheiro, decidiu alistar-se no exército e participar da Primeira Grande Guerra. Um pouco antes do término da guerra e após 4 anos de serviços prestados ao exército Austro-húngaro, Wilhelm Reich, aos 21 anos de idade entrou para a faculdade no curso de Direito, mas logo se transferiu para o curso de Medicina na mesma Universidade de Viena, Áustria.

Reich narra, em '*A função do orgasmo*', obra marcada pelas reminiscências psicanalíticas e que data de 1942⁷⁷, que por acaso ele entrou em contato com a psicanálise através de um folheto passado durante uma conferência de anatomia em janeiro de 1919. Um seminário de sexologia foi criado a partir daí, Reich que participou de maneira contemplativa desde o primeiro encontro e mesmo se sentindo incomodado com a falta de uma naturalidade que lhe parecia inerente ao tema e o teor perverso atribuído aos instintos inconscientes resolveu pesquisar mais sobre o assunto. Leu vários trabalhos sobre sexologia até chegar a Sigmund Freud, do qual leu os '*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*'⁷⁸(1905) e '*Conferências introdutórias sobre psicanálise*'⁷⁹(1916/17), que lhe decidiram a profissão, médico-psicanalista.

Nessa formação acadêmica inicial dava-se ao mesmo tempo e de forma silenciosa nas estruturas mentais, a construção matricial daquilo que seria a base epistemológica de W. Reich: as renovadas ciências e filosofias naturais. Em paralelo aos estudos de Hans Driesch⁸⁰ e Henry Bergson⁸¹, o futuro

⁷⁷ Esta é a segunda edição de '*A função do orgasmo*', houve uma primeira em 1927, chamada em português '*Psicopatologia e sociologia da vida sexual*'

⁷⁸ Título original: DREI ABHANDLUNGEN ZUR SEXUAL THEORIE.

⁷⁹ Título original: VORLESUNGEN ZUR EINFÜHRUNG IN DIEPSYCHOANALYSE

⁸⁰ "Hans Adolf Eduard Driesch - (1867 - 1941) Embriologista experimental e filósofo alemão nascido em Bad Kreuznach, Prússia, hoje na Alemanha, famoso por seus trabalhos em embriologia, parapsicologia e vitalismo, doutrina que afirma a necessidade de um princípio irreduzível ao domínio físico-químico para explicar os fenômenos vitais. (...) " Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/HansAdo1.html>

⁸¹ BERGSON, H. **A evolução criadora**. Rio de Janeiro, Delta, 1964.

psicanalista buscava interlocuções com os trabalhos sexológicos e psicológicos encontrados nas obras de Bloch, Forel, Moll, Semon e Freud. E *“intelectualmente faminto após quatro anos de inatividade na Primeira Grande Guerra, e dotado da faculdade de aprender rápida, completa e sistematicamente”*⁸², Reich se colocou, a meu ver, em sincronia teórica com o conflito máximo na Europa de seu tempo, a vida humana em sociedade. *“A pergunta - ‘Que é a vida?’ – inspirava cada uma das minhas novas aquisições de conhecimento. A vida era marcada por uma notável racionalidade e intencionalidade da ação instintiva e involuntária.”*⁸³

Entre as configurações vitalistas e mecanicistas, posso dizer que mais se destacaram em Reich as primeiras, ainda que, sem se dar por satisfeito ele próprio apontou sistemáticas interessantes no campo da física que o ajudaram no desenvolvimento de sua teoria dos *bions*⁸⁴ que resultou na descoberta da energia orgone⁸⁵. Aparentes paradoxos tais como orgânico/não-orgânico, espírito/matéria, consciente/inconsciente, natureza/civilização, apresentavam-se como ordem do dia na Europa, e Reich se filiando ao longo cordão dos críticos da Modernidade, buscou se posicionar de maneira prudente e sensata sobre tais questões, sempre fiel ao aspecto científico iluminista vivido.

Voltemos à psicanálise.

⁸² REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1978. p.27

⁸³ Ibidem.p.29

⁸⁴ Bions, nome criado por Reich: “bions são vesículas de energia que representam estágios transitivos entre a substância viva e a inanimada e estão constantemente se formando na natureza por meio de um processo de desintegração de matéria orgânica e inorgânica.” VOLPI, José H. Reich, a ciência moderna e os postulados sobre a origem da vida. Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/REICH,%20A%20CI%C3%80NCIA%20MODERNA.doc>.

⁸⁵ ‘Orgone’ vem da fusão das palavras orgasmo e organismo e significa segundo Reich um desdobramento natural dos estudos nas áreas psicológica e biológica.

A erudição de Freud entusiasmou Reich já que o havia conhecido pessoalmente em oportunidade de lhe falar sobre o seminário de sexologia, quando foi chegada a vez de presidi-lo. A psicanálise lhe parecia uma confluência entre a fisiologia humana e a análise psicológica-sexual desprovida de ‘tolices e aberrações’. E em busca de um conhecimento científico livre contornando a sexualidade humana atrelada ao social, dedicou-se, então, aos estudos psicanalíticos, chegando a ser admitido como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena já em 1920, tendo apresentado o trabalho intitulado ‘*O conflito da libido e a ilusão de Peer Gynt*⁸⁶’, cuja coesão de idéias justifica inclusive questionamentos de peso à própria funcionalidade da psicanálise ao pleno sucesso terapêutico.

W. Reich ficou oficialmente ligado à psicanálise durante quatorze anos, nos quais trabalhou como psicanalista e desenvolveu os conceitos freudianos a partir de formulações pessoais embasadas na experiência clínico-terapêutica, muitas dessas frontalmente divergentes com as originais. Indicou uma aproximação da teoria psicanalista com a prática educacional e a sociologia, além de desenvolver técnicas excêntricas de abordagem terapêutica, como é o exemplo maior em ‘*Análise do caráter*’. É citado por comentadores de sua obra por ter sido considerado por várias vezes como o mais destacado dos jovens psicanalistas.

Como um verdadeiro psicanalista discípulo direto de Sigmund Freud, Reich escreveu suas idéias sobre muitas coisas diferentes e sempre foi o maior promotor de sua auto-imagem de homem justo, coerente e genial, cercado de injustiças, incoerências e bestialidades. Ele parece mesmo ter provocado atitudes contrárias a si mesmo em várias situações de sua vida. Tais semelhanças não são mera coincidência, tem o peso da influência certa de um mestre severo.

⁸⁶ ‘Peer Gynt’ (1867) é o título e também o nome do personagem do romance de Henry Ibsen. As atitudes de Peer Gynt perante a vida, motivaram W. Reich em várias passagens de sua obra. Em “A função do orgasmo” o capítulo 2 recebe o seu nome.

Foi expulso da Associação Psicanalítica Internacional, em 1934, quando havia diferenças nodais entre a psicanálise reichiana e a de Freud e os freudianos daquela época. Durante a minha pesquisa percebi que esta expulsão têm na história uma significância relevante e que pode ser um ponto fundamental neste trabalho. Não se trata de analisar 'a' expulsão, mas contextualizá-la e compreendê-la na interface conceitual e epistemológica com a educação. Decidi, então, a partir dela problematizar os conflitos de teorias que preenchiam o embate e, para além, buscar também compreender o que representava naquele momento, naquele contexto, aquela decisão. Foi uma decisão única na história da psicanálise que merece ser esmiuçada e desdobrada em quantas faces forem possíveis, não para ser recontada, e sim para ser revista.

Freud e Reich estão intimamente ligados em suas teorias iniciais, herdeiros e tradutores de matrizes filosóficas modernas que pretendiam salvaguardar a cultura humana, entendida enquanto sociedade racional. Iluministas por afinidade só se mostraram divergentes quando ao definir, afinal, o que é ser racional, cultural e humano. Refazendo o caminho da discussão teórica, percebi como a obra de Reich indica uma direção diferente daquela em consonância com a última psicologia freudiana; como representa uma outra matriz cultural que pode ser acessada para os interesses de produzir outros conhecimentos, construir outra história que dê efeito de verdade a uma educação anti-autoritária, verdadeira e plural, uma outra educação.

WILHELM REICH: UMA 'PEDAGOGIA ORGÂNICA'

W. Reich, diferente de seu mestre, não indicou estar disposto a teorizar a maldade humana e a descrença social. Ao iniciar sua vida profissional, antes mesmo de se formar médico, ocupou-se com a clínica e as leituras básicas dos textos de Freud. E, mais que um discípulo mostrou-se um investigador-teórico

da economia sexual buscando a sua natural organicidade; logo percebeu que poderia iniciar suas próprias adaptações conceituais que lhe pareciam mais justas tanto clínica como socialmente.

Reich, assim como já foi dito acima, afirmou que conheceu o pai da psicanálise quando buscou auxílio para presidir o seminário de sexologia na faculdade de medicina em Viena (1919/22), e as referências indicam que os dois tiveram durante os primeiros oito anos uma relação positiva e cooperativa, uma parceria estilo discípulo/mestre, mestre/discípulo. No mesmo 1920 em que Reich foi aceito como membro psicanalítico, Freud publicou o trabalho *‘Para além do princípio do prazer’*⁸⁷ que apresentou um novo rumo aos pensamentos psicanalíticos. Neste texto, Freud continua a formulação da teoria cultural iniciada em *‘Totem e tabu’* (para depois aperfeiçoar e finalizar em *‘O mal-estar na civilização’*) sobre uma sociedade patriarcal cujo pai primitivo foi assassinado e as relações incestuosas, proibidas, geraram culpa. A interiorização dessa repressão era, segundo Freud, o aspecto fundador e universal da cultura dos homens, o famoso Complexo de Édipo⁸⁸. Acrescido, agora, de uma reformulação de sua própria teoria pulsional; o que antes era uma natureza humana sadia que se tornava neurótica no contato com a cultura, transfigurou-se para uma natureza humana em si mesma auto-destrutiva, por isso neurótica. A culpa sexual foi substituída por um impulso de morte, e a cultura agora expressava o amparo social dessa maldade natural. A busca de bases biológicas para definições dos instintos libidinais de forma a definir a saúde psíquica, que motivara Reich, foi abandonada e desmerecida

⁸⁷ “Na série dos trabalhos metapsicológicos de Freud, *Além do Princípio de Prazer* pode ser considerado como uma introdução da fase final de suas concepções. Já havia chamado a atenção para a ‘compulsão à repetição’ como fenômeno clínico, mas lhe atribui aqui as características de um instinto; também aqui, pela primeira vez, apresenta a nova dicotomia entre Eros e os instintos de morte, que iria encontrar sua plena elaboração em *O Ego e o Id* (1923b).” Nota e tradução do editor inglês James Strachey, **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. VOLUME XVIII**, (1925-1926).

⁸⁸ Inspirado no drama escrito pelo grego Sófocles, Édipo Rei, no qual o protagonista cumpre o destino enunciado pelo oráculo de matar o pai e esposar a mãe. No entanto, depois de descobrir que o desígnio do destino tornou-se real, Édipo fura seus próprios olhos por sentir-se desgraçado. Para a versão feminina existe o menos famoso Complexo de Electra, também inspirado na mitologia grega.

pelo mesmo homem que a iniciou. Percebe-se o início de um afastamento definitivo nos trabalhos freudianos daquilo que havia sido, até 1920, as teorias psicanalíticas.

Deixando pra trás o que antes se aproximava de uma unidade psicofisiológica, Freud partiu para uma concepção de pulsão dual que, agora, se transformava em entes míticos, Eros e Thânatos, representando o prazer de viver e a destruição da vida, respectivamente. Segundo Bernd A. Laska,

Para Reich, a psicanálise começou a transformar-se de disciplina clínica em hermenêutica. Essa tendência mostrou também que se procurava evitar um posicionamento claro na questão fundamental do que vem a ser, em última análise, a terapia psicanalítica, ou seja, quais os critérios que poderiam definir a saúde psíquica. Partindo das teorias iniciais de Freud, Reich defendeu desde o princípio uma psicanálise médica, baseada em correlações psicossomáticas, a questão do critério da saúde não deveria ser desprezada em favor de uma arbitrariedade terapêutica.⁸⁹

O já respeitado psiquiatra de '*A interpretação dos sonhos*' polemizou teorizando com descrença sobre a natureza humana, afirmando que além da pulsão de vida expressada claramente, por exemplo, no desenvolvimento normal de um bebê que busca instintivamente o seio da mãe para se alimentar e viver, haveria em oposição uma pulsão contrária de destruição e morte que levaria o mesmo ser humano a envelhecer, perder os cabelos e os dentes e biologicamente morrer. Pensar assim, certamente, pareceu bastante sensato e ficou ainda mais convincente quando S. Freud intensificou essas hipóteses em três trabalhos posteriores: *O Ego e o Id* (1923), *O problema econômico do masoquismo* (1924), onde desenvolve mais pausadamente os conceitos de superego e os conflitos existentes entre os abrangentes masoquismos e a vida; e *O mal-estar na civilização* (1930), que concretizou a dualidade na psicanálise

⁸⁹ LASKA, Bernd A. **Wilhelm Reich - essência e consequência**. In: Revista Reichiana, ano XIII, Nº 13, outubro 2004, São Paulo: Departamento Reichiano do Instituto Sedes Sapientiae, p. 13.

freudiana. É nesta última fase de Freud que apareceu a famosa afirmação de que educar, governar e curar são profissões impossíveis⁹⁰.

Se por um lado Freud padeceu de um ceticismo agudo, evoluindo para uma teoria que negasse a possibilidade de satisfação na educação, Reich continuava crente que algo havia de ser feito e nunca esteve só nesta crença. Segundo Millot⁹¹, a Psicanálise, pode fornecer, ao educador, alguns ensinamentos, com base em sua ética, para que não abuse de sua função e de seu narcisismo, evitando colocar a criança no lugar de seu 'eu ideal'; e à educação, a psicanálise pode servir de tal maneira que, apoiada na mesma ética, possa renunciar à fantasia de domínio sobre o outro e criticar as ilusões mitificadoras dos ideais.

Na área educacional, inspirado mais uma vez pelos escritos iniciais de Freud, Reich manteve-se fiel ao ideal de ligar psicanálise e educação, buscando minimizar ou até mesmo evitar as neuroses oriundas do convívio social com os educadores, sendo estes os próprios pais ou pedagogos. Ilustrando as convicções terapêuticas da educação e educativas da análise, que inspiraram Reich, cito as palavras expressadas por Freud em 1913 referindo-se, assim, à relação da educação com a psicanálise.

Pois sabemos hoje que os sintomas patológicos amiúde nada mais são que substitutos de inclinações más (isto é, inúteis) e que os determinantes desses sintomas são estabelecidos nos anos de infância e juventude — durante o mesmo período em que os seres humanos são objeto da educação — quer as próprias doenças surjam já na juventude quer somente em época posterior da vida.

A educação e a terapêutica acham-se em relação atribuível, uma com a outra. (...) A educação constitui uma profilaxia, que

⁹⁰ No trabalho de 1937, intitulado 'Análise terminável e interminável', parte VII. Cf. FREUD, S. Análise terminável e interminável. (1937) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XXII. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

⁹¹ Millot, C. (1987). **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Zaar.

se destina a prevenir ambos os resultados — tanto a neurose quanto a perversão; a psicoterapia procura desfazer o menos estável dos dois resultados a instituir uma espécie de pós-educação.⁹²

Como já vimos tais crenças ruíram mais tarde, a profilaxia e a inutilidade das ‘inclinações más’ foram substituídas pelos seus mais fiéis contrários. Assim, podemos entender que as críticas de Freud às formulações teóricas de Reich, que indicavam a crença na positividade da cultura em um processo educativo durante toda a vida, sendo na escola, em casa com os pais ou seus substitutos e, também, terapeuticamente na vida adulta, são em verdade dirigidas também a si mesmo, um Freud mais jovem que acreditou que a psicanálise poderia curar doenças psíquicas.

Conta uma lendária história que depois que a biblioteca de Alexandria, no Egito, foi queimada, um humilde camponês comprou um dos livros que havia restado intacto. Mesmo que mal sabendo ler conseguiu entender que o livro contava sobre uma pedra que podia transformar qualquer metal em ouro quando tocado por ela. Essa pedra estava em uma praia distante dali em meio a milhares de pedras muito parecidas, mas com uma diferença, a verdadeira “pedra de toque” (touchstone) era quente, diferente das outras que eram frias. Impressionado com a possibilidade de ficar rico, o camponês vendeu seus poucos pertences e foi em busca da pedra. Chegando na praia começou a pegar pedra por pedra e sentindo-as frias jogava-as ao mar para que não as pegasse novamente. Os dias se passaram, os meses e os anos até que um dia, como de costume o homem estava pegando pedras e atirando ao mar, encontrou uma pedra que era quente exatamente como a que ele procurava, mas sem se dar por percebido, jogou-a ao mar.

Entendo que para Reich, em alegoria, Freud encontrara na sexualidade humana, a “pedra de toque” da psicanálise, revelando os tesouros do

⁹² FREUD, S. Introdução a The psycho-analytic method, de Pfister (1913) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XII. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

inconsciente e possibilitando ligações com a organicidade tanto biológica quanto social, porém, a jogou fora ao mar quando já não acreditava mais que a encontraria, cedendo o seu lugar àquele que seria o impulso verdadeiramente primário: a hostilidade destrutiva humana. No desdobramento dessa lógica terapêutica de se pensar a sexualidade enquanto instinto primário do humano, podemos inferir que a noção de ‘potência orgástica’ de Reich é a “pedra de toque” alegórica reencontrada no mar. Em suas próprias palavras:

Objetivamente, porém, não se tratava de competir com Freud, nem de criar uma profissão, mas de levar adiante uma descoberta monumental. Havia em questão mais que a elaboração de material conhecido; tratava-se, essencialmente, de descobrir as bases biológicas da teoria da libido, através da experimentação.⁹³

Mais que somente confrontar dois importantes pensadores, pretendo demonstrar que a base teórica sobre a qual Reich ergue suas convicções, inclusive educacionais, é aquela acimentada pelo principal fundador da psicanálise, ou seja, pensar a educação em Reich é também pensá-la em Freud. O Reich que estudou a ‘cartilha’ do ‘jovem’ Freud; ou seja, até 1920, sentiu que estava apto a questioná-lo por ele mesmo, já que o ‘velho’ Freud se afastara do conteúdo inicial que dera início à psicanálise. O livro de Reich, *‘A função do orgasmo’*, traz um histórico conceitual interessante a respeito da construção teórica que Reich esboçou a partir das teses freudianas.

Lembrarei ao leitor que cheguei a Freud através da sexologia. Não admira, portanto que eu tenha achado a sua teoria das neuroses atuais, que chamei neuroses estáticas sexuais, muito mais interessante e científica do que a “interpretação” do “significado” dos sintomas nas psiconeuroses.⁹⁴

⁹³ REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. São Paulo, Brasiliense, 1978. p.40

⁹⁴ REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. São Paulo, Brasiliense, 1978. p.83

O tópico II do capítulo IV, da obra citada, intitulado '*Suplemento à idéia freudiana da neurose de angústia*' apresenta como, já em 1923, nascia uma teorização sobre o orgasmo. Nos pioneiros trabalhos sobre a etiologia das neuroses⁹⁵, Freud havia defendido uma noção de distanciamento entre as 'psiconeuroses', que se relacionavam às fantasias e repressões ocorridas durante a infância e portanto de origem psíquica, e as 'neuroses atuais' aquelas que se relacionavam às perturbações da economia sexual presente na vida cotidiana, por exemplo, a ausência de satisfação no coito interrompido (repressão chamada de neurose de angústia) ou o excesso de sexualidade em abusos masturbatórios (compulsão chamada de neurastenia). Apesar da distinção entre esses conceitos, Freud admitia a relação e o que Reich fez foi adentrar-se por essa brecha e tornar esses conceitos interligados, possibilitando vislumbrar uma historicidade corporal bio-psíquica.

A despeito dessa dicotomia, (*Freud*) admitia uma relação entre os dois grupos. Tinha a opinião de que toda psiconeurose se desenvolvia em torno de "um cerne neurótico atual". Foi essa expressão brilhante que constitui o ponto de partida das minhas investigações da angústia estásica. Freud nunca mais publicou nada a esse respeito. (...) Freud não elucidou a contradição, mas se ateve à diferenciação inicial. Eu, por mim, vi inúmeros sintomas somáticos na clínica psicanalítica. Entretanto, não se podia negar que os sintomas da neurose atual tinham também uma superestrutura psíquica.⁹⁶

Aparentemente, Reich subverteu a teoria psicanalítica a partir de uma lógica simples, ele inverteu a ordem desse pensamento tomando-a como verdadeira ($a+b=ab$ e $b+a=ab$) e, também, atribuiu às neuroses atuais, um cerne psíquico.

Uma vez que a inibição haja produzido uma estase sexual, pode facilmente acontecer que a última intensifique a inibição

⁹⁵ FREUD, S. **A sexualidade na etiologia das neuroses.** (1898) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** v. III. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

⁹⁶ REICH, Wilhelm. *Ibidem.* p. 84/5

e reative idéias infantis, que tomam o lugar das idéias normais. Como resultado de uma inibição atual, experiências da infância, em si mesmas não patológicas, podem, por assim dizer, receber um excesso de energia sexual. Se isso acontece, tornam-se insistentes, entram em conflito com a organização psíquica adulta e tem, de então em diante, que ser mantidas sob controle com a ajuda de repressão.

E um pouco a diante, Reich comenta admirado.

(...) Durante sete anos pensei estar trabalhando em completo acordo com a escola freudiana de pensamento. Ninguém adivinhava que essa linha de pesquisa haveria de conduzir a um choque fatal entre conceitos científicos fundamentalmente incompatíveis.⁹⁷

Reich quebrou pela primeira vez um dualismo freudiano, indicando uma unidade biopsíquica das neuroses, passadas a serem nomeadas por ele de 'neuroses estásicas'; isso devido a característica estagnada da energia 'libido', nas neuroses atuais, estar ligado à idéia da sexualidade reprimida nas psiconeuroses, e vice-versa. Apesar de que havia outros psicanalistas questionando acerca das teorias freudianas e até mesmo as negando, as alterações de Reich eram sistematizadas e publicadas e talvez fossem mais incomodas por abrir precedentes para uma nova estrutura técnica de procedimentos terapêuticos, que ousassem encarar o paciente de frente, interagir um pouco mais com suas emoções e até mesmo tocar-lhe o corpo, como ocorreu nas técnicas posteriormente desenvolvidas na vegetoterapia e análise de caráter. Certamente, se Reich conseguisse que a idéia de unidade biopsíquica, tomasse notoriedade institucional, todo o sistema educacional teria que ser repensado, além de ser necessário reconfigurar outros sistemas, como por exemplo, as políticas públicas de saúde. Mas, isso teria sido suficientemente incômodo para provocar a excomunicação de Reich do ciclo psicanalítico?

⁹⁷

REICH, Wilhelm. Ibidem. p. 87/8

Para autores como Cláudio Wagner⁹⁸, as divergências políticas tiveram muito mais peso para que Freud indicasse a expulsão de Reich, enquanto que aos conflitos teóricos sobravam poucos créditos. Assim, Ricardo Amaral Rego reiterando a hipótese de Wagner, afirma que os psicanalistas Donald W. Winnicott, Ernest Jones, os dois já tendo inclusive presidido a Associação Psicanalítica Internacional e o segundo tendo sido o biógrafo oficial de Freud além de seu amigo pessoal, e Otto Fenichel, “discordaram abertamente da teoria da pulsão de morte sem deixarem de ser aceitos pela comunidade psicanalítica”⁹⁹. Sim, discordaram, mas o entendimento dos fatos não se dá nesta ótica míope. Os fatos pelos fatos, aquém das representações e contextualizações, não evidenciam suas motivações. Vejamos rapidamente, já que não há interesse direto no caso.

Utilizando-me daquilo que Rego indicou em seu texto, percebi que quanto a Winnicott e Jones, suas discordâncias são próximas de reflexões, pensamentos soltos e indiretos. O primeiro falou da sua própria impossibilidade de ser um fiel discípulo, mesmo que fosse de Freud e não exclusivamente dele, e afirma como exemplo, não achar válida a idéia do instinto de morte. O segundo, dirigiu sua discordância às formulações da psicanalista Melanie Klein sobre a pulsão de morte e a inexistência de bases biológicas que a confirme. E quanto a Fenichel, sua discordância resume-se a duas páginas em uma *“Crítica do conceito de um instinto de morte”*. O tempo em que cada um apresenta suas discordâncias é variado, mas o fato de serem expressadas depois da morte de Freud e de forma bem superficial, as aproxima. Comparar a vaga discordância desses psicanalistas com a obra de Reich que apresentou inovações técnicas inclusive e não somente discursivas, é um engano e leva-nos a diminuir a importância dos ingredientes teóricos na compreensão da

⁹⁸ WAGNER, Cláudio M. **Freud e Reich: continuidade ou ruptura?** São Paulo: Summus, 1996.

⁹⁹ REGO, Ricardo Amaral. Reich e Freud: compatibilidades e incompatibilidades. In: **Revista da Sociedade Wilhelm Reich**, v.5 – n. 5. Porto Alegre, 2002, p. 05

expulsão de Reich em prol de uma idéia persecutória de grande disseminação entre vários reichianos.

Toda a história de Reich na psicanálise é rica de atividades políticas e formulações teóricas, ainda mais na iminência da segunda grande guerra e também durante ela. A matriz psicanalítica serviu a Reich desde sua formação em medicina à formulação das técnicas de análise do caráter e talvez o tenha acompanhado até seus últimos dias de vida nos estudos cósmicos, contudo, ele criou e desenvolveu novidades que o afastaram daquilo que os psicanalistas chamavam de psicanálise. O mesmo Rego cita:

Portanto, percebe-se que há elementos de ruptura desde o princípio, e que nunca houve um Reich totalmente alinhado com as concepções psicanalíticas dominantes e que assimilasse docilmente as formulações de Freud.

Parece haver um padrão: as teorias e técnicas de Reich começam formuladas coerentemente dentro da psicanálise. Porém, aos poucos vão se desenvolvendo, ampliando, tomando forma própria, até tornarem-se algo decididamente fora do âmbito do que é reconhecido socialmente como psicanálise. Isso ocorre com as intervenções corporais (primeiro a criação da análise do caráter, depois esta levando à concepção de uma couraça muscular do caráter, e isto tendo como consequência a invenção de métodos para uma abordagem somática do tratamento), com o conceito de bioenergia orgone (descendente da teoria da libido de Freud), com as formulações sobre o orgasmo (oriundas da teoria freudiana da sexualidade).

Segundo este padrão, Reich não seria exatamente um continuador da psicanálise, e sim alguém que usou-a como um dos ingredientes na formulação de algo mais complexo, como uma maça utilizada para fazer tortas de maça, ou a tinta utilizada para pintar um quadro.¹⁰⁰

Entusiasmado e convencido, assim como Freud antes de 1920, da importância da satisfação sexual plena para a saúde psíquica, Reich escreveu

¹⁰⁰

REGO, Ricardo Amaral. Ibidem. p.04

e apresentou trabalhos sobre casos terapêuticos e a sua qualitativa formulação própria de 'potência orgástica', uma nova idéia sobre doença e saúde sexual.

Potência eretiva e ejaculativa eram apenas pré-condições indispensáveis da potência orgástica. *Potência orgástica é a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo.* Nem um único neurótico é orgasticamente potente, e as estruturas de caráter da esmagadora maioria dos homens e mulheres são neuróticas.¹⁰¹

Tendo como interesse principal, Reich estruturou detalhadamente uma 'teoria do orgasmo' que indicava mecanismos de abordagem terapêutica de observação e atuação sobre o corpo do paciente, porém, essas inovações se chocavam frontalmente com o distanciamento analítico de Freud que não propunha a intervenção direta. Na mesma direção, a importância fisiológica do corpo destacava-se como um ponto crucial na terapia de Reich; o desdobramento de que a saúde plena está ligada a uma economia harmoniosa da libido é esquematizada em uma fórmula tida como uma função biológica fundamental e primária: tensão mecânica → carga elétrica → descarga elétrica → relaxação (T – C – D – R)

O que aparecia de novidade era que apesar da psicanálise ter rompido o livre-arbítrio cristão indicando a existência de desejos e instintos escondidos no oculto inconsciente e de também atribuir às crianças uma sexualidade primária, essas leituras ainda não haviam chegado aos corpos biológicos e por isso tratava-se de belas teorias descorporizadas num mundo de idéias.

Na teorização reichiana da psicanálise, a origem e função sexual da libido foi mantida, e ademais, suplementou a formulação inicial com a concepção biológica das funções vitais inconscientes. Assim, poder-se-ia

¹⁰¹ REICH, Wilhelm. Ibidem. p.94

buscar mentes e corpos são num psiquismo de cognição mais que meramente racionalista¹⁰².

Das leituras iniciais que Reich fez de Freud, precisamente das formulações sobre 'A sexualidade infantil' em '*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*', mais que admiração, surgiu, posteriormente, algumas reformas conceituais que podemos entender como enfrentamentos contundentes ao pensamento freudiano. Somando-se ao entendimento sobre as neuroses, já exposto, outros dois elementos constituintes da teoria de Freud ganharam a particular funcionalidade de Reich: a formação reativa e a sublimação¹⁰³.

Resumo, no meu entendimento¹⁰⁴, que para Freud a *sublimação* e a *formação reativa* são processos conceituais diferentes, no entanto interligados. Tendo em mente uma teoria da sexualidade humana que é conflituosa com a cultura humana, a primeira trata-se de desvios das pulsões sexuais que não encontram satisfação direta e por isso a procuram em outros campos, por exemplo, um adulto pode sublimar no trabalho, no contato social, no fazer artístico.

A segunda, apesar de ter uma dinâmica própria, a entendemos melhor a partir da primeira. Trata-se de uma supressão dos desprazeres gerados nos sentimentos contrários presentes nas sublimações, ou seja, apresenta-se como uma defesa psíquica que através de reações às insatisfações instintivas legitima-se na moral, na repugnância e na vergonha. Assim, conclui-se que os

¹⁰² MALUF JR, Nicolau. **Ensaio sobre contribuições dos pensamentos Freudiano e Reichiano à Epistemologia.** Disponível em: http://www.reich.psc.br/pdf/Ensaio%20sobre%20contribuicoes%20do%20pensamento_reichiano_e_freudiano_a_epistemologia.pdf Acesso em: 08/08/2008

¹⁰³ Sobre esses conceitos na obra de S. Freud, principalmente sobre a 'sublimação', pode-se encontrar nas seguintes obras, respectivamente: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) e *O Ego e o Id* (1923).

¹⁰⁴ No trabalho original (na versão em português), por se tratar de um trecho muito técnico e que para entendê-lo adequadamente seria preciso dialogar com outros fragmentos textuais, preferi não trazê-lo aqui.

dois conceitos são tidos por inerentes a todos que vivem em sociedade, desta maneira todos são neuróticos, não excluindo ninguém.

Reich, sobre os conceitos supracitados, formação reativa e a sublimação, elaborou duas apreensões (em tempos diferentes). Para a apresentação da primeira, duas produções que oportunamente tratam de educação: *O caráter impulsivo* e *Os pais como educadores*. E para a segunda, trago como referência o texto, *O caráter genital e o caráter neurótico*.

A princípio, quero trazer do texto '*O caráter impulsivo*' de Reich, publicado em seus '*Primeiros escritos*', de 1925, quando ele já iniciava a análise dos caracteres e as resistências humanas, uma importante categorização onde surge, pela primeira vez nos escritos reichianos, pensamentos sobre uma educação voltada para a liberdade. Como um texto datado antes de um enfrentamento conceitual direto, mas que já indica a ênfase sobre o social com uma flexibilidade dos conflitos das instâncias psíquicas freudianas e a formação de cultura; lembrando que o '*O Ego e o Id*' foi publicado um pouco antes, em 1923, Reich indica quatro tipos de educação relacionadas às quantidades e intensidades de frustrações e satisfações.

3. Defensor de um ponto de vista econômico harmonioso pelo qual o indivíduo, no caso as crianças, possa interagir segura e positivamente com o ambiente, apresenta a primeira categoria de educação que representa a mais apropriada, é aquela na qual ocorre frustrações e satisfações pulsionais parciais.
4. A segunda categoria, com frustração destacada e excessiva, é responsável através das contenções repetidas e intensas por organizar nas estruturas psíquicas daquelas crianças caracteres inibidos.
5. Uma terceira, que frustra pouco e satisfaz excessivamente, extremamente permissiva e geradora de indivíduos sem auto-tenção na busca dos prazeres; e,

6. a quarta categoria de educação é a responsável por gerar caracteres impulsivos, pois intercala a permissividade seguida de frustração intensa e traumática.

Se entendermos que, da maneira como Reich pensou, as experiências categorizadas em torno de frustrações e satisfações pulsionais na educação das crianças indicam a formação de certo caráter predominante, podemos perceber que conforme a quantidade de prazer e desprazer relacionadas ao processo educativo podemos buscar uma equação dinâmica e não-estática que seja interessante tanto para o indivíduo como para as regras sociais necessárias à cultura, seja ela escolar ou outra.

Em segundo lugar, a produção de 1926, *‘Os pais como educadores: A compulsão a educar e suas causas’*, um resultado do encontro com a educadora russa Vera Schmidt que ensaiava uma pedagogia inspirada na psicanálise, traz uma concepção, tal como a referência anterior, ainda complacente com a inevitabilidade da formação reativa, no entanto, flexibilizando-a. Indicando quais são as necessárias frustrações à educação, segue a passagem:

Somente aquelas que têm por objeto controlar e canalizar os instintos da criança que representariam um impedimento para sua adaptação à sociedade. Por exemplo, a crueldade natural da criança terá de converter-se, em parte, em sentimento de compaixão, em parte, em atividade social.¹⁰⁵

Estes dois textos de Reich mostraram que o autor buscava uma relação positiva entre a psicanálise e a educação e limita-se a intermediar a interferência no processo educativo indicando a existência de um nível saudável de formação reativa, sempre teorizando de forma a adaptar suavemente as crianças à sociedade tal como ela está, reconhecendo-a e

¹⁰⁵ Reich, W. Os pais como educadores: A compulsão a educar e suas causas. In: _____, e Schmidt, V. **Conselho Central dos Jardins de Infância Socialistas de Berlim. Elementos para uma pedagogia anti-autoritária** (1926), Trad. J. C. Dias, A. Sousa, A. Ribeiro, & M. C. Torres. p. 53-68. Porto: Portugal: Escorpião, 1975. p.61

conservando-a. Inegavelmente, o autor caminha bem próximo dos apontamentos que Freud havia feito sobre as proximidades, funcionais inclusive, entre a psicanálise e a educação, defendendo a importância da instrução educativa e terapêutica na prevenção ou profilaxia das neuroses. Notemos em *‘O interesse científico da psicanálise’*, 1913, a semelhança no discurso que é de autoria de Freud.

A psicanálise tem freqüentes oportunidades de observar o papel desempenhado pela severidade inoportuna e sem discernimento da educação na produção de neuroses, ou o preço, em perda de eficiência e capacidade de prazer, que tem de ser pago pela normalidade na qual o educador insiste. E a psicanálise pode também demonstrar que preciosas contribuições para a formação do caráter são realizadas por esses instintos associais e perversos na criança, se não forem submetidos à repressão, e sim desviados de seus objetivos originais para outros mais valiosos, através do processo conhecido como ‘sublimação’. Nossas mais elevadas virtudes desenvolveram-se, como formações reativas e sublimações, de nossas piores disposições. A educação deve escrupulosamente abster-se de soterrar essas preciosas fontes de ação e restringir-se a incentivar os processos pelos quais essas energias são conduzidas ao longo de trilhas seguras. Tudo o que podemos esperar a título de profilaxia das neuroses no indivíduo se encontra nas mãos de uma educação psicanaliticamente esclarecida.¹⁰⁶

Os dois médicos sociais indicaram suas preocupações com a educação das crianças e a necessidade de diminuir as repressões cotidianas, inevitáveis em si. No entanto, mesmo mantendo o discurso na necessidade de mudança nos modelos educacionais, os dois distanciaram-se no que tange ao que Freud chamou de ‘ilusão profilática’. Enquanto Reich continuou discutindo as patologias para encontrar a saúde, Freud convergiu suas teorias da libido e da cultura para uma terapia da impossibilidade do bem e da saúde.

¹⁰⁶ FREUD, S. O interesse científico da psicanálise (1913) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIII. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM. Confira também: _____. O interesse educacional da psicanálise (1913) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIII. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

Em '*O caráter genital e o caráter neurótico*'¹⁰⁷, um artigo do mesmo 1929 em que Freud consolidou a teoria do impulso de morte em o '*O mal-estar...*', Reich reavaliou a sua convivência com os mecanismos de formação reativa e sublimação, até então trabalhados com uma cumplicidade natural apesar de maleável. No texto, como sugere o título, encontram-se dois tipos idealizados de caráter humano, sendo que um por estar mais próximo de uma vivência energética regulada, ou seja, que não apresenta couraças que impeçam o fluxo da libido por todo corpo, é chamado de genital e representa saúde, e o outro caráter que representa a patologia, ou seja, uma pessoa que se apresenta mais pela estase energética em uma ou outra parte do corpo, e é chamado de neurótico.

A partir dessa proposta de abstração de um parâmetro saudável e outro doente, indicou-se o caminho que seguiu as incompatibilidades com Freud; pois, finalmente podemos perceber que Reich ao invés de continuar aceitando os pressupostos da origem neurótica da humanidade envolvidas pelas idéias de sublimação e formação reativa, afirma que *"Na verdade, aprendemos que uma economia libidinal regulada é a condição prévia de uma sublimação bem sucedida e duradoura..."*¹⁰⁸, ou seja, satisfeitos os desejos sexuais a energia libidinal estará livre para o indivíduo sublimar no trabalho, na escola e onde quer que seja, pois somente um indivíduo saudável (de caráter genital) entrega-se completamente ao que faz, e assim, poderá encontrar condições de prazer direto em quaisquer atividades sem que seja necessariamente por algum tipo de substituição sexual.

E a formação reativa que para Freud era uma estrutura de defesa (vergonha, repugnância e moral) contra o desprazer da impossibilidade de satisfação dos desejos primários, para Reich tornou-se o indício de que há uma quantidade de energia libido-sexual estagnada e, por isso, patológica. Reich

¹⁰⁷ Cf. REICH, W. **Análisis del carácter**. Buenos Aires: Paidós, 4ª ed., Trad. Luis Fabricant, 1974. Este artigo transformou-se em um capítulo deste livro, de 1933.

¹⁰⁸ Ibidem. p.180

indica que a potência orgástica é a verdadeira responsável pelo desenvolvimento civilizatório, descartando a teoria cultural de Freud: o recalque orgânico, o complexo de Édipo e todo o mal-estar da neurose criadora da sociedade de Freud.

Reich tinha que através da natureza humana cooperativa, buscando sempre a harmonia e a evolução, é que foi possível o desenvolvimento da cultura dos homens. Não pôde aceitar a agressividade natural no Homem, traço predominante à tradição hobbesiana da qual Freud participa, ao contrário disso, defendia que ‘tudo faz do melhor modo’ numa concepção positiva da natureza auto-reguladora, e que as neuroses são patologias curáveis e não a estrutura fundadora das nossas sociedades. E mesmo que o prognóstico seja que a maioria da humanidade esteja enferma, não significa que a normalidade seja estar doente. Daí, a necessidade de uma educação social ampla que seja tão curativa quanto profilática, buscando uma volta à harmonia natural, assim como Rousseau ao Estado Natural. Por tudo isso é que podemos afiliar W. Reich a uma ‘tradição’ rousseauniana.

Rousseau, no século XVIII, assim como Hobbes um século antes, pretendeu justificar teoricamente o contexto da Europa iluminista e de ideais revolucionários, mas carentes de contornos morais. Em busca de preceitos civis que dessem inteligibilidade à sociedade dividida em propriedades e a dinâmica de suas regras exploratórias mediando a liberdade, os direitos e leis naturais e a própria natureza humana, foi que os dois pensadores divergiram.

Não vamos, principalmente concluir com Hobbes que, por não ter nenhuma idéia de bondade, o homem seja naturalmente mau; que seja vicioso, porque não conhece a virtude; que recuse sempre aos seus semelhantes serviços que não acredita serem do seu dever; ou que, em virtude do direito que se atribui com razão às coisas de que tem necessidade, imagine loucamente ser o único proprietário de todo o universo.¹⁰⁹

¹⁰⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Disponível em: <http://www.esnips.com/doc/1f41fd62-4a51->

Se para Freud e Hobbes, a maldade é natural ao Homem e é contida na formação de um estado (Leviatã para Hobbes) ou no recalque orgânico e na negação dos desejos sexuais (neurose em Freud), para Reich e Jean-Jacques Rousseau a natureza possui uma sabedoria auto-reguladora e harmoniosa que foi modificada pela idéia de sociedade, sofrendo o processo que originou não a maldade, mas algo não-natural: as paixões. Em outras palavras, a maldade não é produto da natureza humana, mas um sub-produto da construção da sociedade humana.

Para Rousseau, não há nada a comparar com a piedade natural do Homem, no entanto, com o início das relações coletivas na constituição de um Contrato Social surgiram paixões sociais, tais como o desejo de ser considerado pelo grupo e a raiva represada em vingança destrutiva quando o indivíduo percebia-se ignorado ou excluído, não-valorizado e por isso temeroso de não usufruir a segurança coletiva.

A medida que as idéias e os sentimentos se sucedem, que o espírito e o coração se exercitam, o gênero humano continua a se domesticar, as ligações se estendem e os laços se apertam. Adquire-se o hábito de se reunir diante das cabanas ou em torno de uma grande árvore: o canto e a dança, verdadeiros filhos do amor e da ociosidade, tornam-se divertimento, ou antes, ocupação dos homens e das mulheres ociosos e agrupados. Cada um começa a olhar os outros e a querer ser olhado por sua vez, e a estima pública tem um preço. Aquele que canta ou dança melhor, o mais belo, o mais forte, o mais destro ou o mais eloquente, torna-se o mais considerado. E foi esse o primeiro passo para a desigualdade e para o vício, ao mesmo tempo: dessas primeiras preferências nasceram, de um lado, a vaidade e o desprezo e, de outro, a vergonha e a inveja; e a fermentação causada por esses novos fermentos produziu, enfim, compostos funestos à felicidade e à inocência.¹¹⁰

[484e-bb67-32ca3e065083/jean-jacques-rousseau--origem_desigualdades.pdf?keepreferrer=1](https://www.researchgate.net/publication/484e-bb67-32ca3e065083/jean-jacques-rousseau--origem_desigualdades.pdf?keepreferrer=1)
p.24

¹¹⁰

Ibidem. p.33.

Poder-se-ia questionar se os paralelos entre Hobbes/Freud versus Rousseau/Reich são apenas jogos mentais aproximando e conflitando, forçosamente, alguns detalhes teóricos e desprovidos de contexto aprofundado. Mas, para que o Homem selvagem estivesse em evidência nas teorias dos grandes pensadores da época seria necessário um motivo forte que ligasse ao imaginário europeu a crença de que o mundo transitava para uma humanização jamais vista, e por isso a importância de um projeto de civilização. No contexto geral dos séculos XVII e XVIII, a Europa vivia a era revolucionária da ciência e das iminentes revoluções burguesas; no final do século XIX e primeira metade do XX estes grandes temas voltaram à ordem do dia (sem que tivessem ficado distantes), agora, substanciados por novos horizontes das grandes descobertas científicas na biologia, física, matemática, medicina e das contribuições da sociologia, história e a novata psicologia, precedendo expressões emblemáticas e catastróficas de uma grande reorganização capitalista, as Grandes Guerras. Além disso, havia como obrigação do ofício, atribuído ou incorporado, desses carnavalizados quatro cavaleiros do apocalipse, a enunciação do fim dos tempos místicos e o início de um novo mundo construído sobre os alicerces da razão humana, do poder criativo mundano na constituição de uma cultura comum. Cada um desses quatro, forjou a partir da convicção da natureza humana ser boa ou má, um projeto de mundo, uma concepção de educação que respondesse as novas demandas de um mundo europeu civilizado e racional.

O que aparece de imediato é termos dois médicos, psiquiatras, correlacionando-se ao ideal higienicista social, que motivados em suas pesquisas de uma vida mental desenvolveram-se sobre duas tradições teóricas de justificação do estado civilizatório moderno europeu: uma tradição hobbesiana, do Leviatã e do Homem em guerra contra todos, e uma tradição rousseauiana, da bondade suprema, do Emílio e da soberania do povo.

SIGMUND FREUD: A 'PEDAGOGIA IMPOSSÍVEL'

A primeira versão da expulsão de Reich está necessariamente ligada a maior divergência entre Freud e Reich: Os instintos pulsionais podem ser satisfeitos e encontrar uma harmonia (Reich), ou a satisfação é impossível visto que o conflito entre os desejos naturais dos seres humanos foi historicamente tolhido em prol da construção de uma civilização, de uma cultura coletiva (Freud)? Em outras palavras, tudo caminha pra melhor ou pra pior? Mesmo que responder a esta questão seja um exercício de generalização abstrata, contorná-la foi o fardo moral que os pensadores carregaram desde o aparecimento das ciências humanas modernas, no século XVII, tendo a educação atendido aos propósitos especulativos no caminho humanizador da filosofia.

Em 1952, nos Estados Unidos, Reich foi entrevistado por um representante de um projeto chamado Arquivos Sigmund Freud. Nesta entrevista Reich afirmou que '*O mal-estar na civilização*'¹¹¹, de Freud, fora uma resposta a uma conferência sua sobre a possibilidade de profilaxia das neuroses, que proferiu na casa do autor. Apesar de haver apenas esta narração para comprovação deste fato, evidencia-se que este texto reafirma o conflito existente entre a sexualidade plena e a realização de uma sociedade.

Quando li este trabalho de Freud, já atento aos contrastes com as idéias de Reich, acreditei que quando o autor apresenta idéias de 'um amigo' não identificado, que através de uma carta discute detalhes de '*O futuro de uma ilusão*'¹¹² e lhe fala de um sentimento 'oceânico' como uma sensação de

¹¹¹ O '*O mal-estar na civilização*' foi terminado em 1929 e publicado em 1930. Interessante que '*kultur*' (do título em original *Das unbehagen in der kultur*) significa tanto '*cultura*' quanto '*civilização*', explica em nota o editor inglês: "Em vista do amplo pronunciamento de Freud, ('Desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização', em *O futuro de uma ilusão*) e de uma observação semelhante ao final de *Why War?*, parece desnecessário empenhar-nos no enfadonho problema da tradução correta da palavra alemã '*Kultur*'. Via de regra, ainda que não invariavelmente, optamos por civilização para o substantivo e '*cultural*' para o adjetivo."

¹¹² Trabalho de Freud de 1927, sobre a religião sendo uma ilusão e que já desenvolvia as idéias centrais expressas em '*O mal-estar na civilização*'.

eternidade, acreditei que Reich seria este amigo tentando dar maleabilidade a apreensão da realidade social. Contudo, este amigo se chama Romain Rolland e não Wilhelm Reich; a bem da verdade, percebi através de alguns trabalhos comentados e na constatação da obra que Freud respondia às formulações de Reich com apenas um incômodo silêncio, sem interlocuções. Mas, o que interessa é dizer que através desse sentimento oceânico, Freud retoma as idéias que rechaçam o misticismo religioso de um bem ideal criado pela cultura e apresenta uma visão antropológica bem estruturada, apesar de especulativa, do início da civilização e os conflitos necessários entre a natureza humana e as necessidades culturais.

Contrariando a idéia que a *fons et origo*¹¹³ da civilização seja uma necessidade identitária de uma religião, Freud defende que as vivências em grupo durante o longo desenvolvimento pré-histórico do Homem em que tomou a posição ereta e o desenvolveu o uso das mãos em detrimento do sistema olfativo, naturalmente deslocaram a sexualidade para outros caminhos, um processo chamado de sublimação dos instintos sexuais onde nos tornamos mais racionais e menos instintivos, possibilitando assim a construção da civilização. Este movimento de refreamento dos instintos naturais, um *'recalque orgânico'*, já estava expresso no trabalho *'Três ensaios sobre a teoria da sexualidade'* de 1905, (que como já foi dito, a partir de sua leitura Reich definiu a profissão que seguiria) ou seja, não estamos perante de uma ruptura tão drástica das idéias anteriores de Freud, é visível um fio condutor. O texto de Paulo Albertini, *'Reich e a possibilidade do bem-estar na cultura'*¹¹⁴, é valioso por apresentar esta discussão acrescida de um desdobramento educacional que explicita a relação existente entre concepção da natureza humana e um propósito de educação:

¹¹³ 'Fons et origo' é uma expressão rebuscada do latim que literalmente pode ser traduzida como 'fonte de origem', nas fontes inglesas a mesma expressão é 'The primary case', algo como o princípio causador.

¹¹⁴ ALBERTINI, Paulo. Reich e a possibilidade de bem-estar na cultura. In: **Dossiê Wilhelm Reich**. Psicol. USP, v.14, n.2, São Paulo, 2003 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-656420030002&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 11/08/08.

Vale ressaltar que a presença de idéias ligadas à concepção do recalque orgânico já estão contidas em trabalhos publicados em anos mais iniciais da construção freudiana. Por exemplo, no clássico sobre a sexualidade humana “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, pode-se observar um modelo de entendimento do desenvolvimento psicosexual fundamentado na existência de um conflito interno, no qual as forças de vergonha e repugnância desempenham um importante papel. (...) Por fim, numa observação vinculada ao campo educacional, sustenta a posição de que as barreiras à sexualidade não são criadas pela educação, pois esta apenas caminha numa sentida já organicamente marcada.¹¹⁵

É importante lembrar que o que é tido por sexualidade a partir da psicanálise de Freud vai muito além do sexo em si, da relação sexual ou de corpos nus. A admiração que Reich sempre creditou ao mestre, em grande parte, vem do aspecto pioneiro de situar a sexualidade no ‘*cerne biológico*’¹¹⁶ do ser humano, algo estritamente natural vivenciado por completo.

Na citação de Albertini sobre como Freud redimi a educação de criar barreiras à sexualidade (entenda-se natureza sexual livre) e atribui hereditariedade orgânica a tais impedimentos, ficou claro que para ele há grandes limitações educativas e terapêuticas. Esse sentimento mais filosófico que clínico foi realçado pelo próprio Freud, a partir do final da Grande Guerra até o final de sua vida, quando a psicanálise criada por ele servia mais para encontrar e expressar a ‘verdade’ através da análise, afastando-se muito da eficiência terapêutica. Voltando ao texto que nos inspira.

De maneira tácita ou explícita, está colocado na obra de Freud a impossibilidade de satisfação dos impulsos sexuais, o que há de novo em ‘*O mal-estar na civilização*’ é a teorização complexa de uma pulsão de morte que é inevitável e que não pode ser combatida, apenas contornada.

¹¹⁵ P Albertini. Reich e a poss bem estar... p. 65

¹¹⁶ “Cerne biológico” é uma expressão que se tornou corrente nos trabalhos reichianos a partir dos estudos de análise do caráter. É, segundo ele, o substrato mais profundo do humano, tendo os conflitos libidinais e as regras sociais a sua frente.

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. 'Não podemos passar sem construções auxiliares', diz-nos Theodor Fontane. Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse tipo é indispensável. Voltaire tinha os derivativos em mente quando terminou *Candide* com o conselho para cultivarmos nosso próprio jardim, e a atividade científica constitui também um derivativo dessa espécie.¹¹⁷

Fica evidente o uso de uma interlocução representacional na qual ciência e arte se colocam para sobressair-se à religião¹¹⁸. Acima de tudo, estamos lidando com discursos arquitetados com fino trato, desenhados a várias mãos numa miscelânea filosófica e poética. Quando Freud cita, Theodor Fontane e a obra-prima de Voltaire, não pretende fazer uma literatura comentada ou algo do tipo, apenas utilizar-se dos valores simbólicos expressos na imagem que temos do escritor (movimento realista) e da obra (descrença e desesperança). Sobre a obra '*Cândido*' não fica difícil perceber, quando relembremos das inúmeras desgraças vividas pelo personagem e como são abrandadas pelo relativismo do pseudo-sábio Pangloss no conteúdo da obra e o segundo título da mesma '*ou O otimismo*', que estamos nos colocando numa contradição filosófica antiqüíssima surgida talvez desde as primeiras consciências e seus objetivos educativos e inspirando os humanos apesar das peculiaridades de cada idade histórica: O que é a vida? Como devemos vivê-la?

O caminho pela racionalidade, tanto no século XVIII, passando pelo XIX e chegando no XX, está como o pilar do projeto iluminista, o que está em jogo é uma grande construção social que, decididamente, leve a Europa à uma

¹¹⁷ FREUD, S. O mal-estar na civilização. (1930 [1929]) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XXI. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

¹¹⁸ "Aquele que tem ciência e arte, tem também religião. O que não tem nenhuma delas, que tenha religião!", essa expressão famosa do poeta alemão Goethe foi lembrada por Freud no texto analisado.

vanguarda cultural longínqua de um obscurantismo fantasmagórico medieval. Freud, assim como Voltaire, pretendia desmistificar o otimismo irracional e a metafísica religiosa presente na Europa há mais de mil anos e deixá-la exposta à moral, às ações cotidianas, à cruel realidade mesmo que polarizada erroneamente em pessimismo. Veja como se conclui o romance e o resumo do destino dos principais personagens que, depois de inúmeros desencontros aparentemente fatais, terminam todos juntos, pobres e trabalhando numa plantação de legumes. Segue a cena.

(...) Pangloss ralava-se de tristeza por não estar brilhando em alguma das universidades da Alemanha. Quanto a Martinho, estava firmemente persuadido de que se está igualmente mal em todo lugar; procurava sofrer com paciência. Cândido, Martinho e Pangloss discutiam metafísica e moral, às vezes. (...) Esse discurso provocou novas reflexões, e Martinho concluiu que o homem é feito para viver entre as convulsões da inquietação, ou então na letargia do tédio. Cândido não concordava, mas também nada afirmava. Pangloss confessava que sempre sofrera horivelmente; mas tendo sustentado uma vez que tudo ia às mil maravilhas, tinha de sustentá-lo sempre, sem o crer entretanto. (...)

Depois da confissão de Pangloss, que a crença otimista não fora mais que uma sustentação discursiva durante toda sua vida, Cândido parece reavaliar os ensinamentos de seu amigo-filósofo, no que o encontro com um turco lhe é proveitoso.

“O senhor deve possuir, disse Cândido ao turco, uma vasta e magnífica propriedade!” “Só tenho vinte geiras, respondeu o turco; cultivo-as com meus filhos; o trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade.”

Cândido, voltando para sua quinta, fez profundas reflexões a respeito do discurso do turco. Disse a Pangloss e a Martinho: “Esse bom velho parece que alcançou uma sorte muito preferível à dos seis reis com os quais tivemos a honra de cear.” (...) “Tem razão, disse Pangloss: porque quando o homem foi posto no jardim do Éden foi posto *ut operaretur eum* (Gênese, II, 15), para que ele trabalhasse: o que prova que o homem não foi criado para o repouso.” “Trabalhemos sem muito refletir, disse Martinho; é o único meio de tornar suportável a vida”

E, talvez, pelo hábito do discurso:

(...) Pangloss dizia às vezes a Cândido: “Todos os acontecimentos se ajustam no melhor dos mundos possíveis: porque, enfim, se você não tivesse sido expulso de um bonito castelo a grandes pontapés no traseiro, por amor de Cunegundes, se não tivesse sido entregue à Inquisição, se não tivesse percorrido a pé a América, se não tivesse dado uma boa estocada no barão, se não tivesse perdido todos os seus carneiros do bom país do Eldorado, você não estaria a comer doce de cidra e amendoins.” “Bem pensado, respondeu Cândido, mas é preciso cultivar nossa horta.”¹¹⁹

Assim, o que Freud demonstrou citando Voltaire foram os limites espaciais da filosofia especulativa na vida de cada um, como o trabalho (principalmente a ciência) ganha posição de destaque na lida diária material enquanto um derivativo da vida que ilumine a desgraça inevitável. Percebe-se, também, a historicidade deste posicionamento filosófico de Freud que engendra toda a base de sua meta-psicologia¹²⁰. Percebendo esta proximidade fui buscar na obra de Freud e encontrei referências aos filósofos, Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche, a maioria nos escritos iniciais. Por exemplo, o termo ‘id’ veio da obra de Nietzsche e a teoria sobre os sonhos baseia-se numa analogia da ‘transposição dos valores psíquicos’ nitiano. E remexendo nas *‘Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud’* encontrei a seguinte passagem que afirma a reciprocidade filosófica com a matriz niilista.

A teoria da repressão sem dúvida alguma ocorreu-me independentemente de qualquer outra fonte; não sei de nenhuma impressão externa que me pudesse tê-la sugerido, e por muito tempo imaginei que fosse inteiramente original, até que Otto Rank (1911) nos mostrou um trecho da obra de Schopenhauer *World as Will and Idea (O mundo como vontade e representação)* na qual o filósofo procura dar uma explicação da loucura. O que ele diz sobre a luta contra a aceitação da parte dolorosa da realidade coincide tão exatamente com o meu conceito de repressão que, mais uma vez, devo a chance de fazer uma descoberta ao fato de não ser uma pessoa muito lida. Entretanto, outros leram o trecho e

¹¹⁹ Voltaire. *Cândido ou O otimismo*. In: MAUROIS, André. **O pensamento vivo de Voltaire**. São Paulo: Martins, 1967. p. 243/6.

¹²⁰ A ‘meta-psicologia’ (lembrando que o sufixo ‘meta’ indica ‘posterioridade’ e ‘reflexão crítica sobre’. Ex.: metafísica, metalinguagem) foi o primeiro nome utilizado nas formulações de S. Freud que mais tarde, em 1896, ganhariam melhor contorno e passaria a se chamar ‘psicanálise’.

passaram por ele sem fazer essa descoberta e talvez o mesmo tivesse acontecido a mim se na juventude tivesse tido mais gosto pela leitura de obras filosóficas. Em anos posteriores, neguei a mim mesmo o enorme prazer da leitura das obras de Nietzsche, com o propósito deliberado de não prejudicar, com qualquer espécie de idéias antecipatórias, a elaboração das impressões recebidas na psicanálise. Tive, portanto, de me preparar — e com satisfação — para renunciar a qualquer pretensão de prioridade nos muitos casos em que a investigação psicanalítica laboriosa pode apenas confirmar as verdades que o filósofo reconheceu por intuição.

E antes que termine esta longa citação, quero reavivar o interesse para o que vem a seguir, pois aí está algo que no meu entendimento aponta como a bandeira ideológica de Freud pela qual ele seria capaz de muito fazer em sua defesa. Assim, segue.

A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise.¹²¹

Tal afirmação parece negligenciar todas as outras contribuições que surgiram da psicanálise desde o seu surgimento e pode ser entendida como muito particular e não necessariamente verdadeira, pois, apesar de uma noção de repressão percorrer toda a psicanálise, desde suas primeiras formulações com Freud, a maior contribuição da psicanálise não está numa justaposição conceito/teoria mas na inovação da estrutura analítica-discursiva que inaugurou na medicina psiquiátrica um vasto campo de pesquisa do mental e de abordagem racional sobre a psique humana. Parece que quem nos fala entrega-se mais à retórica filosófica que à medicina clínica; suponho tratar-se

¹²¹ Fluctuat nec mergitur, (lema do brasão da cidade de Paris e pode ser traduzido como “as ondas o abalam mas, não o afundam” in: FREUD, S. A história do movimento psicanalítico (1914) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XIV. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM. Uma outra citação que o aproxima aos pais do niilismo: “O alto grau em que a psicanálise coincide com a filosofia de Schopenhauer — ele não somente afirma o domínio das emoções e a suprema importância da sexualidade, mas também estava até mesmo cômico do mecanismo da repressão — não deve ser remetida à minha familiaridade com seus ensinamentos. Li Schopenhauer muito tarde em minha vida. Nietzsche, outro filósofo cujas conjecturas e intuições amiúde concordam, da forma mais surpreendente, com os laboriosos achados da psicanálise, por muito tempo foi evitado por mim, justamente por isso mesmo; eu estava menos preocupado com a questão da prioridade do que em manter minha mente desimpedida.” Idem. Um estudo autobiográfico (1925 [1924]) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XX. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

de uma intenção política ainda que não declarada de Freud de resguardar sua teoria fundante e consolidar a psicanálise enquanto instituição¹²², pois ilimitados matizes sobre o assunto indicam possíveis resoluções que não a citada, como é o caso exemplar de Reich. Desdobra-se uma ramificação aqui, pois cabe uma crítica ao pai autoritário que Freud se tornou para muitos psicanalistas.

A prisão religiosa que acabaram se transformando a maioria dos aglomerados de psicoterapeutas em torno de um mestre qualquer, contribui para o amordaçamento da criatividade. Essa pode ser considerada uma forma de edipianização. Reich não teve gurus. Ele teve mestres. Ele não se aglutinou edipianamente em torno do pai. Ele foi além. Por isso conseguiu ficar independente e manter a sua potência orgástica. Não teve que sacrificá-la a um determinado pai, a uma determinada organização patriarcal cumprindo a profecia - desejar uma mãe que não deseja para manter a vaidade paterna, para manter o narcisismo na roda giratória do seu próprio consumo. Comendo seu próprio rabo. Alimentando-se do vazio. Tornando-se impotente.

(...) Esse pai edípico usa a força da repressão para prender e a do recalque para manter preso. Querendo que se deseje uma mãe que não deseja para satisfazer a um pai vaidoso. Mulheres, moeda de troca no capitalismo.¹²³

Como pôde-se demonstrar a proximidade com as filosofias de Schopenhauer e Nietzsche, na convicção de Freud em suas idéias sobre a cultura humana e a presença de um instinto agressivo natural pode-se,

¹²² Sobre essa motivação de institucionalizar a psicanálise, espero que o texto vá evidenciando o caminho. Sabemos que Freud viveu intensas críticas no início da psicanálise e depois travou grandes conflitos epistemológicos com Adolf Adler e Carl Gustav Jung requerendo a paternidade ideológica e metodológica da psicanálise, saindo vitorioso. Os dois dissidentes, então, pronunciaram suas respectivas teorias de como 'psicologia individual' e 'psicologia analítica'. Parece que Reich caminhou para o mesmo conflito.

¹²³ Frinéa Brandão **A proposta reichiana do Anti-Édipo**

http://www.artesdecura.com.br/REVISTA/Psicoterapia/proposta_anti_edipo.htm

Trabalho apresentado no Encontro de Psicoterapia Somática - Cem Anos de Wilhelm Reich, em 5 e 6 de setembro de 1997, na Universidade Santa Úrsula - Rio de Janeiro

imediatamente, percebê-lo em uma ‘tradição’ hobbesiana em que os interesses egoístas são sempre os motivadores de uma coesão comunitária, como uma estratégia de defesa da agressividade que cada um possui e pode eventualmente usar caso não se sinta coibido pelo poder maior de um estado.

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas, pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado, disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. – *Homo homini lupus*. (...) Quem quer que relembre as atrocidades cometidas durante as migrações raciais ou as invasões dos hunos, ou pelos povos conhecidos como mongóis sob a chefia de Gengis Khan e Tamerlão, ou na captura de Jerusalém pelos piedosos cruzados, ou mesmo, na verdade, os horrores da recente guerra mundial, quem quer que relembre tais coisas terá de se curvar humildemente ante a verdade dessa opinião.¹²⁴

Freud escreveu estas frases em 1929, período da crise moral do entre-guerras no qual valores eminentes da humanidade, tais como a imaginação criativa das artes e ciências, o domínio da natureza a serviço do bem social perderam credibilidade e obrigaram-se aos constrangedores crivos do ‘como foi possível?’, ‘onde foi que erramos’ e pressentindo o ‘vai acontecer de novo!’. A escura nuvem niilista que transpôs o século presenciava os poderes imperialistas requererem seu espaço num firmamento que até a pouco tempo parecia ser um céu estrelado de ordem e progresso. A sensação de desencorajamento é relatada em várias fontes de pesquisa nas áreas sociais, e mesmo que, contraditoriamente, tenha surgido grandes avanços nas artes, nas ciências naturais e na maneira de se perceber o processo civilizatório, sobre a Europa pairava a dúvida se haveria um entendimento entre os diversos interesses políticos e ideológicos, geográficos e econômicos, culturais e educacionais.

¹²⁴

FREUD, S. O mal-estar na civilização. (1930 [1929]) (...)

Para Freud, um cientista judeu que já passara e presenciara em tantos outros graves dificuldades na primeira grande guerra, tais como a fome e desnutrição que lhe matou Sophie, a filha mais jovem e querida, o mais esperado seriam essas palavras, particularmente, quando se refere às migrações raciais e aos horrores da guerra. Joe Aguayo, psicólogo e historiador, aborda o assunto nas seguintes palavras expressas no documentário Sigmund Freud: Analysis of a mind.

A 1ª guerra mundial assustou bastante Freud. Primeiro porque todos os seus filhos homens estavam alistados no exército austríaco. Enquanto isso ele escutava relatos de milhares de pessoas sendo mortas nos campos de batalha.

O impacto dessas forças fez com que ele olhasse mais para o potencial de agressão do homem. Porque antes de ver, ele não percebia.

A guerra atingiu forte Freud no lado pessoal e no lado filosófico. Ele passou o inverno tremendo de frio no seu escritório sem aquecimento, tentando trabalhar.

As coisas se tornaram tão ruins, que Freud exigiu ser pago por um trabalho escrito através de Batatas. Tempos ruins continuaram depois da guerra. A sua filha favorita, Sophie, morreu de Pneumonia e má nutrição, em 1920. 6 semanas depois, ele escreveu seu mais sombrio e controverso trabalho, "Além do princípio do Prazer". Nele, Freud argumenta que há algo maior que guia o ser humano, além da libido. O impulso agressivo, o impulso de matar.¹²⁵

"O Homem é lobo do próprio homem", Homo homini lupus. Referência na Antigüidade grega, em Plauto, popularizada por Hobbes, na Modernidade inglesa, e consagrada na contemporaneidade vienense da teoria freudiana.

Destacando as proximidades e contextualizando as diferenças, o que Hobbes buscava com sua teoria era justificar a presença de um Estado político monárquico, autoritário e repressor que impedisse cada indivíduo de exercer a

¹²⁵ **Sigmund Freud: Analysis of a mind.** Biography/BBC. Produzido por Henry Schiffer. A&E Television Network, 1995.

sua natureza *lupus*, instintivamente agressiva e egoísta. O Leviatã¹²⁶, o Estado forte e absoluto, segundo o autor, é o único capaz de manter, pelo temor ao castigo, uma justiça forjada entre os homens. Racionalista mas limitado às idéias separadas da realidade concreta, e empirista por convicção, Hobbes apresentou uma teoria capaz de justificar a presença de um único poder institucional (estado político) que não encontre inimigos internos e que por isso evite a barbárie (estado natural), que todos tememos, oriunda do caos de interesses e poderes individuais. Não há justiça se não há estado, porque a justiça não é natural do homem e sim da sociedade.

Se a tradição hobbesiana pousou na teoria do ‘mal-estar’ de Freud, ela também caminhou junto com o desenvolvimento do estado burguês que soube moldar as idéias de forma prática, refugando a monarquia e mantendo o Estado forte que priorize o bem social. Assim, o Leviatã atravessou três séculos sendo muito solicitado na formação ideológica da Europa capitalista-imperialista. A historiadora Hannah Arendt, pesquisadora de políticas centralizadoras de poder do século XX, descreve, pelo prisma da dinâmica incansável do poder hobbesiano, como a ‘superstição do progresso’ foi substituída por uma ‘superstição da ruína’:

O negociante de mentalidade imperialista, a quem as estrelas aborreciam porque não podia anexá-las, sabia que o poder organizado como finalidade em si geraria mais poder. Quando a acumulação de poder atingiu os seus naturais limites nacionais, a burguesia percebeu que apenas com uma ideologia de expansão e apenas com um processo económico que reflectisse o da acumulação de poder, seria possível colocar novamente o motor em funcionamento. Ao mesmo tempo, porém, quando parecia que o verdadeiro motor perpétuo havia sido descoberto, a atitude especificamente optimista da ideologia do progresso foi abalada. Não que alguém duvidasse da irresistibilidade do processo, mas muitos começaram a perceber aquilo que havia assustado Cecil Rhodes: que a condição humana e os limites do globo eram

¹²⁶

Hobbes usou esse nome em metáfora a uma passagem da Bíblia, em Jó, XLI, que tal palavra designa um animal monstruoso, cruel e invencível que é o rei dos orgulhosos.

um sério obstáculo a um processo que, por um lado, não podia parar nem estabilizar-se e que, por outro lado, só podia provocar uma série de catástrofes destruidoras, quando atingisse esses limites.

Na época imperialista, a filosofia do poder tornou-se a filosofia da *elite*, que logo descobriu, e estava pronta a admitir, que a sede de poder só podia ser saciada pela destruição. Foi esta a causa essencial do seu niilismo (especialmente conspícuo na França do início do século XX e na Alemanha da década de Vinte), que substituíu a superstição do progresso pela superstição da ruína, e pregava a aniquilação automática com o mesmo entusiasmo com que os fanáticos do progresso automático haviam pregado a irresistibilidade das leis económicas.¹²⁷

Destaca-se que no século XIX as idéias de Tomas Hobbes, assim como todo o mundo religioso, ganharam novos contornos depois do impacto da publicação de '*A origem das espécies*' de Charles Darwin, em 1859. Aqui não é necessário pormenorizar as contribuições surgidas para o alavancar das ciências biológicas em detrimento do padrão místico-religioso no entendimento do humano, o que interessa notar é que, a partir de então, os sistemas totalitários (comunismos e fascismos) de dominação imperialista tinham duas teorias, uma tradição político-filosófica e a nova bio-evolucionista, que sustentavam a desigualdade natural entre os homens com a sobrevivência dos mais aptos, e daí a importância de que as personalidades superiores estejam a frente para um Estado forte.

Quando Adolf Hitler, 1924, justificou teoricamente o poder do Estado comandado por um homem, através do sacrifício da liberdade de todos indivíduos em '*Mein Kampf*', "Minha luta", ele certamente também se filiou à tradição hobbesiana, com um vislumbre ao 'super-homem' de Nietzsche.

Una ideología que, rechazando el principio democrático de la masa, se empeña en consagrar este mundo a favor de los mejores pueblos, es decir a favor del hombre superior, está

¹²⁷

Hannah Arendt, A emancipação política da burguesia. In: **O Sistema Totalitário**, Lisboa, Publicações Dom Quixote (Universitária), 1978, p. 199-209. p 206.

lógicamente obrigada a reconhecer también el precepto aristocrático de la selección dentro de cada nación, garantizando así el gobierno y la máxima influencia de los más capacitados en sus respectivos pueblos. Esta concepción se funda en la idea de la personalidad y no en la mayoría.¹²⁸

O futuro Führer alemão escrevia de sua prisão e mesmo pela difícil situação pessoal em que se encontrava, defendeu a centralização de poderes pelas personalidades superiores e o rechaço da liberdade dos homens. A ausência de moral de Hobbes aliada com a divindade desmantelada por Darwin e a quebra da igualdade dos homens perante Deus, refletia-se na filosofia de Freud e teria grande influência em sua obra.

Todavia, é possível, como já foi colocado antes, que vejamos a tradição hobbesiana e a sua estrutura niilista como uma proposta alternativa de interferência no social, admitindo a natureza humana nua de enfeites místicos e crua em seus instintos. Para esboçar uma apreensão positiva do ‘mal-estar’ na obra de Freud, valho-me das formulações do professor Paulo Albertini, a seguir.

Nessa perspectiva (*referindo-se a uma tradição iluminista vinculada ao humanismo burguês do Renascimento da qual Freud faria parte*), a construção freudiana pode ser vista como uma ampla elaboração, muitas vezes dura e crua, como em “O mal-estar na cultura”, do potencial irracional e destrutivo do homem, não para a submissão ao mesmo, mas, com o sentido oposto, para haver alguma chance de dominá-lo por meio da tomada de consciência e da influência das chamadas instâncias psíquicas superiores. Assim sendo, pode-se interpretar “O mal-estar na cultura” como uma espécie de “pedagogia da realidade” e, conseqüentemente, como uma crítica mordaz a formas alienantes e adocicadas de leitura da realidade humana.¹²⁹

¹²⁸ “Uma ideologia, que rejeitando o princípio democrático da massa, se empenhe a consagrar este mundo a favor dos melhores povos, é estar a favor de um homem superior, logicamente, forçado a reconhecer o preceito aristocrático de uma seleção dentro de cada nação, garantindo assim ao governo a máxima influência dos mais qualificados em seus respectivos povos. Esta concepção é baseada na idéia de personalidade e não na de maioria.” p. 120 Tradução minha.

¹²⁹ ALBERTINI, Paulo. Ibidem. p. 69 É de minha autoria a nota explicativa.

Lembro-me das aulas que tomei com o professor em psicologia Caio Prochno¹³⁰, e que entre as leituras de/sobre Nietzsche ele apontava um niilismo ‘ativo’ como uma des-construção do significado apático, exterior e descrente sobre o social; assim entendo o ‘mal-estar’ de Freud na semelhança com as palavras de Albertini e no que cabe a seguinte reflexão.

Albertini se refere à teoria freudiana como uma ‘pedagogia da realidade’, mas de uma realidade recortada, suponho, pois essa expressão bem representa a teoria freudiana se pensarmos que ressalta em si mesma o paradoxo real/não-real. Aquilo que, no mundo de um homem, está ao alcance de interações e submetido ao crivo do ‘real plausível’, sob a base racional, encontra a designação de realidade, mas definir a sua realidade o aproxima (Freud) mais de filósofo que cientista. O erro de Freud está justamente naquilo que ele aparentemente tenta se afastar, uma filosofia de consolo e super-proteção desprovida das sutilezas poéticas, pois outorgar parâmetros destrutivos à natureza humana serve, apenas, para acreditarmos na inexistência do bem e daí nos entregarmos às desgraças e mazelas dos Homens. A essa postura de Freud, numa lógica que expressa maniqueísmos como se a maldade fosse real e a bondade irreal, a injustiça e a desigualdade entre os homens fossem reais enquanto a justiça e a igualdade são ilusões, caminho de uma só razão, talvez fosse mais acertada a analogia com uma pedagogia do oprimido, do celebrado educador brasileiro Paulo Freire, que incuti uma representação de inferioridade aos educandos que supostamente os fariam ‘tomar consciência’ de uma situação “real” que, não se sabe por que, eles não percebiam e os fariam lutar contra os ‘opressores’. Não se trata de desmerecer a atuação política, já que esta está na condição social humana assim como as resistências no cotidiano, mas perceber que a resumida apreensão teórica da humanidade no paradoxo bem versus mal, cria a partir de si mesmo tanto a pedagogia da realidade quanto da ilusão, enquadrando os indivíduos em times opostos, em classes sociais, assim perde-se o referencial

¹³⁰ O professor Caio Prochno é titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente está em uma formação de Pós-doutorado.

múltiplo da natureza humana e não é a direção mais acertada para uma pedagogia livre. A pedagogia, seja qual modelo for, que submete ideologicamente a educação a uma finalidade prévia, priva seus atores de autonomia sincera e os tornam soldados de uma realidade pré-determinada.

Apesar de Freud não indicar a vitória do instinto de morte, mas sim um constante conflito entre Eros e Thânatos (o prazer e o desprazer), o que eu acho primoroso e, mesmo, irrefutável; o que me cabe indicar é que no conjunto de sua obra, o enfoque prioritário sobre o segundo torna pouco objetivo e bastante enfadonho o desenvolvimento de soluções futuras na lida propriamente educativa. Por mais irônico que possa parecer, obliterou-se a partir de Freud a importância do elemento utópico na constituição da realidade comum; talvez por tanto repudiar o idealismo místico e religioso, jogou-se fora toda a metafísica. Estamos diante de uma grande e silenciosa tragédia do século XX, reflexo dos traumas das guerras de reorganização mundial político-econômico: a formação de um discurso racional-materialista pouco aberto às interações ideológicas, atento aos interesses e lógicas do capital liberal e vencedor sobre uma dialética perdedora. A partir do final da segunda guerra mundial, uma nova ordem mundial se formava e tinha nas formulações da segunda fase de Freud uma simpatia afiada. Por isso talvez é que para alguns a história tenha acabado aí, na constituição do estado capitalista burguês. A partir de premissas estanques, numa afiliação filosófica focada na existência do 'fim' e não na possibilidade de produzir os 'meios' de encontrar a felicidade humana, destacou-se na historiografia (enquanto matriz cultural) um modelo interpretativo que atribui sentido natural aos efeitos dominadores e destrutivos vivenciados intensamente num passado recente¹³¹.

¹³¹ Tal modelo interpretativo reproduziu falácias teóricas como o 'fim da história' do norte-americano Francis Fukuyama, em "O fim da história e o último homem" de 1992. Por outro lado, uma levada de historiadores, principalmente ingleses, recriavam as teorias marxistas buscando abarcar os últimos cem anos à luz das lutas de classes, repudiando no que fosse possível a escola positivista. Enquanto tudo isso acontecia, os estudos culturais atribuíam discussão a cientificidade histórica, refugiando-se em novas evidências e linguagens, outros caminhos de construir a História através do cotidiano dos vulgares, das micro-histórias, das utensilagens mentais, das representações.

CONCLUSÃO

Através do caminho indicado neste texto, conclui esta dissertação deixando o estudo ainda em aberto pois a obra estudada ainda pode nos indicar vários caminhos tanto para a educação como para várias outras áreas. Como havia me proposto, elegi um mosaico de representações, que ilustraram um pouco o que pode ser uma pesquisa crítica sobre a obra de Reich.

É certo que o tema 'educação' moveu grande parte das publicações de Reich, mesmo que ele não tenha em nenhum momento trazido para si a responsabilidade de formatar por completo uma pedagogia; talvez o que fique de mais concreto é justamente o contrário disto. Talvez tenhamos recebido de Reich a proposta de uma anti-pedagogia, se é que estamos pensando na pedagogia tradicional, valendo da mesma afirmação de Maria Cristina Kupfer sobre a psicanálise.

Por acreditar que o inconsciente introduz, em qualquer atividade humana, o imponderável, o imprevisto, o que se desvanece, o que nos escapa, não há como criar uma metodologia pedagógico-psicanalítica, pois qualquer metodologia implica ordem, estabilidade, previsibilidade.¹³²

Vários conceitos foram trabalhados, muitos vieram da psicanálise e muitos outros surgiram de trabalhos originais com a física e a biologia. Auto-regulação, couraça, educação, sexualidade, orgasmo, ereção, potência, psicologia, comunismo, caráter, biologia, física, respiração, religião, cosmos... enfim, não pretendo elencar todos, apenas dizer que todos ganharam novos significados a partir dos estudos de Reich, que primou por uma visão de humanidade pelo prisma da vida.

Novas metodologias foram criadas, flexibilizando as intermináveis pesquisas de amostragem que sufocavam os âmbitos cientificistas. Neste

¹³² KUPFER, M.C.M. (1989). **Freud e educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione. p.97.

quesito, a integração real do corpo ao aparelho psíquico através de técnicas terapêuticas e idéias de organicidade entre os sistemas biológicos e sociais, rendeu ao autor grande mérito, inclusive influenciando outros cientistas e pensadores de áreas distintas.

E, não poderia deixar de atribuir o valor que é de direito a W. Reich, por propor e implementar desde o primeiro texto publicado até o último, uma forma original e alternativa de conhecer o mundo, de investigar. O constante inconformismo com padrões sociais, fez de Reich proprietário de uma bela e valorosa obra textual que serve tanto para a educação (seja formal, doméstica ou social), como para qualquer área ou pessoa que seja interessada em aprender sobre a Vida, sem que se precise pormenorizar ou explicar o que vem a sê-la.

Não me resta dúvidas de que a obra de Wilhelm Reich pode, sim, servir como base epistemológica para pensarmos uma 'outra' educação, uma que seja mais rica de possibilidades, que veja o indivíduo de maneira integrada e, para tanto, o trate de forma plena, em todas as suas minúcias, inclusive; com maior atenção voltada aos prazeres possíveis, às emoções sentidas e percebidas no corpo, com responsabilidade social, ambiental e humana.

Assim, e concluindo, essa é uma epistemologia que transborda para além da noção clássica de cognição, apoiando-se num referencial onde processos físicos e mentais encontram-se dialeticamente ligados por um denominador comum. Um referencial que, ao mesmo tempo em que afirma a noção de inconsciente freudiano, através do pensamento reichiano supera a formulação do sujeito dividido e a concomitante impossibilidade de um conhecimento objetivo decorrente desta. Uma epistemologia de um sujeito da natureza.¹³³

¹³³ MALUF JR, Nicolau. **Ensaio sobre contribuições dos pensamentos Freudiano e Reichiano à Epistemologia**. Disponível em: http://www.reich.psc.br/pdf/Ensaio%20sobre%20contribuicoes%20do%20pensamento_reichiano_e_freudiano_a_epistomologia.pdf Acessado em: 08/08/2008

Concluo que, através do legado teórico de Reich podemos repensar a educação, contudo, esta é uma outra educação que passa necessariamente pelos educadores e pelos educandos, sejam eles quem forem e estejam eles aonde estiverem, e de maneira nenhuma por um conjunto de pressupostos pedagógicos que são diametralmente opostos à concepção de educação teorizada e vivida por Wilhelm Reich.

REFERÊNCIAS

Obras e trabalhos de Wilhelm Reich e sobre ele

ALBERTINI, Paulo. Reich e a possibilidade de bem-estar na cultura. In: **Dossiê Wilhelm Reich**. Psicol. USP, v.14, n.2, São Paulo, 2003 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-656420030002&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 11/08/08.

BARRETO, André Valente de Barros. Freud e Reich: duas matrizes. In: **Revista Com Ciência**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/psicanalise/psique10.htm> Acesso em: 11/08/08.

BRANDÃO, Frinéa. **A proposta reichiana do Anti-Édipo**. Disponível em: http://www.artesdecura.com.br/REVISTA/Psicoterapia/proposta_anti_edipo.htm Acesso em: 11/08/08.

GASPAROTTO, F. L. Wilhelm Reich: um homem e suas guerras. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. Anais... Centro Reichiano, 2004. CD-ROM.

LASKA, Bernd A. Wilhelm Reich - essência e consequência. In: **Revista Reichiana**, ano XIII, Nº 13, outubro 2004, Tradução: Alfred Josef Keller, São Paulo: Departamento Reichiano do Instituto Sedes Sapientiae, pp. 12-23. Também no formato digital. Disponível em <http://www.lsr-projekt.de/poly/ptwrinnuce.html> Acesso em 26/01/2007.

MALUF JR, Nicolau. **Ensaio sobre contribuições dos pensamentos Freudiano e Reichiano à Epistemologia**. Disponível em: <http://www.reich.psc.br/pdf/Ensaio%20sobre%20contribuicoes%20do%20pensamento reichiano e freudiano a epistomologia.pdf> Acesso em: 08/08/2008

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Educação de educadores: pressuposto psicanalítico ou utopia reichiana?** Dossiê Wilhelm Reich. Psicologia USP, 2003, 14(2), 17-34 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-656420030002&lng=pt&nrm=iso

Acesso em: 11/08/08.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Último Desejo e Testamento de Wilhelm Reich**. Psic.: Teor. e Pesq. set. 2001, vol.17, no.3 [citado 26 Maio 2004], p.207-210. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000300002&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 11/08/08.

_____. **Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich** – Bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento. São Paulo: Annblume; FAPESP, 2007.

PEREIRA, Eduardo da Costa, **O conceito de liberdade em Reich e na Filosofia: Algumas Considerações**. Disponível em: http://www.fw2.com.br/clientes/artesdecura/REVISTA/Psicoterapia/conceito_lib_reich.htm Acesso em: 11/08/08.

NITZSCHKE, Bernd A. interpretação política da psicanálise por Wilhelm Reich ou Resistência e acomodação dos psicanalistas na época dos nazismo. In: **Revista Reichiana** No. 13, 2004, S. 24-36. Disponível em: <http://www.werkblatt.at/nitzschke/geschichte.htm> Acesso em: 11/08/08.

_____. **El “caso” Wilhelm Reich y su significación en el esclarecimiento de la historia de las actuaciones de la Sociedad Psicoanalítica Alemana conjuntamente con la dirección de la Asociación Psicoanalítica Internacional bajo el estado nacionalsocialista en el período desde 1933 a 1945, y su posterior repercusión**. Disponível em: <http://www.werkblatt.at/nitzschke/geschichte.htm> Acesso em: 11/08/08.

PACÍFICO, Juracy Machado. **O olhar de reich para a educação: o papel da frustração e do desejo**. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=505> Acesso em: 11/08/08.

REGO, Ricardo Amaral. Reich e Freud: compatibilidades e incompatibilidades. In: **Revista da Sociedade Wilhelm Reich**, v.5 – n. 5. Porto Alegre, 2002, p. 59-74.

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

_____. **Psicologia de massa do fascismo**. Porto: Publicações Escorpião, 1974.

_____. Os pais como educadores: A compulsão a educar e suas causas. In: _____ e Schmidt, V. **Conselho Central dos Jardins de Infância Socialistas de Berlim. Elementos para uma pedagogia anti-autoritária** (1926), Trad. J. C. Dias, A. Sousa, A. Ribeiro, & M. C. Torres. p. 53-68. Porto: Portugal: Escorpião, 1975.

_____. Conflitos da libido e formações delirantes em 'Peer Gynt' de Ibsen. In: REICH, W. **Primeiros escritos**. Trad. Ailton Bedani. s/d.

_____. **Materialismo dialéctico e psicanálise**. Trad. Joaquim José Moura Ramos. Lisboa: Presença; Martins Fontes (Brasil), 3ª ed., 1977.

REICH, W. **Irrupção da moral sexual repressiva**. Porto: Escorpião; Martins Fontes, Trad. Sílvia Montarroyos e J. Silva Dias, s/d.

_____. **O combate sexual da juventude**. Porto: Dina livros; Textos marginais, Trad. Jorge Silvano. 1972.

_____. **Analisis del caracter**. Buenos Aires: Paidós, 4ª ed., Trad. Luis Fabricant, 1974.

REICH, W. **Reich fala de Freud**. Lisboa: Moraes Editores, 1ª ed., 1979.

_____. **Crianças do futuro** – Sobre a prevenção da patologia sexual. Trad. Marisol P. Terlizzi. CIO – Centro de investigação orgonômica Wilhelm Reich.

_____. **A revolução sexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 3ª ed., 1976.

_____. REICH, W. **Escuta, Zé Ninguém**. Lisboa: Dom Quixote, Trad. Maria de Fátima Bivar, 1982.

_____. **O caráter impulsivo** – Um estudo psicanalítico sobre a patologia do ego. (?)

_____. **Regras para seguir na pesquisa básica**. Trad. Sara Quenzer Matthiesen, IN: Dossiê Wilhelm Reich. Psicologia USP, 2003, 14(2), 13-16, São Paulo, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-656420030002&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 11/08/08.

RYCROFT, Charles. **As idéias de Reich**. São Paulo: Cultrix, Trad. Fernando de Castro Ferro, 1971.

WAGNER, Cláudio M. **Freud e Reich: continuidade ou ruptura?** São Paulo: Summus, 1996.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. **A psicologia política de Wilhelm Reich**. Disponível em:

http://ceor.fastlane.com.br/art_psicologia_politica_de_wilhelm_reich.htm

Acesso em: 23/03/2007.

Bibliografia em geral

ARENDT, Hannah. A emancipação política da burguesia. In: **O Sistema Totalitário**, Lisboa, Publicações Dom Quixote (Universitária), 1978, p. 199-209.

BERGSON, H. **A evolução criadora**. Rio de Janeiro, Delta, 1964.

DESCARTES, René. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **Vigiar e punir: O nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios (1908) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. IX. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. O interesse educacional da psicanálise (1913) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIII. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. A sexualidade na etiologia das neuroses (1898) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. III. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. Introdução a The psycho-analytic method, de Pfister (1913) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XII. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. Esclarecimento sexual das crianças (1907) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XXII. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. O interesse científico da psicanálise (1913) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIII. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. Prefácio A juventude desorientada, de Aichhorn (1925) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIX. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 [1932]). In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XXII. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. Além do Princípio de Prazer (1920) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XVII. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. Totem e Tabu (1912-13) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. O mal-estar na civilização. (1930 [1929]) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XXI. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. A história do movimento psicanalítico (1914) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. Um estudo autobiográfico (1925 [1924]) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XX. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. VII. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. O futuro de uma ilusão. (1927) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XXI. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

_____. Psicologia das massas e análise do Ego. (1921) In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XVIII. Ed. Eletrônica. Rio de Janeiro: Imago. CD-ROM.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. Arquivo PDF. Disponível em: <http://livrosparatodos.net/livros-downloads/minha-luta-mein-kampf.html> Acesso em: 11/08/08.

HOBBS de malmesbury, Thomas . **Leviatã ou Matéria** - Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva.

KUPFER, M.C.M.. **Freud e educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione. 1989.

Millot, C. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Zaar, 1987.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Disponível em: http://www.esnips.com/doc/1f41fd62-4a51-484e-bb67-32ca3e065083/jean-jacques-rousseau--origem_desigualdades.pdf?keepreferrer=1 Acesso em: 11/08/08

VOLTAIRE. Cândido ou O otimismo. In: MAUROIS, André. **O pensamento vivo de Voltaire**. São Paulo: Martins, 1967.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da Antigüidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 1999.

PETITAT, André. **Produção da Escola - Produção da Sociedade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CAMBI, FRANCO **História da Pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. – São Paulo: Editora UNESP, 1999.

Fontes Artísticas

IBSEN, Henry. **Peer Gynt ou As Aventuras de Peer Gynt**. Poema dramático em 5 atos. (Tradução de Léo Gilson Ribeiro, 1970). Disponível no setor de multimeios da Universidade Federal de Uberlândia, em peças teatrais, TT 412.

1492 – A conquista do paraíso. Dir. Ridley Scott. Inglaterra, 1992.

Encorçado Potemkim. Dir. Segei Eisenstein, 1925.

Outubro, Dir. Segei Eisenstein, 1928.

O gabinete do Dr. Caligari, Dir. Robert Wiene, 1919.

O Incrível Exército de Brancaleone, Dir. Mário Monicelli. 90 min, Look Filmes, 1965.

O pianista. Dir. Roman Polanski, 105 min, 2006.

Sigmund Freud: Analysis of a mind. Biography/BBC. Produzido por Henry Schiffer. A&E Television Network, 1995.

WR: Mysteries Of The Organism, de Dusan Makavejev, doc. (1989, 84 min.)